

Papa Francisco



HOMILIAS 2024

Editado por 



Santa Sé

PAPA FRANCISCO

Homilias 2024

Textos obtidos a partir de
vatican.va

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

LVII DIA MUNDIAL DA PAZ

Basílica de São Pedro

Segunda-feira, 1º de janeiro de 2024

As palavras do apóstolo Paulo iluminam o início do novo ano: «Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher» (*Gal 4, 4*). Impressiona a expressão «plenitude do tempo». Antigamente era costume medir o tempo esvaziando e enchendo ânforas: quando estavam vazias, começava um novo período de tempo, que terminava quando estivessem cheias. Vemos nisto a plenitude do tempo: quando a ânfora da história está cheia, a graça divina transborda. Deus faz-Se homem e faz-Se através de uma mulher, Maria. Ela é o caminho escolhido por Deus; Ela é o ponto de chegada de muitas pessoas e gerações que, «gota a gota», prepararam a vinda do Senhor ao mundo. Deste modo a Mãe está no coração do tempo: aprovou a Deus fazer a viragem da história através d'Ela, a mulher. Com esta palavra, a Escritura remete-nos para as origens, para a génese, e sugere-nos que a Mãe com o Menino assinala uma nova criação, um novo início. Portanto, no início do tempo da salvação, temos a Santa Mãe de Deus, a nossa Mãe santa.

Assim é bom que o ano se abra com a invocação d'Ela; é bom que o povo fiel, como outrora em Éfeso (eram corajosos, aqueles cristãos!), proclame com alegria a *Santa Mãe de Deus*. De facto, as palavras *Mãe de Deus* exprimem a feliz certeza de que o Senhor, terno Menino nos braços da Mãe, Se uniu para sempre à nossa humanidade, de tal modo que esta já não é só nossa, mas d'Ele. *Mãe de Deus*: poucas palavras para confessar a aliança eterna do Senhor conosco. *Mãe de Deus*, um dogma de fé, mas é também um «dogma de esperança»: Deus no homem e o homem em Deus, para sempre. A Santa Mãe de Deus.

Na plenitude do tempo, o Pai enviou o seu Filho nascido de uma mulher; o texto de São Paulo, porém, acrescenta um segundo envio: «Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “*Abbá!* – Pai!”» (*Gal 4, 6*). E a Mãe, também no envio do Espírito, é protagonista: o

Espírito Santo pousa sobre Ela na Anunciação (cf. *Lc* 1, 35); depois, nos primórdios da Igreja, desce sobre os Apóstolos reunidos em oração «com Maria, a Mãe» (*At* 1, 14). Assim, o acolhimento de Maria trouxe-nos os dons maiores: «tornou o Senhor de majestade nosso irmão» (Tomás de Celano, *Vita seconda*, CL, 198: *FF* 786) e possibilitou ao Espírito gritar nos nossos corações: «*Abbá – Papá*». *A maternidade de Maria é o caminho para encontrar a ternura paterna de Deus, o caminho mais próximo, mais direto, mais fácil*. Este é o estilo de Deus: proximidade, compaixão e ternura. Com efeito, é a Mãe que nos conduz ao início e ao coração da fé; esta não é uma teoria nem um empenho pessoal, mas um dom imenso, que nos faz filhos amados, moradas do amor do Pai. Por isso, acolher na própria vida a Mãe, não é uma decisão de mera devoção; é uma exigência de fé: «Se queremos ser cristãos, devemos ser marianos» (S. Paulo VI, *Homilia em Cagliari*, 24/IV/1970), isto é, filhos de Maria.

A Igreja precisa de Maria para descobrir o seu próprio rosto feminino: para se assemelhar ainda mais a Ela que, como mulher Virgem e Mãe, representa o seu modelo e figura perfeita (cf. *Lumen gentium*, 63); para abrir espaço às mulheres e ser geradora através duma pastoral feita de cuidado e solicitude, paciência e coragem materna. Mas, o próprio mundo precisa de olhar para as mães e as mulheres a fim de encontrar a paz, escapar das espirais da violência e do ódio, voltar a ter um olhar humano e um coração que vê. E toda a sociedade precisa de acolher o dom da mulher, de cada mulher: respeitá-la, protegê-la, valorizá-la, sabendo que, quem fere ainda que seja uma única mulher, profana Deus, nascido de mulher.

Maria, a *mulher*, assim como é decisiva na plenitude do tempo, também o é para a vida de cada um; porque ninguém melhor do que a Mãe conhece os tempos e as urgências dos filhos. Demonstra-no-lo mais uma vez um «início»: o primeiro sinal realizado por Jesus, nas bodas de Caná. Lá, é precisamente Maria que Se apercebe da falta do vinho e assinala o caso ao Filho (cf. *Jo* 2, 3). São as carências dos filhos que A movem a Ela, a Mãe, a instigar Jesus a intervir. E, em Caná, Jesus diz: «“Enchei as vasilhas de água”. Eles encheram-nas até acima» (*Jo* 2, 7-8). Maria, que conhece as nossas necessidades, apressa também o transbordamento da graça para nós e leva as nossas vidas rumo à plenitude. Irmãos, irmãs, todos nós temos falhas, solidões, vazios que pedem para ser preenchidos. Cada um de nós

conhece os seus. Quem poderá preenchê-los senão Maria, *Mãe da plenitude*? Quando sentirmos a tentação de nos fecharmos em nós mesmos, acorramos a Ela; quando não conseguirmos desembaraçar-nos por entre os nós da vida, procuremos refúgio n'Ela. Os nossos tempos, vazios de paz, precisam duma Mãe que congregue a família humana. Fixemos Maria para nos tornarmos construtores de unidade, fazendo-o com a sua criatividade de Mãe, que cuida dos filhos: reúne-os e conforta-os, escuta as suas penas e enxuga as suas lágrimas. Olhemos aquele ícone tão terno da *Virgo lactans* [da Abadia de Montevegine]! A Mãe é assim: com quanta ternura cuida de nós e permanece junto de nós. Cuida de nós e permanece ao nosso lado.

Confiemos o novo ano à Mãe de Deus. Consagremos-Lhe as nossas vidas. Ela saberá, com ternura, apontar-nos a sua plenitude; com efeito, levar-nos-á a Jesus, e Jesus é a plenitude do tempo, de cada tempo, do nosso tempo, do tempo de cada um de nós. De facto – como escreveu alguém – «não foi a plenitude dos tempos que fez com que o Filho de Deus fosse enviado, mas, ao invés, foi o envio do Filho que fez jorrar a plenitude dos tempos» (cf. M. Lutero, *Vorlesung über den Galaterbrief*, 1516-1517, 18). Irmãos e irmãs, que este ano seja cheio da consolação do Senhor! Que este ano seja repleto da ternura materna de Maria, a Santa Mãe de Deus.

E agora convido-vos a aclamar, todos juntos, três vezes «Santa Mãe de Deus!» Juntos: Santa Mãe de Deus! Santa Mãe de Deus! Santa Mãe de Deus!

SANTA MISSA DA SOLENIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

Basílica de São Pedro

Sábado, 6 de janeiro de 2024

Os Magos põem-se a caminho à procura do Rei que nasceu. São imagem dos povos que caminham em busca de Deus, dos estrangeiros que agora são conduzidos ao monte do Senhor (cf. *Is* 56, 6-7), dos distantes que agora podem ouvir o anúncio da salvação (cf. *Is* 33, 13), de todos os extraviados que escutam o apelo duma voz amiga. É que agora, na carne do Menino de Belém, a glória do Senhor revelou-se a todas as nações (cf. *Is* 40, 5) e «toda a criatura verá a salvação de Deus» (*Lc* 3, 6). É a peregrinação humana, a de cada um de nós, da distância à proximidade.

Os Magos têm *os olhos apontados para o céu, mas os pés caminhando na terra e o coração prostrado em adoração*. Repito: os olhos apontados para o céu, os pés caminhando na terra, o coração prostrado em adoração.

Em primeiro lugar, os Magos têm *os olhos apontados para o céu*. Habita-os a nostalgia do infinito, e o seu olhar é atraído pelos astros celestes. Não vivem a olhar para a ponta dos pés, fechados sobre si mesmos, prisioneiros dum horizonte terreno, arrastando-se na resignação ou na lamentação. *Levantam a cabeça*, à espera duma luz que ilumine o sentido da sua vida, uma salvação que vem do alto. E, assim, veem despontar uma estrela, a mais brilhante de todas, que os atrai e põe a caminho. Esta é a chave que abre o verdadeiro significado da nossa existência: se vivermos fechados no estreito perímetro das coisas terrenas, se caminhar-mos de cabeça baixa reféns dos nossos fracassos e saudosismos, se tivermos fome de bens e consolações mundanas – que hoje existem e amanhã desaparecem – em vez de buscarmos luz e amor, a nossa vida apaga-se. Os Magos, apesar de ser estrangeiros e ainda não ter encontrado Jesus, ensinam-nos a olhar para o alto, a manter o olhar voltado para o céu, a levantar o olhar para os montes donde nos virá o auxílio, porque o nosso auxílio vem do Senhor (cf. *Sal* 121, 1-2).

Irmãos e irmãs, os olhos apontados para o céu! Precisamos de ter um olhar voltado *para o alto* inclusive para aprender a ver a realidade *a partir*

do alto. Disso precisamos no caminho da vida, para nos fazer acompanhar pela amizade com o Senhor, pelo seu amor que nos sustenta, pela luz da sua Palavra que nos guia como estrela na noite. Disso precisamos no caminho da fé, para que não se reduza a um conjunto de práticas religiosas ou a um hábito exterior, mas se torne um fogo que arde dentro de nós e nos faz tornar apaixonados indagadores do rosto do Senhor e testemunhas do seu Evangelho. Disso precisamos na Igreja, onde, em vez de nos dividirmos com base nas nossas ideias, somos chamados a repor Deus no centro. Disso precisamos para abandonar as ideologias eclesiais, para encontrar o sentido da Santa Mãe Igreja, o *habitus* eclesial. Ideologias eclesiais, não; vocação eclesial, sim. No centro, deve estar o Senhor, e não as nossas ideias ou os nossos projetos. Recomeçamos de Deus, procuremos n'Ele a coragem de não nos determos perante as dificuldades, a força para superar os obstáculos, a alegria de viver na comunhão e na concórdia.

Os Magos não se limitam a olhar a estrela, as coisas elevadas, mas têm também *os pés caminhando na terra*. Põem-se em viagem rumo a Jerusalém e perguntam: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo» (Mt 2, 2). São uma coisa só: os pés associados com a contemplação. O astro que brilha no céu envia-os a percorrer as estradas da terra; ao levantar a cabeça para o alto, são impelidos a descer para baixo; ao procurar a Deus, são enviados para O encontrar no homem, num Menino que jaz numa manjedoura, porque Deus, que é o infinitamente grande, revelou-Se neste pequenino, no infinitamente pequenino. É preciso sabedoria, é preciso a assistência do Espírito Santo para compreender a grandeza e a pequenez na manifestação de Deus.

Irmãos e irmãs, os pés caminhando na terra! O dom da fé não nos é concedido para permanecermos a fixar o céu (cf. At 1, 11), mas para caminharmos pelas estradas do mundo como testemunhas do Evangelho; a luz que ilumina a nossa vida, o Senhor Jesus, não nos é dada apenas para sermos consolados nas nossas noites, mas para abrir frestas de luz nas densas trevas que envolvem muitas situações sociais; o Deus que nos vem visitar, não O encontramos permanecendo firmes numa bela teoria religiosa, mas somente pondo-nos a caminho, procurando os sinais da sua presença nas realidades quotidianas e, sobretudo, encontrando e tocando a carne dos irmãos. Contemplar Deus é lindo, mas só é fecundo se arriscamos, se

abraçamos o risco do serviço de levar Deus. Os Magos procuram Deus, o Deus grande, e encontram um Menino. Como é importante encontrar Deus em carne e osso, nos rostos que dia a dia se cruzam conosco, especialmente os dos mais pobres. Com efeito, os Magos ensinam-nos que o encontro com Deus sempre nos abre a uma esperança maior, que nos faz mudar estilos de vida e transformar o mundo. Bento XVI afirmava: «se falta a verdadeira esperança, procura-se a felicidade no êxtase, no supérfluo, nos excessos, e arruína-se a si mesmo e ao mundo. (...) Por isso há necessidade de homens que tenham grande esperança e possuam muita coragem. A coragem dos Magos, que empreenderam uma longa viagem seguindo uma estrela, e que souberam ajoelhar-se diante dum Menino e oferecer-lhe os seus preciosos dons» (*Homilia*, 06/I/2008).

Por fim, pensemos também que os Magos têm o *coração prostrado em adoração*. Fixam a estrela no céu, mas não se refugiam numa devoção desligada da terra; põem-se em viagem, mas não vagam como turistas sem meta. Chegaram a Belém e, quando viram o Menino, «prostrando-se, adoraram-No» (*Mt* 2, 11). Depois abriram os seus tesouros e ofereceram-Lhe ouro, incenso e mirra. «Com estes místicos dons, fazem conhecer quem é Aquele que adoram: com o ouro declaram que é Rei, com o incenso que é Deus, com a mirra que é mortal» (S. GREGÓRIO MAGNO, *Homilia X no dia da Epifania*, 6). Um rei que veio para nos servir, um Deus que Se fez homem. Diante deste mistério, somos chamados a inclinar o coração e dobrar os joelhos para adorar: adorar a Deus que vem na pequenez, que habita no ambiente normal das nossas casas, que morre por amor. Deus, «ao mesmo tempo que Se manifestava na imensidão do céu com os sinais dos astros, fazia-Se encontrar (...) num refúgio estreito; débil na carne numa criança, envolto em panos de recém-nascido, era adorado pelos Magos e temido pelos malvados» (S. AGOSTINO, *Discursos*, 200). Irmãos e irmãs, perdemos o hábito de adorar, perdemos esta capacidade que nos dá a adoração. Redescubramos o gosto da oração de adoração. Reconheçamos Jesus como nosso Deus, como nosso Senhor, e adoremos. Hoje os Magos convidam-nos a adorar. Há falta de adoração entre nós hoje.

Irmãos e irmãs, como os Magos, levantemos os olhos para o céu, ponhamo-nos a caminho à procura do Senhor, inclinemos o coração em adoração. Contemplar o céu, pôr-nos a caminho e adorar. E peçamos a

graça de nunca perder a coragem: a coragem de ser indagadores de Deus, homens de esperança, intrépidos sonhadores que perscrutam o céu, a coragem da perseverança em caminhar pelas estradas do mundo, com o cansaço do verdadeiro caminho e a coragem de adorar, a coragem de olhar para o Senhor que ilumina cada homem. Que o Senhor nos dê esta graça, sobretudo a graça de saber adorar.

DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS

Basílica de São Pedro

III Domingo do Tempo Comum, 21 de janeiro de 2024

Ouvimos que «Jesus lhes disse: “Vinde comigo (...)”. Deixando logo as redes, seguiram-No» (Mc 1, 17-18). Grande é a força da Palavra de Deus, como ouvimos também na primeira Leitura: «A palavra do Senhor foi dirigida pela segunda vez a Jonas, nestes termos: «“Levanta-te e vai a Nínive, (...) e apregoa nela o que Eu te ordenar”. Jonas levantou-se e foi a Nínive, segundo a ordem do Senhor» (Jn 3, 1-3). Da Palavra de Deus, irradia a força do Espírito Santo. É uma força que atrai a Deus, como aconteceu àqueles jovens pescadores, deslumbrados com as palavras de Jesus; e é uma força que envia aos outros, como no caso de Jonas, que vai ter com quantos estão longe do Senhor. Assim a Palavra atrai a Deus e envia aos outros. Atrai a Deus e envia aos outros: tal é o seu dinamismo. Não nos deixa fechados em nós mesmos, mas alarga o coração, faz inverter o rumo, altera os nossos hábitos, abre novos cenários, desvenda inesperados horizontes.

Irmãos e irmãs, a Palavra de Deus pretende operar isto em cada um de nós. Tal como aconteceu com os primeiros discípulos que, acolhendo as palavras de Jesus, deixam as redes e embarcam numa maravilhosa aventura, assim também nas margens da nossa vida, ao pé dos barcos de familiares e das redes do trabalho, a Palavra *suscita a chamada* de Jesus. Chama para, com Ele, nos fazermos ao largo ao encontro dos outros. Sim, a Palavra *suscita a missão*, faz-nos mensageiros e testemunhas de Deus num mundo cheio de palavras, mas sedento daquela Palavra com maiúscula que muitas vezes ignora. A Igreja vive deste dinamismo: é chamada por Cristo, atraída por Ele, e é enviada ao mundo para dar testemunho d’Ele. Este é o dinamismo na Igreja.

Não podemos prescindir da Palavra de Deus, da sua força suave que – como num diálogo – toca o coração, imprime-se na alma, renova-a com a paz de Jesus, que nos desinquieta em prol dos outros. Se olharmos para os amigos de Deus, para as testemunhas do Evangelho na história, para os santos, vemos que, para todos, foi decisiva a Palavra. Pensemos no primeiro

monge, Santo Antão, que, tocado durante a Missa por um trecho do Evangelho, deixou tudo por amor do Senhor; pensemos em Santo Agostinho, que deu uma reviravolta na vida quando uma palavra divina lhe curou o coração; pensemos em Santa Teresinha do Menino Jesus, que descobriu a sua vocação lendo as Cartas de São Paulo. E penso no Santo cujo nome adotei, Francisco de Assis, que, em oração, lê no Evangelho que Jesus envia os discípulos a pregar e exclama: «Isto eu quero, isto peço, isto anseio fazer de todo o coração!» (Tomás de Celano, *Vida primeira* IX, 22). São vidas transformadas pela Palavra de vida, pela Palavra do Senhor.

Mas pergunto-me: Porque é que não acontece o mesmo a muitos de nós? Muitas vezes escutamos a Palavra de Deus e entra por um ouvido e sai pelo outro, porquê? Decerto porque, como nos mostram estas testemunhas, é preciso não ser «surdo» à Palavra. Este é o nosso risco: arrastados por mil palavras, passa-nos por cima também a Palavra de Deus: ouvimo-la, mas não a escutamos; escutamo-la, mas não a guardamos; guardamo-la, mas não nos deixamos provocar à mudança de vida. Sobretudo lemo-la, mas não a rezamos; ora «a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração, para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, 25). Não esqueçamos as duas dimensões fundamentais da oração cristã: a escuta da Palavra e a adoração do Senhor. Demos espaço à Palavra de Jesus, à Palavra de Jesus rezada, e sucederá connosco como aos primeiros discípulos. Voltemos ao Evangelho de hoje, onde nos são referidos dois gestos que derivaram da Palavra de Jesus: «deixaram as redes e seguiram-No» (Mc 1, 18). Deixaram e seguiram. Detenhamo-nos brevemente nisto.

Deixaram. O que é que deixaram? O barco e as redes, isto é, a vida que levavam até àquele momento. Muitas vezes custa-nos deixar as nossas seguranças, os nossos hábitos, porque ficamos presos neles como os peixes na rede. Mas quem está em contacto com a Palavra, cura-se das prisões do passado, porque a Palavra viva, que reinterpreta a existência, sara também a memória ferida inserindo nela a recordação de Deus e das suas obras em nosso favor. A Sagrada Escritura funda-nos no bem, recorda-nos quem somos: filhos de Deus salvados e amados. «As fragrantas palavras do Senhor» (São Francisco de Assis, *Carta aos fiéis*) são como o mel, tornam deliciosa a vida: suscitam a doçura de Deus, nutrem a alma, afastam o

medo, vencem a solidão. E assim como fizeram aqueles discípulos deixar a sua vida repetitiva, feita de barcos e redes, assim também em nós renovam a fé, purificando-a e libertando-a de tantas escórias, levando-a às origens, à pureza que brota do Evangelho. Com a narração das obras de Deus por nós, a Sagrada Escritura solta as amarras duma fé paralisada e faz-nos saborear a vida cristã como ela é de verdade: uma história de amor com o Senhor.

Então os discípulos deixaram; e depois *seguiram* (deixaram e seguiram): atrás do Mestre, deram passos em frente. De facto a Palavra d'Ele, ao mesmo tempo que liberta dos estorvos do passado e do presente, faz amadurecer na verdade e na caridade: reanima o coração, sacode-o, purifica-o das hipocrisias e enche-o de esperança. A própria Bíblia assegura que a Palavra é concreta e eficaz: «como a chuva e a neve» na terra (cf. *Is* 55, 10-11); «como o fogo», «como um martelo que tritura a rocha» (*Jr* 23, 29); como uma espada afiada que «discerne os sentimentos e intenções do coração» (*Heb* 4, 12); como um germe incorruptível (*1 Ped* 1, 23) que, pequeno e escondido, germina e dá fruto (cf. *Mt* 13). «É tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que se torna (...) alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual» (*Dei Verbum*, 21).

Irmãos e irmãs, que o Domingo da Palavra de Deus nos ajude a regressar com alegria às nascentes da fé, que brota da escuta de Jesus, Verbo do Deus vivo. Que, por entre as palavras que se dizem e leem continuamente sobre a Igreja, nos ajude a redescobrir a Palavra de vida que ressoa na Igreja! Caso contrário, acabamos por falar mais de nós que d'Ele; e muitas vezes, no centro, ficam os nossos pensamentos e os nossos problemas, em vez de Cristo com a sua Palavra. Voltemos às nascentes para oferecer ao mundo aquela água viva que ele não encontra; e, enquanto a sociedade e as redes sociais acentuam a violência das palavras, concentremo-nos na mansidão da Palavra de Deus que salva, que é mansa, que não faz rumor, que penetra no coração.

E, para concluir, ponhamo-nos alguns interrogativos: Que lugar reservo eu para a Palavra de Deus na casa onde moro? Lá haverá livros, jornais, televisões, telefones, mas... onde está a Bíblia? No meu quarto, tenho ao alcance da mão o Evangelho? Leio-o cada dia para encontrar nele o rumo da vida? Na bolsa, trago um pequeno exemplar do Evangelho para o ler?

Muitas vezes dei de conselho que tivéssemos sempre connosco o Evangelho: no bolso, na bolsa, no telemóvel. Se, para mim, Cristo é mais querido do que qualquer outra realidade, como posso deixá-lo em casa e não trazer comigo a sua Palavra? E a última pergunta: Já li, na íntegra, pelo menos um dos quatro Evangelhos? O Evangelho é o livro da vida, é simples e breve, mas muitos crentes nunca leram um do começo ao fim.

Irmãos e irmãs, Deus – diz a Escritura – é «o próprio autor da beleza» (*Sab 13, 3*): deixemo-nos conquistar pela beleza que a Palavra de Deus traz à vida.

SOLENIIDADE DA CONVERSÃO DE SÃO PAULO APÓSTOLO

CELEBRAÇÃO DAS SEGUNDAS VÉSPERAS

LVII SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

Basílica de São Paulo Extramuros

Quinta-feira, 25 de janeiro de 2024

No Evangelho que ouvimos, o doutor da Lei, embora se dirija a Jesus tratando-O por «Mestre», não quer deixar-se instruir por Ele, mas pô-Lo à prova «para O experimentar». Entretanto um equívoco ainda maior emerge da sua pergunta: «Que hei de fazer para possuir a vida eterna?» (*Lc 10, 25*). Fazer para possuir, fazer para ter: estamos perante uma religiosidade deturpada, assente na posse e não no dom, onde Deus é o meio para obter aquilo que quero, e não o fim que devo amar com todo o coração. Mas Jesus é paciente e convida aquele homem a encontrar a resposta na Lei em que é perito; nela se prescreve: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo» (*Lc 10, 27*).

Então o doutor da Lei, «querendo justificar a pergunta», coloca uma segunda questão: «E quem é o meu próximo?» (*Lc 10, 29*). Se, na primeira pergunta, se arriscava a reduzir Deus ao próprio «eu», nesta procura-se dividir: dividir as pessoas entre aquelas que se deve amar e aquelas que se pode ignorar. E dividir nunca vem de Deus; é do diabo, que sempre divide. Jesus, porém, não replica com uma teoria, mas com a parábola do bom samaritano, com uma história concreta, que nos interpela também a nós. Com efeito, queridos irmãos e irmãs, quem se comporta mal, com indiferença, é o sacerdote e o levita que antepõem, às carências de quem sofre, a salvaguarda das suas tradições religiosas. Ao contrário é um herege, um Samaritano, que dá sentido à palavra «próximo», porque *se faz próximo*: sente compaixão, aproxima-se e inclina-se com ternura sobre as feridas daquele irmão; cuida dele, independentemente do seu passado e das suas culpas, e serve-o com o melhor de si mesmo (cf. *Lc 10, 33-35*). Isto permite a Jesus concluir que a pergunta correta não é «*Quem é o meu próximo?*», mas «*Eu... faço-me próximo?*» Só este amor que se torna serviço gratuito, só este amor que Jesus proclamou e viveu, aproximará uns dos outros os

cristãos separados. Sim, só este amor, que não esquadrinha o passado para justificar distâncias ou acusações, só este amor que, em nome de Deus, antepõe o irmão à férrea defesa do próprio sistema religioso, só este amor... nos unirá. Primeiro o irmão, depois o sistema.

Irmãos e irmãs, entre nós não deveríamos jamais perguntar-nos «*quem é o meu próximo?*». Porque todo o batizado pertence ao mesmo Corpo de Cristo; mais ainda, porque cada pessoa no mundo é meu irmão ou minha irmã e, todos, compomos a «sinfonia da humanidade», da qual Cristo é primogénito e redentor. Como recorda Santo Ireneu (que teve a alegria de proclamar «Doutor da unidade»), «quem ama a verdade não deve deixar-se enganar pela diferença entre cada um dos sons, nem imaginar que um músico seja o artífice e o criador deste som e outro o artífice e o criador do outro (...) mas há de pensar que um único músico os produziu a ambos» (*Adversus haereses* II, 25, 2). Assim não devo perguntar «*quem é o meu próximo?*», mas «*eu...faço-me próximo?*» Eu e, depois, a minha comunidade, a minha Igreja, a minha espiritualidade... fazemo-nos próximo? Ou ficamos entrincheirados na defesa dos próprios interesses, ciosos da própria autonomia, fechados no cálculo das próprias vantagens, estabelecendo relações com os outros apenas para daí ganhar qualquer coisa? Se assim fosse, não se trataria apenas de erros estratégicos, mas de infidelidade ao Evangelho.

«*Que hei de fazer para possuir a vida eterna?*»: começara assim o diálogo entre o doutor da Lei e Jesus. Mas tal pergunta também acaba alterada graças ao Apóstolo Paulo, de quem hoje celebramos a conversão, nesta Basílica a ele dedicada. Pois bem, justamente quando Saulo de Tarso, perseguidor dos cristãos, encontra Jesus naquela visão de luz que o envolve e muda a sua vida, pergunta-Lhe: «*Que hei de fazer, Senhor?*» (*At* 22, 10). Não pergunta «*que hei de fazer para possuir...*», mas «*que hei de fazer, Senhor?*». O Senhor é o fim do pedido, a verdadeira herança, o bem supremo. Paulo não muda de vida na base dos seus objetivos, não se torna melhor porque realiza os seus projetos. A sua conversão nasce duma reviravolta existencial, onde a primazia já não pertence à sua valentia em praticar a Lei, mas à docilidade para com Deus, numa abertura total ao que Ele quer. Não à sua valentia, mas à sua docilidade: uma reviravolta da valentia à docilidade. Se Jesus é o tesouro, o nosso programa eclesial não

pode consistir senão em fazer a sua vontade, em ir ao encontro dos seus desejos. E Ele, na noite antes de dar a vida por nós, elevou uma ardente súplica ao Pai por todos nós, «para que todos sejam um só» (Jo 17, 21). Esta é a sua vontade.

Todos os esforços feitos com vista à plena unidade são chamados a seguir o mesmo percurso de Paulo, a pôr de lado a centralidade das nossas ideias para procurar a voz do Senhor e deixar-Lhe iniciativa e espaço. Bem o compreendera um outro Paulo, grande pioneiro do movimento ecuménico, o Abade Paulo Couturier, que na oração costumava implorar a unidade dos crentes «como Cristo a quer», «com os meios que Ele quer». Precisamos desta conversão de perspectiva e sobretudo de coração, pois, como afirmou o Concílio Vaticano II há sessenta anos, «não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior» (Decr. Unitatis redintegratio, 7). Enquanto rezamos juntos, reconheçamos – cada qual partindo de si mesmo – que precisamos de nos converter, de permitir que o Senhor mude os nossos corações. Esta é a estrada: caminhar juntos e servir juntos, colocando a oração em primeiro lugar. De facto, quando os cristãos maturam no serviço de Deus e do próximo, crescem também na compreensão mútua, como afirma o mesmo Concílio: «Quanto mais unidos estiverem em comunhão estreita com o Pai, o Verbo e o Espírito, tanto mais íntima e facilmente conseguirão aumentar a fraternidade mútua» (Ibidem).

Por isso encontramos-nos aqui, nesta tarde, vindos de diferentes países, de diversas culturas e tradições. Agradeço a Sua Graça Justin Welby, Arcebispo de Cantuária, ao Metropolita Policarpo, representante do Patriarcado Ecuménico, e a todos vós que tornais presente muitas comunidades cristãs. Dirijo uma saudação especial aos membros da Comissão Mista Internacional para o diálogo teológico entre a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas Orientais, que celebram o XX aniversário do seu caminho, e aos Bispos católicos e anglicanos que participam no encontro da Comissão Internacional para a Unidade e a Missão. É belo poder hoje, com o meu irmão Arcebispo Justin, conferir a estes pares de Bispos o mandato de continuar a testemunhar a unidade querida por Deus para a sua Igreja nas respetivas regiões, avançando juntos para «difundir a misericórdia e a paz de Deus num mundo delas carecido» (Apelo dos bispos IARCCUM, Roma 2016). Saúdo também os bolseiros do Comité para a

Colaboração Cultural com as Igrejas Ortodoxas do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos e os participantes nas visitas de estudo organizadas para jovens sacerdotes e monges das Igrejas Ortodoxas Orientais, e para os estudantes do Instituto Ecuménico de Bossey do Conselho Ecuménico das Igrejas.

Juntos, como irmãos e irmãs em Cristo, rezemos com Paulo dizendo: «*Que hei de fazer, Senhor?*» E, no próprio ato de colocar a pergunta, já existe uma resposta, porque a primeira resposta é a oração. Rezar pela unidade é o primeiro dever do nosso caminho. E é um dever santo, porque é estar em comunhão com o Senhor, que antes de mais nada rezou ao Pai pela unidade. E continuemos a rezar ainda pelo fim das guerras, especialmente na Ucrânia e na Terra Santa. Penso sentidamente no amado povo do Burkina Faso, em particular nas comunidades que lá prepararam o material para esta Semana de Oração pela Unidade: oxalá o amor ao próximo tome o lugar da violência que aflige o seu país.

«*Que hei de fazer, Senhor?*» E o Senhor – conta Paulo – disse-me: «*Ergue-te e vai...*» (At 22, 10). *Ergue-te*, diz Jesus a cada um de nós e à nossa busca de unidade. Ergamo-nos então, em nome de Cristo, dos nossos cansaços e das nossas rotinas, e prossigamos, avancemos, porque Ele o quer, e quere-lo para que «o mundo creia» (Jo 17, 21). Rezemos, pois, e sigamos em frente, porque é isto que Deus deseja de nós. É isto que Ele deseja de nós.

FESTA DA APRESENTAÇÃO DO SENHOR
XXVIII DIA MUNDIAL DA VIDA CONSAGRADA

Basílica de São Pedro

Sexta-feira, 2 de fevereiro de 2024

Ao povo que esperava a salvação do Senhor, os profetas anunciavam a sua vinda, como afirma o profeta Malaquias: «Entrará no seu santuário o Senhor, que vós procurais, e o mensageiro da aliança, que vós desejais. Eilo que chega!» (3, 1). Simeão e Ana são imagem e figura desta expectativa. Veem entrar o Senhor no seu santuário e, iluminados pelo Espírito Santo, reconhecem-No no Menino que Maria traz ao colo. Esperaram por Ele durante toda a vida: Simeão, homem «justo e piedoso que esperava a consolação de Israel» (Lc 2, 25), e Ana, que «não se afastava do templo» (Lc 2, 37).

Faz-nos bem contemplar estes dois anciãos, pacientes na expectativa, vigilantes no espírito e perseverantes na oração. O seu coração manteve-se desperto, como uma tocha sempre acesa. São de idade avançada, mas têm a juventude do coração; não se deixam desgastar pelos dias, porque, na expectativa, os seus olhos permanecem voltados para Deus (cf. *Sal* 145, 15)... voltados para Deus em expectativa, sempre à espera. Ao longo do caminho da vida, sentiram dificuldades e desilusões, mas não cederam ao derrotismo: não «mandaram para a reforma» a esperança. E assim, ao contemplar o Menino, reconhecem que o tempo se completou, que a profecia se realizou; Aquele que procuravam e por Quem suspiravam, o Messias das nações, chegou. Mantendo viva a expectativa do Senhor, tornam-se capazes de O acolher na novidade da sua vinda.

Irmãos e irmãs, a *expectativa de Deus* é importante também para nós, para o nosso caminho de fé. Todos os dias, nos visita o Senhor: fala-nos, revela-Se-nos de maneira inesperada e há de vir no fim da vida e dos tempos. Por isso, Ele mesmo nos exorta a permanecer despertos, a vigiar, a perseverar na expectativa. De facto, a pior coisa que nos pode acontecer é deixar-nos cair no «sono do espírito»: adormecer o coração, anestesiar a

alma, arquivar a esperança nos cantos obscuros das decepções e resignações.

Penso em vós, irmãos e irmãs consagrados, e no dom que sois; penso em cada um de nós, cristãos de hoje... Ainda somos capazes de viver a expectativa? Não ficaremos às vezes demasiado ocupados connosco próprios, com as coisas e os ritmos intensos de cada dia, a ponto de nos esquecermos de Deus que sempre vem? Porventura não estaremos demasiado enleados com as nossas obras de bem-fazer, arriscando-nos a reduzir a própria vida consagrada e cristã às «muitas coisas a fazer» e negligenciando a busca diária do Senhor? Não correremos por vezes o risco de programar a vida pessoal e a vida comunitária com base no cálculo das possibilidades de sucesso, em vez de cultivar com alegria e humildade a pequena semente que nos foi confiada, na paciência de quem semeia sem esperar recompensa e de quem sabe esperar pelos tempos e as surpresas de Deus? Às vezes – temos de o reconhecer – perdemos esta *capacidade de esperar*. Isto depende de vários obstáculos, dos quais me apraz destacar dois.

O primeiro obstáculo que nos faz perder a capacidade de esperar é a *negligência da vida interior*. Acontece quando o cansaço prevalece sobre o encanto, quando o hábito ocupa o lugar do entusiasmo, quando perdemos a perseverança no caminho espiritual, quando as experiências negativas, os conflitos ou a demora no aparecimento dos frutos nos transformam em *peessoas amargas e amarguradas*. Não nos faz bem ruminar a amargura, porque, numa família religiosa – como em qualquer comunidade e família –, as pessoas amarguradas e de «cara triste» tornam a atmosfera pesada; são pessoas que parecem ter vinagre no coração. Então é necessário recuperar a graça perdida: voltar atrás e, através duma vida interior intensa, regressar ao espírito de humildade jubilosa, de silenciosa gratidão. E isto alimenta-se com a adoração, com o trabalho rezado e feito de coração, com a oração concreta que luta e intercede, capaz de despertar o anélito de Deus, o amor de outrora, o encanto do primeiro dia, o gosto da expectativa.

O segundo obstáculo é a *adaptação ao estilo do mundo*, que acaba por ocupar o lugar do Evangelho. E o nosso é um mundo que frequentemente corre a grande velocidade, que exalta o «tudo e já», que se consome no

ativismo e procura exorcizar os medos e as angústias da vida nos templos pagãos do consumismo ou da diversão a todo o custo. Em tal contexto, onde é banido e se perdeu o silêncio, esperar não é fácil, porque exige um comportamento de sadia passividade, a coragem de abrandar o passo, de não nos deixarmos dominar pelas atividades, de criar espaço dentro de nós para a ação de Deus, como ensina a mística cristã. Por conseguinte estejamos atentos para que o espírito mundano não entre nas nossas comunidades religiosas, na vida eclesial e no caminho de cada um de nós; caso contrário, não daremos fruto. A vida cristã e a missão apostólica precisam que a expectativa, amadurecida na oração e na fidelidade diária, nos liberte do mito da eficiência, da obsessão do lucro e, sobretudo, da pretensão de encerrar Deus nas nossas categorias, porque Ele vem sempre de modo imprevisível, vem sempre em tempos que não são os nossos e sob forma diferente da que esperávamos.

Como afirma a mística e filósofa francesa Simone Weil, somos a noiva que espera durante a noite a chegada do noivo, e «o papel da futura esposa é a expectativa (...). Desejar Deus e renunciar a tudo o mais: nisto apenas consiste a salvação» (S. Weil, *Expectativa de Deus*, Milão 1991, 152). Irmãs, irmãos, cultivemos na oração a expectativa do Senhor e aprendamos a «passividade boa do Espírito»: assim seremos capazes de nos abrir à novidade de Deus.

Como Simeão, tomemos nos braços, também nós, o Menino, o Deus da novidade e das surpresas. Acolhendo o Senhor, o passado abre-se ao futuro, o velho que sobrevive em nós abre-se ao novo que Ele gera. Sabemos que isto não é simples, porque, na vida religiosa – como aliás na de cada cristão –, é difícil opor-se à «força do velho»: «de facto, não é fácil para o velho que há em nós acolher a criança, o novo – acolher o novo, na nossa velhice, acolher o novo - (...). A novidade de Deus apresenta-se como uma criança e nós, com todos os nossos hábitos, medos, temores, invejas – atenção às invejas! –, preocupações, temos à nossa frente esta criança. Abraçá-la-emos, acolhê-la-emos, dar-lhe-emos espaço? Esta novidade entrará verdadeiramente na nossa vida ou, ao contrário, tentaremos compagnar velho e novo, procurando deixar-nos perturbar o menos possível pela presença da novidade de Deus?» (C. M. Martini, *Algo de muito pessoal. Meditações sobre a Oração*, Milão 2009, 32-33).

Irmãos e irmãs, estas perguntas são-nos dirigidas a nós, a cada um de nós, são dirigidas às nossas comunidades, são dirigidas à Igreja. Deixemo-nos interpelar, deixemo-nos mover pelo Espírito, como Simeão e Ana. Se vivermos, como eles, a expectativa salvaguardando a vida interior e permanecendo coerentes com o estilo do Evangelho, se vivermos, como eles, a expectativa, abraçaremos Jesus, que é luz e esperança da vida.

SANTA MISSA E CANONIZAÇÃO
DA BEATA MARIA ANTONIA DI SAN GIUSEPPE DE PAZ Y FIGUEROA

Basílica de São Pedro

Domingo VI do Tempo Comum, 11 de fevereiro de 2024

A primeira Leitura (cf. *Lv* 13, 1-2.45-46) e o Evangelho (cf. *Mc* 1, 40-45) falam da lepra, uma doença que causa a progressiva destruição física da pessoa e que muitas vezes, infelizmente, ainda está hoje associada em certos lugares com atitudes de marginalização. Lepra e marginalização são dois males de que Jesus quer libertar o homem que encontra no Evangelho. Vejamos a sua situação.

Aquele leproso é obrigado a viver fora da cidade. Fragilizado pela doença, em vez de receber ajuda dos seus concidadãos, é abandonado a si mesmo, acabando duplamente ferido pelo afastamento e a rejeição. Porquê? Em primeiro lugar, por medo; medo de ser contagiado e acabar como ele: «Que não nos aconteça o mesmo... É melhor não arriscar! Mantenhamo-nos à distância». O medo; depois, por preconceito: «Se lhe veio uma doença assim horrível, com certeza (era opinião comum) é porque Deus o está a castigar por qualquer falta que cometera; merece-o. É bem feito!»

Este é o preconceito. E, finalmente, por uma falsa religiosidade: pensava-se então que tocar um morto tornava a pessoa impura, e os leprosos eram pessoas cuja carne lhe «morria no corpo»; por isso tocá-los (assim se pensava!) significava tornar-se impuro como eles: trata-se duma religiosidade vesga, que levanta barreiras e mina a piedade.

Medo, preconceito e falsa religiosidade: aqui estão três causas duma grande injustiça, três «lepras da alma» que fazem sofrer uma pessoa frágil, descartando-a como qualquer desperdício. Irmãos, irmãs, não pensemos que se trata de coisas só do passado. Quantas pessoas sofredoras encontramos nos passeios das nossas cidades! E quantos medos, preconceitos e incoerências, mesmo entre quem acredita e se professa cristão, continuam a ferir ainda mais! Também no nosso tempo há tanta marginalização, há barreiras a derrubar, «lepras» a curar. Mas como? O que podemos fazer? O que faz Jesus? Jesus realiza dois gestos: toca e cura.

Primeiro gesto: *tocar*. Como resposta à súplica de ajuda daquele homem (cf. *Mc* 1, 40), Jesus sente compaixão, para, estende a mão e toca-o (cf. 1, 41), mesmo sabendo que Ele próprio, ao fazê-lo, tornar-Se-á uma «pessoa rejeitada». Mais ainda! Paradoxalmente, invertem-se os papéis: o doente, quando estiver curado, poderá ir ter com os sacerdotes e ser readmitido na comunidade; Jesus, ao contrário, não poderá mais entrar em nenhum centro habitado (cf. 1, 45). Ora o Senhor poderia evitar de tocar naquela pessoa; bastava «curá-la à distância». Mas Cristo não pensa assim; o seu caminho é o do amor, que O faz aproximar de quem sofre, entrar em contacto, tocar as suas feridas. A proximidade de Deus. Jesus é próximo, Deus é próximo. O nosso Deus, queridos irmãos e irmãs, não Se manteve distante no céu, mas em Jesus fez-Se homem para tocar a nossa pobreza. E perante a «lepra» mais grave, que é o pecado, não hesitou em morrer na cruz, fora das muralhas da cidade, rejeitado como um pecador, como um leproso, para tocar a fundo a nossa realidade humana. Um santo escreveu: «Fez-se leproso por nós».

E nós, que amamos e seguimos Jesus, sabemos assumir o mesmo «toque» d'Ele? Não é fácil e devemos prestar atenção sempre que, no coração, aparecem os instintos opostos àquele seu «aproximar-Se» e «fazer-Se dom»: por exemplo, quando nos distanciamos dos outros para pensar em nós mesmos, quando circunscrevemos o mundo às muralhas do nosso «estar tranquilos», quando julgamos que o problema são sempre e só os outros... Nestes casos, tenhamos cuidado, porque o diagnóstico é claro: «lepra da alma». Uma doença que nos torna insensíveis ao amor, à compaixão, que nos destrói com as «gangrenas» do egoísmo, preconceito, indiferença e intolerância. Tenhamos cuidado também porque, irmãos e irmãs, como acontece na fase inicial da doença com as primeiras manchas de lepra que aparecem na pele, se não se tomar medidas imediatas, a infeção cresce e torna-se devastadora. Diante deste risco, da possibilidade desta enfermidade em nossa alma, qual é a cura?

Nisto ajuda-nos o segundo gesto de Jesus, que *cura* (cf. *Mc* 1, 42). De facto, aquele seu «tocar» não indica apenas proximidade, mas é o início da cura. E o estilo de Deus é a proximidade: Deus é sempre próximo, compassivo e terno. Proximidade, compaixão e ternura. Este é o estilo de Deus. E nós, estamos abertos a isto? Pois é deixando-nos tocar por Jesus

que nos curamos intimamente, no coração. Se nos deixarmos tocar por Ele na oração, na adoração, se Lhe permitirmos agir em nós através da sua Palavra e dos Sacramentos, o seu contacto muda-nos realmente, cura-nos do pecado, liberta-nos de fechamentos, transforma-nos para além daquilo que podemos fazer sozinhos, com os nossos esforços. As nossas partes feridas – as do coração e da alma –, as doenças da alma devem ser levadas a Jesus. É isto que faz a oração; não uma oração abstrata, feita apenas de repetição de fórmulas, mas uma oração sincera e viva, que depõe aos pés de Cristo as misérias, as fragilidades, as falsidades, os medos. Pensemos e perguntemonos: Deixo Jesus tocar as minhas «lepras», para que me cure?

Com efeito, ao «toque» de Jesus, renasce o melhor de nós mesmos: os tecidos do coração regeneram-se; o sangue dos nossos impulsos criativos recomeça a fluir cheio de amor; as feridas dos erros do passado cicatrizam-se e a pele das relações recupera a sua consistência sadia e natural. Assim retorna a beleza que possuímos, a beleza que somos; a beleza de sermos amados por Cristo, redescobrimos a alegria de nos doar aos outros, sem medos nem preconceitos, livres de formas de religiosidade anestesiante e desinteressada da carne do irmão; retoma força em nós a capacidade de amar, para além de todo e qualquer cálculo e conveniência.

Então, como diz uma página muito bela da Escritura (cf. *Ez 37,1-14*), daquilo que parecia um vale de ossos secos, ressurgem corpos vivos e renasce um povo de salvados, uma comunidade de irmãos. Mas seria enganador pensar que este milagre, para se realizar, requeira formas grandiosas e espetaculares. Na verdade, acontece principalmente na caridade sem alarde de cada dia: a caridade que se vive na família, no trabalho, na paróquia e na escola; na rua, no escritório e no mercado; a caridade que não busca publicidade nem precisa de aplausos, porque ao amor basta o amor (cf. Santo Agostinho, *Enarratio in psalmos 118, 8, 3*). Jesus sublinha isto hoje, quando ordena ao homem curado que não fale do caso a ninguém (cf. *Mc 1, 44*): proximidade e discrição. Irmãos e irmãs, é assim que Deus nos ama e, se nos deixarmos tocar por Ele, também nós, com a força do seu Espírito, poderemos tornar-nos testemunhas do amor que salva.

E hoje pensemos em Maria Antónia de São José, «Mama Antula». Foi uma peregrina do Espírito. Percorreu milhares de quilómetros a pé, através de desertos e de estradas perigosas, para levar Deus às pessoas. Hoje é para nós um modelo de fervor e de audácia apostólica. Quando os jesuítas foram expulsos, o Espírito acendeu nela uma chama missionária fundada sobre a confiança na Providência e sobre a perseverança. Invocou a intercessão de São José e, para não o cansar muito, também a de São Caetano de Thiene. Por este motivo, introduziu a devoção a este último, e a sua primeira imagem chegou a Buenos Aires no século XVIII. Graças à «Mama Antula» este santo, intercessor da Divina Providência, fez caminho entre as casas, os bairros, nos meios de transporte, nos locais de comércio, nas fábricas e nos corações, para oferecer uma vida digna através do trabalho, a justiça e o pão de cada dia na mesa dos pobres. Peçamos hoje a Maria Antónia, a Santa Maria Antónia de São José, que nos ajude muito. O Senhor nos abençoe a todos.

SANTA MISSA, BÊNÇÃO E IMPOSIÇÃO DAS CINZAS

Basílica de Santa Sabina

Quarta-feira, 14 de fevereiro de 2024

Quando deres esmola, quando rezares, quando jejuares, procura fazê-lo em segredo: o teu Pai, de facto, vê no segredo (cf. *Mt* 6, 4). Entra no segredo: este é o convite que Jesus dirige a cada um de nós no início do caminho da Quaresma.

Entrar no segredo significa voltar *ao coração*, como adverte o profeta Joel (cf. *Jl* 2, 12). Trata-se dum percurso de fora para dentro, a fim de que todo o nosso viver, incluindo a nossa relação com Deus, não se reduza a exterioridade, a uma moldura sem quadro, a mero revestimento da alma, mas brote de dentro e corresponda aos movimentos do coração, isto é, aos nossos desejos, aos nossos pensamentos, ao nosso sentir, ao núcleo fontal da nossa pessoa.

Deste modo a Quaresma mergulha-nos num banho de purificação e despojamento: ajuda-nos a retirar toda a «maquilhagem», tudo aquilo de que nos revestimos para brilhar, para aparecer melhores do que somos. Voltar ao coração significa tornar ao nosso verdadeiro eu e apresentá-lo nu e sem disfarces, como é diante de Deus. Significa olhar dentro de nós mesmos e tomar consciência daquilo que somos realmente, tirando as máscaras que muitas vezes utilizamos, diminuindo a corrida do nosso frenesim, abraçando a vida e a verdade de nós mesmos. A vida não é um teatro, e a Quaresma convida-nos a descer do palco do fingimento e regressar ao coração, à verdade daquilo que somos. Regressar ao coração, regressar à verdade.

Por isso nesta tarde recebemos, com espírito de oração e humildade, as cinzas na cabeça. Trata-se dum gesto que visa reconduzir-nos à realidade essencial de nós mesmos: somos pó, a nossa vida é como um sopro (cf. *Sal* 39, 6; 144, 4), mas o Senhor – Ele, e só Ele! Não outros... – não deixa que ela desapareça; recolhe e plasma o pó que somos, para que não acabe disperso pelos ventos impetuosos da vida nem se dissolva no abismo da morte.

As cinzas postas sobre a nossa cabeça convidam-nos a redescobrir o segredo da vida. Dizem-nos: enquanto continuares a usar uma armadura que cobre o coração, enquanto te disfarçares com a máscara das aparências, a exhibir uma luz artificial para te mostrares invencível, permanecerás árido e vazio. Pelo contrário, quando tiveres a coragem de inclinar a cabeça para te olhares intimamente, então poderás descobrir a presença dum Deus que te ama, e te ama desde sempre; finalmente despedaçar-se-ão as couraças de que te revestiste e poderás sentir-te amado com amor eterno.

Irmã, irmão, eu, tu, cada um de nós, todos somos amados com amor eterno. Não passamos de cinza sobre a qual Deus insuflou o seu sopro de vida, somos terra que Ele plasmou com as suas mãos (cf. *Gn* 2, 7; *Sal* 119, 73), somos pó do qual ressurgiremos para uma vida sem fim, desde sempre preparada para nós (cf. *Is* 26, 19). E se arder, sob as cinzas que somos, o fogo do amor de Deus, descobriremos que somos empastados deste amor e chamados ao amor: amar os irmãos que nos rodeiam, estar atento aos outros, viver a compaixão, usar de misericórdia, partilhar aquilo que somos e temos com quem passa necessidade. Por isso, a esmola, a oração e o jejum não se podem reduzir a práticas exteriores, mas são caminhos que nos levam de volta ao coração, ao essencial da vida cristã. Fazem-nos descobrir que somos cinza amada por Deus e tornam-nos capazes de difundir o mesmo amor sobre as «cinzas» de tantas situações quotidianas para que nelas renasçam esperança, confiança, alegria.

Santo Anselmo de Aosta deixou-nos a seguinte exortação, que podemos fazer nossa nesta tarde: «Escapa por um pouco das tuas ocupações, deixa por um pouco os teus pensamentos tumultuosos. Neste momento, afasta as preocupações graves e deixa de lado as tuas canseiras. Presta um pouco de atenção a Deus e descansa n'Ele. Entra no íntimo da tua alma, exclui tudo à exceção de Deus e daquilo que te ajuda a procurá-Lo e, fechada a porta, procura-O. Ó meu coração, agora com toda a tua força, diz a Deus: Procuro o vosso rosto. O vosso rosto, Senhor, eu procuro» (*Proslógion*, 1).

Nesta Quaresma, escutemos a voz do Senhor que não Se cansa de nos repetir: *entra no segredo*. Entra no segredo, volta ao coração. É um convite salutar, para nós que muitas vezes vivemos à superfície, que nos agitamos para ser notados, que sempre temos necessidade de ser admirados e

apreciados. Sem nos dar conta, já não temos um lugar secreto onde parar e nos protegemos, imersos num mundo onde tudo, incluindo as mais íntimas emoções e sentimentos, se deve tornar «*social*». Mas como pode ser *social* aquilo que não brota do coração? Mesmo as experiências mais trágicas e dolorosas correm o risco de não ter um lugar secreto que as guarde: tudo deve ser manifestado, ostentado, dado em pasto à coscuvilhice da hora. Por isso nos diz o Senhor: *entra no segredo*, volta ao centro de ti mesmo. Aí onde se abrigam também tantos medos, sentimentos de culpa e pecados, precisamente aí desceu o Senhor; desceu para te curar e purificar. Entremos no nosso quarto interior: aí habita o Senhor, é acolhida a nossa fragilidade e somos amados sem condições.

Voltemos, irmãos e irmãs! Voltemos para Deus com todo o coração. Nestas semanas de Quaresma, demos espaço à oração feita de adoração silenciosa, na qual permaneçamos na presença do Senhor à escuta como Moisés, Elias, Maria, como Jesus. Já nos demos conta de ter perdido o sentido da adoração? Voltemos à adoração. Inclinem os ouvidos do coração Àquele que, no silêncio, nos quer dizer: «Eu sou o teu Deus, Deus de misericórdia e compaixão, o Deus do perdão e do amor, o Deus da ternura e da solicitude. (...) Não te julgues a ti mesmo. Não te condenes. Não sintas aversão de ti. Deixa que o meu amor toque os recônditos mais profundos e escondidos do teu coração e te revele a tua própria beleza; uma beleza que perdeste de vista, mas que se te vai tornar novamente visível na luz da minha misericórdia». O Senhor chama-nos: «Vem, vem! Permite-Me enxugar as tuas lágrimas, deixa que a minha boca se aproxime mais do teu ouvido e te diga: Eu te amo, te amo, te amo» (H. Nouwen, *A caminho da aurora*, Brescia 1997, 233). Cremos nós que o Senhor nos ama, que o Senhor me ama?

Irmãos e irmãs, não tenhamos medo de nos despojar dos revestimentos mundanos e voltar ao coração, regressar ao essencial. Pensemos em São Francisco que, uma vez despido, abraçou com todo o seu ser o Pai que está nos céus. Reconheçamo-nos pelo que somos: pó amado por Deus, chamado a ser pó apaixonado por Deus. Graças a Ele, renascemos das cinzas do pecado para a vida nova em Jesus Cristo e no Espírito Santo.

CELEBRAÇÃO DA RECONCILIAÇÃO

"24 HORAS PARA O SENHOR"

Igreja paroquial São Pio V no bairro Aurelio

Quarta-feira, 8 de março de 2024

«Podemos caminhar numa vida nova» (Rm 6, 4): assim escreve o apóstolo Paulo aos primeiros cristãos desta Igreja de Roma. Mas em que consiste a *vida nova* de que fala? É a vida que nasce do Batismo, que nos mergulha na morte e ressurreição de Jesus, tornando-nos para sempre filhos de Deus, filhos da ressurreição, destinados à vida eterna, orientados para as realidades do alto. É a vida que nos faz progredir na nossa identidade mais verdadeira, a de filhos amados do Pai, de modo que todas as tristezas e obstáculos, fadigas e tribulações não possam prevalecer sobre esta maravilhosa realidade que nos fundamenta: somos filhos do bom Deus!

Ouvimos que São Paulo associa a vida nova a um verbo: *caminhar*. Assim, a vida nova, encetada no Batismo, é um caminho. E neste caminho não há reforma! Neste caminho ninguém se retira, vai-se sempre em frente. E, depois de tantos passos ao longo do caminho, talvez tenhamos perdido de vista a vida santa que flui dentro de nós: dia após dia, imersos num ritmo repetitivo, participando em mil atividades, atordoados por tantas mensagens, procuramos em toda a parte satisfações e novidades, estímulos e sensações positivas, esquecendo-nos de que já existe uma vida nova que flui dentro de nós e que, como brasas sob as cinzas, está à espera de arder e iluminar tudo. Quando estamos atarefados com tantas coisas, pensamos no Espírito Santo que está dentro de nós e nos conduz? Acontece que muitas vezes não penso nisto, e é mau. Estar assim, envolvido em tantas tribulações, faz-nos esquecer o verdadeiro caminho que percorremos na vida nova.

Devemos procurar as brasas sob as cinzas, aquelas cinzas que se depositaram no coração e escondem a beleza da nossa alma; escondem-na. Então Deus, que na vida nova é nosso Pai, aparece-nos como um patrão; em vez de nos confiarmos a ele, negociamos com ele; em vez de o amarmos, tememo-lo. E os outros, em vez de serem irmãos e irmãs, enquanto filhos

do mesmo Pai, parecem-nos obstáculos e adversários. Existe um mau hábito: transformar os nossos companheiros de caminho em adversários. E muitas vezes fazemos isto. Os defeitos do próximo parecem-nos exagerados e os seus méritos escondidos; quantas vezes somos inflexíveis para com os outros e indulgentes para conosco! Sentimos uma força invencível para praticar o mal que gostaríamos de evitar. Um problema de todos, até São Paulo escreve à comunidade de Roma: «Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero» (7, 19). Até ele era pecador, e também nós muitas vezes praticamos o mal que não queremos. Em síntese, depois de ter ofuscado o rosto de Deus, obscurecido o semblante dos nossos irmãos e ocultado a grandeza que trazemos dentro de nós, continuamos a caminho, mas precisamos de novos sinais, de uma mudança de ritmo, de uma direção que nos ajude a encontrar o caminho do Batismo, isto é, devemos renovar a nossa beleza original que está sob as cinzas, renovar o sentido de ir em frente. E quantas vezes nos cansamos de caminhar e perdemos o sentido de ir em frente? Permanecemos tranquilos, ou talvez nem sequer tranquilos, mas parados.

Irmãos e irmãs, qual é a maneira de retomar o caminho da vida nova? Para esta Quaresma e para retomar o percurso, qual é o caminho? É *o caminho do perdão de Deus*. Ponde isto na mente e no coração: *Deus nunca se cansa de perdoar*. Ouvistes? Sois capazes de o repetir comigo? Todos juntos: [todos] Deus nunca se cansa de perdoar. Mais uma vez: [todos] Deus nunca se cansa de perdoar. Mas qual é o drama? *Que somos nós que nos cansamos de pedir perdão!* Mas Ele nunca se cansa de perdoar. Não o esqueçamos. E o perdão divino faz exatamente isto: torna-nos novos, como que neobatizados. Limpa-nos por dentro, devolvendo-nos à condição do nosso renascimento batismal: faz correr de novo as águas frescas da graça no coração ressequido pela tristeza e empoeirado pelos pecados. O Senhor remove as cinzas das brasas da alma, limpa as manchas interiores que nos impedem de confiar em Deus, de abraçar os irmãos, de nos amarmos a nós próprios. Ele perdoa tudo. “Oh Padre, cometi um pecado que certamente é imperdoável”. Ouve: Deus perdoa tudo, pois nunca se cansa de perdoar. O perdão de Deus transforma-nos interiormente: concede-nos uma vida e uma visão novas. Não é por acaso que, no Evangelho que ouvimos, Jesus proclama: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8). Ele prepara os nossos olhos para ver Deus. Só se

vê Deus se o coração estiver purificado: purificar o coração para ver Deus. Mas quem pode atuar tal purificação? O nosso esforço é necessário, mas não é suficiente; não basta, somos fracos, não conseguimos; só Deus conhece e cura o coração. Ponde bem isto na mente: só Deus é capaz de conhecer e curar o coração, só Ele o pode libertar do mal. Para que isto aconteça, é preciso levar-lhe o coração aberto e contrito; devemos imitar o leproso do Evangelho, que lhe pede: «Se quiseres, podes purificar-me!» (Mc 1, 40). Isto é bom! “Se quiseres, podes mudar-me dentro, podes purificar-me”. É uma bela oração, e podemos repeti-la aqui, todos juntos. Juntos: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”. Mais uma vez: [todos] “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”. E agora, em silêncio, que cada um a recite ao Senhor, olhando para os próprios pecados. Olhai para os pecados, olhai para as coisas más que tendes dentro e que cometestes; em silêncio, dizei ao Senhor: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”. E Ele pode. Há quem pense: “Mas este pecado é demasiado grave, o Senhor não poderá...”. O Senhor perdoa tudo, o Senhor não se cansa de perdoar. Recordais? Repeti: “O Senhor não se cansa de perdoar”. Todos juntos: [todos] “O Senhor não se cansa de perdoar”.

O Senhor deseja isto, porque nos quer renovados, livres, leves dentro, felizes e a caminho, não estacionados nas estradas da vida. Ele sabe como é fácil tropeçar, cair e ficar no chão, e quer levantar-nos de novo. Vi um bonito quadro, onde o Senhor se inclina para nos levantar. E é isto que o Senhor faz cada vez que nos aproximamos da Confissão. Não o entristecemos, não adiemos o encontro com o seu perdão, pois só se Ele nos voltar a levantar conseguiremos retomar o caminho e ver a derrota do nosso pecado, cancelado para sempre. Porque o pecado é sempre uma derrota, mas Ele vence o pecado, Ele é a vitória. Além disso, «no exato instante em que o pecador é perdoado, salvo por Deus e restaurado pela graça, o pecado — maravilha das maravilhas! — torna-se o lugar onde Deus entra em sintonia com o homem. [...] Assim, Deus dá-se a conhecer perdoando» (a. louf , *Sotto la guida dello Spirito* [“Sob a guia do Espírito”], Magnano 1990, 68-69). “Conheço Deus estudando a catequese...”. Mas não o conheces apenas com a mente: só quando o coração se arrepende e vais ter com Ele, mostrando o teu coração impuro, ali conhecerás Deus que perdoa. “Vai em paz, os teus pecados são-te perdoados”. Deus dá-se a conhecer perdoando. E «o pecador, perscrutando o abismo do próprio pecado,

descobre por sua vez o infinito da misericórdia» (ibid .). E este é o reinício da vida nova: encetada no Batismo, recomeça a partir do perdão.

Não renunciemos ao perdão de Deus, ao sacramento da Reconciliação: não é uma prática de devoção, mas o fundamento da existência cristã; não se trata de saber enumerar bem os nossos pecados, mas de nos reconhecermos pecadores e de nos lançarmos nos braços de Jesus crucificado para sermos libertados; não é um gesto moralista, mas a ressurreição do coração. O Senhor ressuscitado ressuscita todos nós. Por isso, recebamos o perdão de Deus e nós, que o administramos, sintamo-nos dispensadores da alegria do Pai que reencontra o filho perdido; sintamos que as nossas mãos, impostas sobre a cabeça dos fiéis, são as mãos trespassadas pela misericórdia de Jesus, que transforma as chagas do pecado em canais de misericórdia. E nós, que atuamos como confessores, sintamos que «o perdão e a paz» que proclamamos são a carícia do Espírito Santo no coração dos fiéis. Amados irmãos, perdoemos! Caros irmãos sacerdotes, perdoemos, perdoemos sempre como Deus que não se cansa de perdoar, e assim reencontrar-nos-emos a nós mesmos. Concedamos sempre o perdão a quem o pede e ajudemos quantos têm medo de se aproximar com confiança do *sacramento da cura e da alegria* . Voltemos a colocar o perdão de Deus no centro da Igreja! E vós, estimados irmãos sacerdotes, não pergunteis demasiado: deixai que falem, e perdoai tudo! Não investigueis, não!

E agora, preparemo-nos para acolher a vida nova, confessemos ao Senhor que em nós há muitas coisas velhas, feias... A lepra do pecado manchou a nossa beleza, então digamos: *Jesus, se quiseres, podes purificar-me!* Todos juntos: [todos] “*Jesus, se quiseres, podes purificar-me*”. De pensar que não precisamos de ti cada dia: [todos] *Jesus, se quiseres, podes purificar-me!* De viver pacificamente com as minhas ambiguidades, sem procurar no teu perdão o caminho da liberdade: [todos] *Jesus, se quiseres, podes purificar-me!* Quando as boas intenções não são seguidas de ações, quando adio a oração e o encontro contigo: [todos] *Jesus, se quiseres, podes purificar-me!* Quando cedo ao mal, à desonestidade, à falsidade, quando julgo os outros, quando os desprezo e falo mal deles, reclamando de tudo e de todos: [todos] *Jesus, se quiseres, podes purificar-me!* E quando me contento com não praticar o mal, mas sem praticar o bem, servindo na

Igreja e na sociedade: [todos] *Jesus, se quiseres, podes purificar-me!* Sim, Jesus, creio que me podes purificar, creio que preciso do teu perdão. Jesus, renova-me e voltarei a caminhar numa vida nova. [todos] *Jesus, se quiseres, podes purificar-me!*

SANTA MISSA CRISMAL

Basílica de São Pedro

Quinta-feira Santa, 28 de março de 2024

«Todos os que estavam na sinagoga, tinham os olhos fixos n'Ele» (*Lc 4, 20*). Não cessa de nos impressionar esta passagem do Evangelho, que nos leva a visualizar a cena, a imaginar aquele momento de silêncio com todos os olhares voltados para Jesus, num misto de maravilha e difidência. Entretanto, sabemos como tudo terminou: depois de Jesus ter desmascarado as falsas expectativas de seus conterrâneos, estes «encheram-se de furor» (*Lc 4, 28*), saíram da sinagoga e expulsaram-No da cidade. Os olhos estiveram fixos em Jesus, mas os seus corações não estavam dispostos a mudar, à sua palavra. Assim perderam a ocasião da sua vida.

Contudo na noite de hoje, Quinta-feira Santa, acontece uma troca de olhares diferente. Protagonista é o primeiro Pastor da nossa Igreja, Pedro. Inicialmente também ele não deu crédito à palavra do Senhor, que o desmascarava: «Tu negar-Me-ás três vezes» (*Mc 14, 30*). Assim «perdeu de vista» Jesus, e renegou-O ao cantar do galo. Mas depois, «voltando-Se, o Senhor fixou os olhos nele; e Pedro recordou-se da palavra do Senhor (...). E, vindo para fora, chorou amargamente» (*Lc 22, 61-62*). Os seus olhos acabaram inundados de lágrimas que, brotando dum coração ferido, o libertaram de falsas certezas e justificações. Aquele choro amargo mudou-lhe a vida.

Ano após ano, as palavras e os gestos de Jesus não conseguiram mudar as expectativas de Pedro, aliás semelhantes às do povo de Nazaré: também ele esperava um Messias político e poderoso, forte e resoluto, e confrontado com o escândalo dum Jesus frágil, preso sem opor resistência, declarou: «Não O conheço» (*Lc 22, 57*). E era verdade! Não O conhecia... Começou a conhecê-Lo quando, na noite do renegamento, deixou espaço às lágrimas da vergonha, às lágrimas do arrependimento. E vai conhecê-Lo verdadeiramente, quando, «triste por Jesus lhe ter perguntado, à terceira vez: “Tu és de veras meu amigo?”», se deixará penetrar plenamente pelo olhar de Jesus. Então, daquele «não O conheço», passará a dizer: «Senhor, tu sabes tudo» (*Jo 21,17*).

Queridos irmãos sacerdotes, verificam-se a cura do coração de Pedro, a cura do Apóstolo, a cura do Pastor, quando, feridos e arrependidos, se deixam perdoar por Jesus; passam através das lágrimas, daquele pranto amargo, do sofrimento que permite redescobrir o amor. Por isso senti o desejo de partilhar convosco qualquer pensamento sobre um aspeto, bastante negligenciado, mas essencial da vida espiritual; proponho-o hoje com uma palavra talvez insólita, mas creio que nos fará bem voltar a descobrir: a *compunção*.

A palavra evoca o *picar*: a compunção é «uma aguilhoada no coração», um trespassamento que o fere, fazendo brotar as lágrimas do arrependimento. Pode-nos ajudar aqui um episódio, que tem a ver ainda com São Pedro. Trespasado pelo olhar e as palavras de Jesus ressuscitado, purificado e inflamado pelo Espírito, no dia de Pentecostes proclamou aos habitantes de Jerusalém: «Deus estabeleceu como Senhor e Messias esse Jesus por vós crucificado» (At 2, 36). Os presentes, «quando ouviram estas coisas – diz o texto – sentiram o coração trespassado» (At 2, 37), dando-se conta do mal que tinham feito e, simultaneamente, da salvação que o Senhor lhes concedia.

Vemos aqui o que é a compunção: não um sentimento de culpa que te lança por terra, nem uma série de escrúpulos que paralisam, mas é uma picada benéfica que queima intimamente e cura, pois o coração, quando se dá conta do próprio mal e se reconhece pecador, abre-se, acolhe a ação do Espírito Santo, como água viva que o muda a ponto de lhe correrem as lágrimas pelo rosto. Quem retira a máscara e se deixa olhar por Deus no coração, recebe o dom de tais lágrimas, as águas mais santas depois das do Batismo.[1] Amados irmãos sacerdotes, são estes os votos que vos faço hoje.

Entretanto é preciso compreender bem o que significa *chorar por nós próprios*. Não significa *sentir pena de nós*, como muitas vezes somos tentados a fazer. Isso acontece, por exemplo, quando estamos dececionados ou preocupados com as nossas expectativas goradas, com a falta de compreensão por parte dos outros, talvez dos irmãos e dos superiores. Ou quando nos deleitamos, por um estranho e doentio prazer do espírito, a repassar as injustiças sofridas para sentirmos pena de nós mesmos,

pensando que não nos deram o merecido e imaginando o futuro reservando-nos de contínuo apenas surpresas negativas. Como nos ensina São Paulo, esta é a tristeza segundo o mundo, oposta à tristeza segundo Deus.[2]

Diversamente *chorar por nós próprios* é arrepender-nos seriamente de ter entristecido a Deus com o pecado; reconhecer que diante d'Ele sempre estamos em débito, nunca em crédito; admitir que se perdeu o caminho da santidade, não tendo confiado no amor d'Aquele que deu a vida por mim. [3] É olhar para dentro de mim e sentir pesar pela minha ingratidão e inconstância; meditar com tristeza nos meus fingimentos e falsidades; descer aos meandros da minha hipocrisia, a hipocrisia clerical: amados irmãos, aquela hipocrisia na qual escorregamos tanto... tanto. Tende cuidado com a hipocrisia clerical! Para em seguida erguer o olhar para o Crucificado e deixar-me comover pelo seu amor que sempre perdoa e eleva, que nunca deixa frustradas as esperanças de quem n'Ele confia. Assim as lágrimas continuarão a cair, e purificam o coração.

De facto, a compunção requer esforço, mas restitui a paz; não provoca angústia, mas alivia a alma dos seus pesos, porque intervém na ferida deixada pelo pecado, preparando-nos para receber lá mesmo a carícia do Senhor, que transforma o coração quando está «contrito e arrependido» (*Sal* 51, 19), amolecido pelas lágrimas. Assim a compunção é o antídoto para a *esclerocardia*, aquela dureza do coração frequentemente denunciada por Jesus (*Mc* 3, 5; 10, 5). Na verdade, o coração sem arrependimento nem lágrimas, torna-se rígido: primeiro, torna-se rotineiro, em seguida intolerante com os problemas e indiferente às pessoas, depois frio e quase impassível, como se estivesse envolvido por uma concha inquebrável, e finalmente coração de pedra. Mas, assim como a água, gota a gota, escava a pedra, as lágrimas lentamente escavam os corações endurecidos. Deste modo assiste-se ao milagre da tristeza, da tristeza boa que leva à doçura.

Compreendemos então por que motivo insistem na compunção os Mestres espirituais. São Bento convida-nos todos os dias a «confessar a Deus com lágrimas e gemidos os nossos pecados passados» [4] e, quando rezamos – afirma ele –, «não seremos ouvidos pelas nossas palavras, mas pela pureza do coração e pela compunção que arranca as lágrimas».[5] E enquanto São João Crisóstomo defende que uma única lágrima apaga um

braseiro de pecados,[6] a *Imitação de Cristo* recomenda: «Abandona-te à compunção do coração», pois muitas vezes, «pela leviandade do coração e pelo descuido dos nossos defeitos, não nos apercebemos dos males da nossa alma».[7] O remédio é a compunção, porque nos reconduz à verdade de nós mesmos, de tal modo que a profundidade do nosso ser *pecador* revele a realidade infinitamente maior do nosso ser *perdoado*, a alegria de ser perdoado. Por isso não surpreende a afirmação de Isaque de Nínive: «Quem esquece a medida dos próprios pecados, esquece a medida da graça de Deus para com ele».[8]

A verdade, amados irmãos e irmãs, é que cada um dos nossos renascimentos interiores brota sempre do encontro entre a nossa miséria e a sua misericórdia – encontram-se a nossa miséria e a sua misericórdia –, passa através da nossa pobreza de espírito que permite ao Espírito Santo enriquecer-nos. A esta luz, compreendem-se as afirmações fortes de muitos Mestres espirituais. Pensemos nestas palavras paradoxais do já referido Santo Isaac: «Aquele que conhece os seus próprios pecados (...) é maior do que aquele que, com a oração, ressuscita os mortos. Aquele que chora por si mesmo uma hora é maior do que quem serve o mundo inteiro com a contemplação (...). Aquele a quem é concedido conhecer-se a si mesmo é maior do que aquele a quem é dado ver os anjos».[9]

Irmãos, pensemos em nós, sacerdotes, e interroguemo-nos quão presente estejam a compunção e as lágrimas no nosso exame de consciência e na nossa oração. Perguntemo-nos se, com o passar dos anos, aumentam as lágrimas. Sob este aspeto, é bom suceder o contrário do que acontece na vida biológica: nesta, quando se cresce, chora-se menos do que em criança. Mas, na vida espiritual, onde o que conta é tornar-se criança (cf. *Mt* 18, 3), quem não chora retrocede, envelhece interiormente, ao passo que a pessoa que chega a uma oração mais simples e íntima, feita de adoração e comoção diante de Deus: isso amadurece-nos. Prende-se cada vez menos a si mesma e mais a Cristo, e torna-se pobre em espírito. Deste modo sente-se mais próxima dos pobres, os prediletos de Deus, que antes – como escreve São Francisco no seu testamento – mantinha afastados, porque estava no pecado, mas cuja companhia, depois, de amarga se torna doce».[10] E assim, quem está compungido no coração, sente-se cada vez mais irmão de todos os pecadores do mundo, sente-se mais irmão, sem qualquer aparência

de superioridade nem dureza de juízo, mas sempre com desejo de amar e reparar.

E esta, amados irmãos é outra característica da compunção: a solidariedade. Um coração dócil, liberto pelo espírito das Bem-aventuranças, tende naturalmente a sentir compunção pelos outros: em vez de se irritar e escandalizar pelo mal feito pelos irmãos, chora pelos pecados deles. Não se escandaliza. Cumpre-se uma espécie de reviravolta: a tendência natural de ser indulgente consigo mesmo e inflexível com os outros inverte-se e, pela graça de Deus, a pessoa torna-se exigente consigo mesma e misericordiosa com os outros. E o Senhor procura, especialmente entre as pessoas que Lhe estão consagradas, quem chore os pecados da Igreja e do mundo, fazendo-se instrumento de intercessão por todos. Na Igreja, temos tantas testemunhas heroicas que nos mostram este caminho. Pensemos nos monges do deserto, no Oriente e no Ocidente; na intercessão contínua de São Gregório de Narek, feita de gemidos e lágrimas; no oferecimento de Francisco pelo Amor não amado; nos sacerdotes, como o Cura d'Ars, que viviam de penitência pela salvação dos outros. Amados irmãos, isto não é poesia; isto é sacerdócio!

Queridos irmãos, a nós – seus Pastores –, o Senhor não pede juízos de desprezo contra quem não crê, mas amor e lágrimas por quem vive afastado. Quando as situações difíceis que vemos e vivemos, a falta de fé, os sofrimentos que tocamos, entram em contacto com um coração compungido, decididamente não suscitam a polémica, mas a perseverança na misericórdia. Quanto precisamos de ser libertos de durezas e recriminações, de egoísmos e ambições, de rigidezes e insatisfações, para nos confiar e entregar a Deus, encontrando n'Ele uma paz que salva de toda a tempestade! Adoremos, intercedamos e choremos pelos outros: permitiremos assim que o Senhor realize maravilhas. E não temamos! Ele surpreende-nos sempre...

De tudo isso beneficiará o nosso ministério. Hoje, numa sociedade laica, corremos o risco de ser muito ativos e, ao mesmo tempo, sentir-nos impotentes, com o resultado de perdermos o entusiasmo e sermos tentados a «deixar de remar», fechar-nos em lamentos e fazer prevalecer a grandeza dos problemas sobre a grandeza de Deus. Se isto acontecer, tornamo-nos

amargos e pungentes, sempre a criticar, encontrando sempre qualquer ponto para se lamentar. Se, pelo contrário, a amargura e a compunção se voltarem, não para o mundo, mas para o próprio coração, o Senhor não deixará de nos visitar e *reerguer*. Como nos exorta a *Imitação de Cristo*: «Não carregues dentro de ti os assuntos dos outros, nem te preocupes com o que fazem as pessoas mais importantes; em vez disso, vigia sempre em primeiro lugar sobre ti e dirige a tua advertência particularmente a ti mesmo, em vez de outras pessoas, mesmo queridas. Não fiques triste, se não recebes o favor dos homens; o que, ao invés, te deve pesar, entristecer é a constatação de não estar totalmente e com segurança no caminho do bem».[11]

Por último, quero sublinhar um aspeto essencial: a compunção, mais do que fruto do nosso exercício, é uma graça e como tal *deve ser pedida na oração*. O arrependimento é dom de Deus, é fruto da ação do *Espírito Santo*. Para facilitar o seu crescimento, partilho duas pequenas recomendações. A primeira é não olhar a vida e a vocação numa perspetiva de eficiência e imediatismo, ligada apenas ao dia de hoje e às suas urgências e expectativas, mas olhá-las no arco englobando passado e futuro como um todo: no passado, para recordar a fidelidade de Deus – Deus é fiel –, fazendo memória do seu perdão, ancorando-nos ao seu amor; e no futuro, para pensar na meta eterna a que somos chamados, no fim último da nossa existência. Alargar os horizontes, amados irmãos, alargar os horizontes ajuda a dilatar o coração, incentiva a reentrar em nós mesmos com o Senhor e viver a compunção. Uma segunda recomendação, que vem como consequência da anterior: descubramos a necessidade de nos dedicarmos a uma oração que não seja obrigatória e funcional, mas livre, calma e prolongada. Irmão, como é a tua oração? Voltemos à adoração – tens-te esquecido de adorar? – e voltemos e à oração do coração. Repitamos: *Jesus, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador*. Sintamos a grandeza de Deus na nossa baixeza de pecadores, para olharmos para dentro de nós mesmos e nos deixarmos trespassar pelo seu olhar. Descobriremos a sabedoria da Santa Mãe Igreja, que nos introduz na oração sempre com a invocação do pobre que clama: *Senhor, apressai-Vos a socorrer-me*.

Por fim, queridos irmãos, voltemos a São Pedro e às suas lágrimas. O altar colocado sobre o seu túmulo não pode deixar de nos fazer pensar nas inúmeras vezes que, apesar de ali dizermos cada dia «*Tomai todos e comei*:

Isto é o meu Corpo oferecido em sacrifício por vós»; quantas vezes desiludimos e entristecemos Aquele que nos ama até ao ponto de fazer das nossas mãos os instrumentos da sua presença! Portanto, é bom fazer nossas estas palavras que recitamos em surdina durante a Santa Missa: «Em humildade e contrição, sejamos recebidos por Vós, Senhor...» e ainda: «Lavai-me, Senhor, da minha iniquidade, e purificai-me do meu pecado». Em tudo, irmãos, sirva-nos de consolação a certeza que nos é dada hoje pela Palavra: o Senhor, consagrado com a unção (cf. Lc 4, 18), veio «curar os quebrantados de coração» (Is 61, 1). Então, se o coração se despedaçar, pode ser faixado e curado por Jesus. Obrigado, queridos sacerdotes, obrigado pelo vosso coração aberto e dócil; obrigado pelas vossas fadigas e obrigado pelo vosso pranto; obrigado porque levais a maravilha da misericórdia – perdoai sempre, sede misericordiosos – e levai esta misericórdia, levai Deus aos irmãos e irmãs do nosso tempo. Que o Senhor vos console, confirme e recompense! Obrigado!

Notas

[1] «Na Igreja, temos a água e as lágrimas: a água do Batismo, as lágrimas da Penitência» (Santo Ambrósio, *Epistula extra collectionem*, I, 12).

[2] «A tristeza, segundo Deus, produz um arrependimento que leva à salvação e não dá lugar ao remorso, enquanto a tristeza do mundo produz a morte» (2 Cor 7, 10)

[3] Cf. São João Crisóstomo, *De compunctione*, I, 10.

[4] *Regola*, IV,57.

[5] *Ibid.*, XX, 3.

[6] Cf. *De pænitentia*, VII, 5.

[7] Cap. XXI.

[8] *Discorsi ascetici* (III Coll.), XII.

[9] *Discorsi ascetici* (I Coll.), XXXIV (versão grega).

[10] Cf. *FF* 110.

[11] Cap. XXI

SANTA MISSA IN COENA DOMINI

Penitenciária Feminina de Rebibbia

Quinta-feira Santa, 28 de março de 2024

Neste momento da ceia, dois episódios chamam a nossa atenção. O lava-pés de Jesus: Jesus humilha-se e, com este gesto, faz-nos compreender o que tinha dito: «Não vim para ser servido, mas para servir» (cf. *Mc* 10, 45). Ensina-nos o caminho do serviço.

O outro episódio — triste — é a traição de Judas, que não é capaz de levar em frente o amor, e depois o dinheiro e o egoísmo levam-no a esta situação terrível. Mas Jesus perdoa *tudo* . Jesus perdoa *sempre* . Só nos pede que peçamos perdão.

Certa vez ouvi uma velhinha sábia, uma avozinha do povo... que dizia: «Jesus nunca se cansa de perdoar: somos nós que nos cansamos de pedir perdão». Hoje peçamos ao Senhor a graça de não nos cansarmos.

Todos nós enfrentamos sempre pequenos fracassos, grandes fracassos: cada um tem a sua história. Mas o Senhor está sempre à nossa espera, de braços abertos, e nunca se cansa de perdoar.

Agora vamos fazer o mesmo gesto que Jesus fez: lavar os pés. É um gesto que chama a atenção para a vocação do serviço. Peçamos ao Senhor que nos faça crescer, todos nós, na vocação do serviço.

Obrigado!

VIGÍLIA PASCAL NA NOITE SANTA

Basílica de São Pedro

Sábado Santo, 30 de março de 2024

As mulheres vão ao túmulo às primeiras luzes do alvorecer, mas dentro delas conservam a escuridão da noite. Embora estejam a caminho, continuam ainda paradas: o seu coração ficou aos pés da cruz. Anuviadas pelas lágrimas de Sexta-Feira Santa, estão paralisadas pelo sofrimento, estão fechadas na sensação que tudo acabou, foi colocada uma pedra sobre o caso Jesus. E é precisamente uma pedra a dar-lhes que pensar. De facto, perguntam-se: «Quem nos irá tirar a pedra da entrada do sepulcro?» (Mc 16, 3). Mas, quando chegam ao local, será a força surpreendente da Páscoa a maravilhá-las: «Olharam – diz o texto – e viram que a pedra tinha sido rolada para o lado; e era muito grande» (Mc 16,4).

Detenhamo-nos, queridos irmãos e irmãs, nestes dois momentos que nos levam à alegria inaudita da Páscoa: num primeiro momento, as mulheres perguntam-se, angustiadas, *quem faria rolar a pedra*; mas depois, no segundo momento, *erguendo os olhos, veem que aquela já tinha sido rolada*.

Antes de mais nada – primeiro momento – temos a pergunta que preocupa o seu coração lacerado pelo sofrimento: *quem nos fará rolar a pedra do sepulcro?* Aquela pedra representava o fim da história de Jesus, sepultado na noite da morte. Ele, a vida que veio ao mundo, foi morto; Ele, que manifestou o amor misericordioso do Pai, não recebeu compaixão; Ele, que aliviou os pecadores do peso da condenação, foi condenado à cruz. O Príncipe da Paz, que libertara uma adúltera da fúria violenta das pedras, jaz sepultado no interior duma grande pedra. Aquele maciço, obstáculo intransponível, era o símbolo do que as mulheres levavam no coração, ou seja, o fim da sua esperança: tudo se despedaçara contra ele, com o mistério sombrio dum sofrimento dramático que impedia a realização dos seus sonhos.

Irmãos e irmãs, o mesmo pode acontecer connosco também. Às vezes sentimos que uma pedra tumular foi pesadamente instalada à entrada do

nosso coração, sufocando a vida, extinguindo a confiança, encarcerando-nos no sepulcro dos medos e amarguras, bloqueando o caminho para a alegria e a esperança. São «maciços da morte»; e encontramos-los, ao longo do caminho, em todas as experiências e situações que nos roubam o entusiasmo e a força para avançar: nos sofrimentos que nos afetam e na morte de pessoas queridas, que deixam em nós vazios incuráveis; encontramos-los nos fracassos e medos que nos impedem de fazer as coisas boas que temos no coração; encontramos-los em todos os isolamentos que abrandam os nossos impulsos de generosidade, não permitindo abrir-nos ao amor; encontramos-los nos muros de borracha do egoísmo – são verdadeiramente muros de borracha – egoísmo e indiferença, que impedem o compromisso de construir cidades e sociedades mais justas e à medida do homem; encontramos-los em todos os anseios de paz sufocados pela crueldade do ódio e pela ferocidade da guerra. Quando se experimentam estas decepções, apodera-se de nós a sensação de que muitos sonhos acabarão por ser desfeitos, perguntando-nos, angustiados, a nós mesmos: quem nos rolará a pedra do sepulcro?

E, contudo, essas mesmas mulheres que tinham a escuridão no coração dão-nos testemunho de algo extraordinário: *erguendo os olhos, viram que a pedra já tinha sido rolada, embora fosse muito grande*. Aqui está a Páscoa de Cristo, aqui está a força de Deus: a vitória da vida sobre a morte, o triunfo da luz sobre as trevas, o renascimento da esperança por entre os escombros do fracasso. Foi o Senhor, o Deus do impossível, que, para sempre, rolou a pedra para o lado e começou a abrir os nossos corações, a fim de não acabar a esperança. Por isso devemos também nós elevar os olhos para Ele.

Então – segundo momento –, *levantamos o olhar para Jesus*: depois de ter assumido a nossa humanidade, Ele desceu aos abismos da morte e atravessou-os com a força da sua vida divina, descerrando uma fresta infinita de luz para cada um de nós. Ressuscitado pelo Pai na sua carne, na nossa carne, com a força do Espírito Santo abriu uma nova página para o género humano. A partir de então, se deixarmos Jesus tomar-nos pela mão, nenhuma experiência de fracasso e sofrimento, por mais que nos doa, poderá ter a última palavra sobre o sentido e o destino da nossa vida. A partir de então, se nos deixarmos agarrar pelo Ressuscitado, nenhuma

derrota, nenhum sofrimento, nenhuma morte poderá deter o nosso caminho rumo à plenitude da vida. A partir de então, «nós, cristãos, digamos que esta história (...) tem sentido, um sentido que tudo abrange, um sentido que já não está contaminado pelo absurdo e a obscuridade (...), um sentido que chamamos Deus (...). Para Ele, confluem todas as águas da nossa transformação; estas não afundam nos abismos do nada e do absurdo (...), porque o seu sepulcro está vazio e Ele, que estava morto, manifestou-Se como o vivente» (K. Rahner, *O que é a ressurreição? Meditações sobre a Sexta-Feira Santa e sobre a Páscoa*, Brescia 2005, 33-35).

Irmãos e irmãs, Jesus é a nossa Páscoa, Ele é aquele que nos faz passar das trevas para a luz, que Se uniu a nós para sempre e nos salva dos abismos do pecado e da morte, arrastando-nos no ímpeto luminoso do perdão e da vida eterna. Irmãos e irmãs, levantemos o olhar para Ele, acolhamos Jesus, Deus da vida, nas nossas vidas, renovemos-Lhe hoje o nosso «sim» e nenhum maciço poderá sufocar-nos o coração, nenhum sepulcro poderá encerrar a alegria de viver, nenhum fracasso será capaz de nos lançar no desespero. Irmãos e irmãs, levantemos o olhar para Ele e peçamos-Lhe que a força da sua ressurreição role para o lado as pedras que nos oprimem a alma. Levantemos o olhar para Ele, o Ressuscitado, e caminhemos na certeza de que, no fundo obscuro das nossas expectativas e das nossas mortes, já está presente a vida eterna que Ele veio trazer.

Irmã, irmão, que o teu coração possa explodir de júbilo nesta noite, nesta noite santa! Juntos, cantemos a ressurreição de Jesus: «Cantai-O, cantai-O todos, rios e planícies, desertos e montanhas (...), cantai o Senhor da vida que surge do túmulo, mais brilhante que mil sóis. Povos dilacerados pelo mal e atingidos pela injustiça, povos sem lugar, povos mártires, afastai nesta noite os cantores do desespero. O Homem das Dores já não está em cativeiro: abriu uma brecha no muro; apressa-Se a vir ter convosco. Nasça nas trevas o grito inesperado: está vivo, ressuscitou! E vós, irmãos e irmãs, pequenos e grandes (...), vós que estais imersos na fadiga de viver, vós que vos sentis indignos de cantar (...), oxalá uma nova chama atravesse o vosso coração, um frescor novo permeie a vossa voz. É a Páscoa do Senhor, irmãos e irmãs, é a festa dos viventes» (J-Y. Quéllec, *Deus voltado para norte*, Ottignies 1998, 85-86).

VISITA DO PAPA FRANCISCO
A VENEZA

Praça São Marcos (Veneza)

Domingo de Páscoa, 28 de abril de 2024

Jesus é a videira, nós, os ramos. E Deus, Pai misericordioso e bom, como um agricultor paciente, trabalha em nós com cuidado para que a nossa vida seja repleta de frutos. Por isso, Jesus recomenda-nos que preservemos o dom inestimável que é o vínculo com Ele, do qual dependem a nossa vida e a nossa fecundidade. Ele repete com insistência: «Permanecei em mim, e Eu em vós [...] Quem permanecer em mim e Eu nele dará muito fruto» (Jo 15, 4). Só dá fruto quem permanece unido a Jesus. Meditemos sobre isto!

Jesus está prestes a concluir a sua missão terrena. Na Última Ceia com aqueles que serão os seus apóstolos, confia-lhes, além da Eucaristia, algumas palavras-chave. Uma delas é precisamente esta: «*permanecei*», *mantendo vivo o vínculo* comigo, permanecei unidos a mim como os ramos à videira. Recorrendo a esta imagem, Jesus retoma uma metáfora bíblica que o povo conhecia bem e que encontrava também na oração, como no salmo que diz: «Deus dos exércitos, voltai! / Olhai do céu e vede / visitai esta vinha» (Sl 80, 15). Israel é a vinha que o Senhor plantou e cuidou. E quando o povo não dá os frutos de amor que o Senhor espera, o profeta Isaías formula um ato de acusação, precisamente com a parábola de um agricultor que lavrou a sua vinha, que a limpou das pedras, plantou videiras finas, esperando que produzissem bom vinho, mas que, ao contrário, só dá uvas verdes. E o profeta conclui: «Pois bem, a vinha do Senhor dos exércitos / é a casa de Israel; / os habitantes de Judá / são a sua plantação preferida. / Ele esperava a justiça / e eis o sangue derramado, / esperava a retidão / e eis os gritos dos oprimidos» (Is 5, 7). Citando Isaías, o próprio Jesus narra a parábola dramática dos vinhateiros assassinos, pondo em evidência o contraste entre a ação paciente de Deus e a rejeição do seu povo (cf. Mt 21, 33-44).

Assim, a metáfora da videira, ao mesmo tempo que exprime o cuidado amoroso de Deus por nós, por outro lado adverte-nos, pois quando rompemos este vínculo com o Senhor, não podemos gerar frutos de vida

boa e corremos o risco de nos tornarmos nós próprios ramos secos. Isto é terrível, tornar-nos ramos secos, aqueles ramos que são rejeitados.

Irmãos e irmãs, tendo como pano de fundo a imagem usada por Jesus, penso também na longa história que liga Veneza ao trabalho das vinhas e à produção de vinho, ao cuidado de tantos viticultores e às numerosas vinhas que surgiram nas ilhas da Lagoa e nos jardins entre as “calli” da cidade, e àqueles que levaram os monges à produção de vinho para as suas comunidades. Nesta memória, não é difícil entender a mensagem da parábola da videira e dos ramos: a fé em Jesus, a ligação com Ele, não aprisiona a nossa liberdade, mas, pelo contrário, abre-nos para receber a seiva do amor de Deus, que multiplica a nossa alegria, cuida de nós com o esmero de um bom vinhateiro e faz nascer rebentos, até quando o solo da nossa vida se torna árido. E, muitas vezes, o nosso coração torna-se árido. Mas a metáfora que brota do coração de Jesus pode ser lida também pensando nesta cidade construída sobre a água e reconhecida por esta sua singularidade como um dos lugares mais sugestivos do mundo. Veneza é uma só com as águas sobre as quais surge e, sem o cuidado e a proteção deste cenário natural, até poderia deixar de existir. O mesmo acontece com a nossa vida: também nós, imersos desde tempos imemoriais nas fontes do amor de Deus, fomos regenerados no Batismo, renascemos para uma vida nova pela água e pelo Espírito Santo, e fomos inseridos em Cristo como ramos na videira. Em nós escorre a seiva deste amor, sem a qual nos tornamos ramos secos que não dão fruto. Quando era Patriarca desta cidade, o Beato João Paulo I disse um dia que Jesus «veio trazer aos homens a vida eterna [...]». E acrescentou: «Esta vida está nele e passa dele para os seus discípulos, como a seiva sobe do tronco para os ramos da videira. É uma água fresca, que ele oferece, uma fonte que jorra sempre» (A. Luciani, *Venezia 1975-1976. Opera Omnia. Discorsi, scritti, articoli*, vol. VII, Pádua 2011, 158).

Irmãos e irmãs, é isto que conta: permanecer no Senhor, habitar n’Ele. Pensemos nisto por um minuto: permanecer no Senhor, habitar n’Ele. E este verbo — permanecer — não deve ser interpretado como algo estático, como se quisesse dizer-nos para ficar parados, estacionados na passividade; na realidade, convida-nos a pôr-nos em movimento, pois permanecer no Senhor significa crescer; permanecer sempre no Senhor significa crescer,

crescer na relação com Ele, dialogar com Ele, acolher a sua Palavra, segui-lo no caminho do Reino de Deus. Por isso, trata-se de ir atrás d'Ele: permanecer no Senhor e caminhar, ir atrás d'Ele, deixar-nos estimular pelo seu Evangelho, tornando-nos testemunhas do seu amor.

Por isso, Jesus diz que *quem permanece n'Ele dá fruto*. E não se trata de um fruto qualquer! O fruto dos ramos para onde escorre a seiva são as uvas, e das uvas nasce o vinho, que é o sinal messiânico por excelência. Com efeito, Jesus, o Messias enviado pelo Pai, traz o vinho do amor de Deus ao coração do homem, enchendo-o de alegria e de esperança.

Caros irmãos e irmãs, este é o fruto que somos chamados a dar na nossa vida, nas nossas relações, nos lugares que frequentamos todos os dias, na nossa sociedade, no nosso trabalho. Se olharmos para esta cidade de Veneza hoje, admiramos a sua beleza encantadora, mas também nos preocupamos com os muitos problemas que a ameaçam: as mudanças climáticas, que têm impacto sobre as águas da Lagoa e no território; a fragilidade das construções, dos bens culturais, mas também das pessoas; a dificuldade de criar um ambiente à medida do homem através de uma gestão adequada do turismo; e também tudo o que estas realidades correm o risco de gerar em termos de relações sociais desgastadas, individualismo e solidão.

E nós, cristãos, que somos ramos unidos à videira, vinha do Deus que cuida da humanidade e que criou o mundo como um jardim para que nele possamos florescer e fazê-lo florir, como nós, cristãos, respondemos? Permanecendo unidos a Cristo, poderemos dar os frutos do Evangelho na realidade que habitamos: frutos de justiça e de paz, frutos de solidariedade e de cuidado mútuo; escolhas de atenção à salvaguarda da herança ambiental, mas também humana: não esqueçamos o legado humano, a nossa grande humanidade, aquela que Deus assumiu para caminhar connosco; é necessário que as nossas comunidades cristãs, os nossos bairros e as cidades se tornem lugares hospitaleiros, acolhedores, inclusivos.

E Veneza, que sempre foi lugar de encontro e intercâmbio cultural, é chamada a ser sinal de beleza acessível a todos, a começar pelos últimos, sinal de fraternidade e cuidado pela nossa casa comum. Veneza, terra que faz irmãos. Obrigado!

ASCENSÃO DO SENHOR
ENTREGA E LEITURA DA BULA ANUNCIANDO O JUBILEU 2025 E SEGUNDAS
VÉSPERAS

Basílica de São Pedro

Quinta-feira, 9 de maio de 2024

Por entre cânticos de júbilo, subiu Jesus ao Céu onde está sentado à direita do Pai. Como acabamos de ouvir, Ele suportou a morte para que nos tornássemos herdeiros da vida eterna (cf. *1 Ped* 3, 22). Por isso a Ascensão do Senhor não é afastar-se, separar-se, distanciar-se de nós, mas o cumprimento da sua missão: Jesus desceu até nós para nos fazer subir ao Pai; desceu até ao fundo para nos levar ao alto; desceu às profundezas da terra, para que o Céu pudesse abrir-se de par em par sobre nós. Destruíu a nossa morte para podermos receber a vida, e recebê-la para sempre.

Está aqui o fundamento da nossa esperança: subindo ao Céu, Cristo coloca no coração de Deus a nossa humanidade carregada de anseios e interrogativos, dando-nos «a esperança de irmos um dia ao seu encontro, como membros do seu Corpo, para nos unir à sua glória imortal» (*Prefácio da Ascensão*).

Irmãos e irmãs, é esta esperança radicada em Cristo morto e ressuscitado que queremos celebrar, acolher e anunciar ao mundo inteiro no próximo Jubileu, que já está à porta. Não se trata de mero otimismo – digamos otimismo humano – nem duma expectativa efémera ligada a qualquer segurança terrena. Não! É uma realidade já atuada em Jesus e que diariamente nos é dada também a nós até chegarmos a ser um só no abraço do seu amor. A esperança cristã – escreve São Pedro – é «uma herança incorruptível, imaculada e indefetível» (*1 Ped* 1, 4). A esperança cristã sustenta o caminho da nossa vida, mesmo quando este se apresenta tortuoso e cansativo; abre diante de nós sendas de futuro, quando a resignação e o pessimismo quereriam manter-nos prisioneiros; faz-nos ver o bem possível, quando parece prevalecer o mal; a esperança cristã infunde-nos serenidade, quando o coração está oprimido pelo fracasso e o pecado; faz-nos sonhar com uma humanidade nova e torna-nos corajosos na construção dum

mundo fraterno e pacífico, quando parece inútil empenharmo-nos. Esta é a esperança, o dom que o Senhor nos deu com o Batismo.

Meus amigos, enquanto nos preparamos para o Jubileu com o Ano da Oração, elevemos o coração para Cristo, a fim de nos tornarmos *cantores de esperança* numa civilização marcada por demasiadas situações desesperadas. Com os gestos, as palavras, as opções de cada dia, a paciência de semear um pouco de encanto e gentileza onde quer que estejamos, queremos cantar a esperança, para que a sua melodia faça vibrar as cordas da humanidade e desperte nos corações a alegria, desperte a coragem de abraçar a vida.

É de esperança que precisamos... Todos precisamos dela! E a esperança não engana... Não o esqueçamos! Dela necessita a sociedade em que vivemos, muitas vezes imersa apenas no presente e incapaz de olhar para o futuro; dela necessita a nossa época, que por vezes se arrasta cansadamente no cinzento do individualismo e do «ir sobrevivendo»; dela necessita a criação, gravemente ferida e desfigurada pelos egoísmos humanos; dela necessitam os povos e as nações, que olham cheios de inquietação e medo para o amanhã, enquanto as injustiças campam com arrogância, os pobres são descartados, as guerras semeiam morte, os últimos continuam no fundo da lista e o sonho dum mundo fraterno corre o risco de parecer uma miragem. Dela necessitam os jovens, muitas vezes desorientados, mas desejosos de viver em plenitude; dela necessitam os idosos, que a cultura da eficiência e do descarte já não sabe respeitar nem ouvir; dela necessitam os doentes e todos aqueles que estão feridos no corpo e no espírito, que podem receber alívio através da nossa solidariedade e cuidado.

Além disso, amados irmãos e irmãs, de esperança precisa a Igreja, para que, mesmo quando experimenta o peso do cansaço e da fragilidade, nunca se esqueça de que é a Esposa de Cristo, amada com amor eterno e fiel, chamada a conservar a luz do Evangelho, enviada para transmitir a todos o fogo que Jesus trouxe e acendeu, de uma vez para sempre, no mundo.

De esperança, precisa cada um de nós: as nossas vidas às vezes cansadas e feridas, os nossos corações sedentos de verdade, bondade e beleza, os nossos sonhos que nenhuma escuridão pode extinguir. Tudo, dentro e fora de nós, invoca esperança e vai procurando, mesmo sem o

saber, a proximidade a Deus. Parece-nos – dizia Romano Guardini – que o nosso seja o tempo do afastamento de Deus, em que o mundo se atulha de coisas, e a Palavra do Senhor declina; «mas se chegar a hora – e chegará, depois de vencidas as trevas – em que o homem perguntará a Deus: “Senhor, onde estavas então?”, de novo ouvirá responder: “Mais perto de ti do que nunca!” Talvez Deus esteja mais próximo do nosso tempo glacial que do Barroco com o esplendor das suas igrejas, da Idade Média com a riqueza dos seus símbolos, do cristianismo dos primórdios com a sua coragem juvenil diante da morte. (...) Mas espera (...) que Lhe permaneçamos fiéis. Disto poderia surgir uma fé não menos válida, talvez mais pura, em todo o caso mais intensa do que nunca foi nos tempos de grande riqueza interior» (R. Guardini, *Aceitar-se*, Brescia 1992, 72).

Irmãos e irmãs, que o Senhor ressuscitado e elevado ao Céu nos dê a graça de redescobrir a esperança – redescobrir a esperança! –, de *anunciar* a esperança, de *construir* a esperança.

Sábado, 18 de maio de 2024

"Uma vez, o apóstolo Paulo foi a uma comunidade cristã e perguntou: “Vocês receberam o Espírito Santo?”. E o que eles responderam? “O que é o Espírito Santo?” (cf. At 19,1-2). Eles não sabiam o que era o Espírito Santo. Eu penso que hoje, se eu perguntar em muitas comunidades cristãs o que é o Espírito Santo, não saberão como responder.

Uma vez, em uma Missa com crianças — um dia como este de Pentecostes, havia cerca de duzentas crianças — eu perguntei: “Quem é o Espírito Santo?”, e as crianças: “Eu! Eu! Eu!”; todas queriam responder. Eu disse: “Você” — “É o paralítico!”. Ele tinha ouvido “Paráclito” e disse “paralítico”. E muitas vezes, se eu perguntasse, não digo que a resposta seria “o paralítico”, mas não sabemos quem é o Espírito Santo.

Irmãos e irmãs, o Espírito Santo é o protagonista da nossa vida! É Ele quem nos conduz, quem nos ajuda a seguir em frente, quem faz nossa vida cristã crescer. O Espírito Santo está dentro de nós. Atenção: todos nós recebemos, com o Batismo, o Espírito Santo — e também, com a Crisma, ainda mais! Mas eu escuto o Espírito Santo que está dentro de mim? Escuto o Espírito que move o coração e me diz: “Não faça isso, faça aquilo”? Ou, para mim, o Espírito Santo não existe?

Hoje celebramos a festa do dia em que o Espírito Santo veio. Mas pensem: os Apóstolos estavam todos fechados no cenáculo. Estavam com medo, com as portas fechadas... O Espírito Santo veio, mudou o coração deles, e eles saíram a pregar com coragem. Coragem: o Espírito Santo nos dá coragem para viver a vida cristã. E por isso, com essa coragem, muda a nossa vida.

Às vezes, vamos à Confissão com os mesmos pecados: “Mas padre, eu queria mudar de vida, não sei como fazer...” — “Mas escute o Espírito! Reze ao Espírito e será Ele quem mudará sua vida. Confie no Espírito” — “Mas padre, eu tenho 90 anos, já não posso mudar...” — “Quantos dias de

vida você ainda tem?” — “Não sei” — “Com um só dia, o Espírito pode mudar sua vida. Pode mudar seu coração!”.

O Espírito, antes de tudo, é Aquele que muda a nossa vida. Vocês entenderam isso? Vamos repetir juntos: “O Espírito muda a nossa vida”. [Todos: “O Espírito muda a nossa vida”]. E isso é belo.

Segundo ponto. Os Apóstolos, que estavam cheios de medo, quando receberam o Espírito Santo, seguiram em frente com coragem para pregar o Evangelho. O Espírito Santo nos dá coragem para viver como cristãos. Às vezes, encontramos cristãos que são como água morna: nem quentes nem frios. Falta-lhes coragem. “Mas padre, onde posso fazer um curso para ter coragem?” — “Não, reze ao Espírito. Confie no Espírito”. O Espírito nos dá coragem para viver cristamente. Vocês entenderam isso? Todos juntos: “O Espírito nos dá coragem” [Todos: “O Espírito nos dá coragem”]. Isso! E peçamos isso: que o Espírito nos ajude a seguir em frente.

E depois, uma coisa muito bela que o Espírito fez naquele dia de Pentecostes. Havia pessoas de todas as nações, de todas as línguas, de todas as culturas, e o Espírito, com esse povo, edifica a Igreja. O Espírito edifica a Igreja. O que isso quer dizer? Que faz todos iguais? Não! Todos diferentes, mas com um só coração, com o amor que nos une. O Espírito é Aquele que nos salva do perigo de nos tornarmos todos iguais. Não. Somos todos redimidos, todos amados pelo Pai, todos ensinados por Jesus Cristo. E o que faz o Espírito? Faz isso: o conjunto de todos. Há uma palavra que explica bem isso: o Espírito faz a harmonia! A harmonia da Igreja. Cada um diferente do outro, mas em um clima de harmonia. Juntos, digamos: o Espírito faz de nós a harmonia. [Todos: “O Espírito faz de nós a harmonia”].

Queridos irmãos e irmãs, esse é o milagre de hoje: pegar homens covardes, cheios de medo, e torná-los corajosos; pegar homens e mulheres de todas as culturas e fazer deles uma unidade, fazer a Igreja. Pegar esse povo sem torná-los iguais. O que faz o Espírito? A harmonia. Juntos: o Espírito faz a harmonia.

Agora, cada um de nós pense em sua própria vida. Todos nós precisamos de harmonia. Todos nós precisamos que o Espírito nos dê

harmonia em nossa alma, na família, na cidade, na sociedade, no trabalho. O contrário da harmonia é a guerra, é lutar uns contra os outros. E quando há guerra, quando lutamos uns contra os outros, isso é obra do Espírito, sim ou não? [Todos: “Não”]. Mais forte! [Todos: “Não!”]. Não, não. O Espírito faz a harmonia. E com os Apóstolos, no dia em que veio, estava também a Mãe de Deus, a Virgem Maria. Peçamos a Ela que nos conceda a graça de receber o Espírito Santo; que Ela, como Mãe, nos ensine a acolher o Espírito Santo. Obrigado

Nota

[*] Traduzido do original italiano por IA

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE PENTECOSTES

Basílica de São Pedro

Domingo, 19 de maio de 2024

A narração do Pentecostes (cf. *At 2, 1-11*) mostra-nos um duplo âmbito de ação do Espírito Santo na Igreja: *em nós e na missão*, com duas características, ou seja, *força e gentileza*.

A *ação do Espírito em nós é forte* como simbolizam os sinais do vento e do fogo, que aparecem na Bíblia, frequentemente, associados com a força de Deus (cf. *Ex 19, 16-19*). Sem esta força, nunca conseguiremos derrotar o mal, nem vencer os desejos da carne referidos por São Paulo, vencer impulsos íntimos como a «impureza (...), a idolatria (...), as discórdias (...), as invejas» (cf. *Gal 5, 19-21*): com o Espírito podem-se vencer; Ele dá-nos a força para o conseguir, porque entra no nosso coração árido, duro e frio (cf. *Sequência «Veni Sancte Spiritus»*). Aqueles impulsos arruinam as nossas relações com os outros e dividem as nossas comunidades; Ele entra no coração e cura tudo. Isto mesmo nos mostra Jesus, quando, impelido pelo Espírito, Se retira durante quarenta dias para o deserto (cf. *Mt 4, 1-11*) a fim de ser tentado. Também durante esse tempo cresce a sua humanidade, que se revigora preparando-se para a missão.

Ao mesmo tempo a ação do Paráclito em nós é *gentil*: é forte e gentil. O vento e o fogo não destroem nem reduzem a cinza o que tocam: um enche a casa onde se encontram os discípulos e o outro pousa delicadamente, em forma de chamas, sobre a cabeça de cada um dos presentes. Esta delicadeza é também um traço da ação de Deus, que encontramos muitas vezes na Bíblia.

E é maravilhoso ver como a mesma mão robusta e calejada que, primeiro, desenterrou os torrões das paixões, depois depõe delicadamente as plantinhas da virtude, rega-as, cuida delas (cf. *Sequência «Veni Sancte Spiritus»*) e protege-as amorosamente a fim de crescerem e se robustecerem, permitindo-nos saborear, depois do cansaço da luta contra o mal, a doçura da misericórdia e da comunhão com Deus. Assim é o

Espírito: forte, dando-nos a força para vencer, e também delicado: fala-se da unção do Espírito, o Espírito unge-nos, está connosco. Como diz uma estupenda oração da Igreja antiga, «a vossa mansidão, ó Senhor, permaneça comigo bem como os frutos do vosso amor» (*Odes de Salomão*, 14, 6).

Tendo descido sobre os discípulos e colocando-se a seu lado – isto é, como seu «*paráclito*» –, o Espírito Santo atua transformando os seus corações e infundindo neles uma «audácia que os leva a transmitir aos outros a sua experiência de Jesus e a esperança que os anima» (São João Paulo II, Carta enc. *Redemptoris missio*, 24). Disso mesmo dão testemunho depois Pedro e João, quando o Sinédrio lhes quis impor «a proibição formal de falar ou ensinar em nome de Jesus»: «Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (*At* 4, 18.20). E, para responder assim, contaram com a força do Espírito Santo.

Isto reveste-se de grande importância também para nós, que recebemos o dom do Espírito no Batismo e na Confirmação. Como os Apóstolos, do «cenáculo» desta Basílica somos enviados, hoje em particular, a anunciar o Evangelho a todos, indo «sempre mais além, não só em sentido geográfico, mas também ultrapassando barreiras étnicas e religiosas, até se chegar a uma missão verdadeiramente universal» (*Redemptoris missio*, 25). E, graças ao Espírito, podemos e devemos fazê-lo com a mesma *força* e a mesma *gentileza*.

Com a mesma força, isto é, não com arrogância e imposição – o cristão não é arrogante, a sua força é outra: a força do Espírito –, nem com cálculos e astúcia, mas com a energia que vem da fidelidade à verdade, que o Espírito ensina aos nossos corações e faz crescer em nós. E assim nós rendemo-nos, mas é ao Espírito, não nos rendemos à força do mundo, mas continuamos a falar de paz a quem quer a guerra, a falar de perdão a quem semeia vingança, a falar de acolhimento e solidariedade a quem tranca as portas e ergue barreiras, a falar de vida a quem escolhe a morte, a falar de respeito a quem gosta de humilhar, insultar e descartar, a falar de lealdade a quem rejeita qualquer vínculo, confundindo liberdade com um individualismo superficial, opaco e vazio. Sem nos deixarmos amedrontar pelas dificuldades, zombarias e oposições que, hoje como ontem, nunca faltam na vida apostólica (cf. *At* 4, 1-31).

E ao mesmo tempo que agimos com esta força, o nosso anúncio quer ser gentil, para acolher a todos. Não nos esqueçamos disto: todos, todos, todos... Não nos esqueçamos da parábola daqueles convidados para a festa que não quiseram vir: «Saí pelas encruzilhadas das estradas e trouxe a todos, todos, todos, bons e maus, todos» (cf. *Mt* 22, 9-10). O Espírito dá-nos a força para prosseguir e chamar a todos com gentileza, dá-nos a gentileza de acolher a todos

Todos nós, irmãos e irmãs, temos tanta necessidade de esperança, que não é otimismo, mas algo de diferente. Precisamos de esperança. Esta é representada como uma âncora, presa à margem, e nós agarrados à corda, a esperança. Precisamos de esperança, precisamos de levantar os olhos para horizontes de paz, fraternidade, justiça e solidariedade. Tal é o único caminho da vida, não há outro. É certo que o mesmo, muitas vezes infelizmente, não se apresenta fácil, antes aparece tortuoso e em subida. Mas sabemos que não estamos sozinhos; sentimos a segurança de que, com a ajuda do Espírito Santo, com os seus dons, juntos podemos percorrê-lo e torná-lo sempre mais acessível também para os outros.

Renovemos, irmãos e irmãs, a nossa fé na presença do Consolador ao nosso lado e continuamos a rezar:

*Vinde, Espírito Criador, iluminai as nossas mentes,
enchei da vossa graça os nossos corações, guiai os nossos passos,
dai ao nosso mundo a vossa paz.
Amen.*

JORNADA MUNDIAL DAS CRIANÇAS

Praça São Pedro

Domingo, 26 de maio de 2024

Queridos meninos, queridas meninas, estamos aqui para rezar, rezar juntos, rezar a Deus. Concordais? Estais de acordo com isto? Sim? E rezamos a Deus, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Quantos «deuses» são? Um em três pessoas: o Pai que nos criou a todos, que tanto nos ama. Quando rezamos a Deus Pai, qual é a oração..., qual é a oração que todos rezamos? [respondem: o Pai Nosso]. Rezemos sempre a Deus, o Pai nosso, para que nos acompanhe na vida e faça crescer.

E como se chama o Filho? Qual é o nome do Filho? [respondem: Jesus] Não ouvi bem! [...] Jesus! E rezamos a Jesus para que nos ajude, para que permaneça junto de nós. Quando vamos à comunhão, recebemos Jesus... E também é Jesus que nos perdoa todos os pecados. É verdade que Jesus perdoa tudo? [respondem: sim!] Não se ouve..., por que será? É mesmo verdade que Ele sempre perdoa tudo? [respondem: sim!] Sempre, sempre, sempre? [respondem: sim!] E se for um homem ou uma mulher, pecador, mesmo pecador, mas pecador com muitos pecados, Jesus perdoa-os? [respondem: sim!] Perdoa, mesmo ao pior dos pecadores? [respondem: sim!] Sim! Não vos esqueçais disso: Jesus perdoa tudo, perdoa sempre e nós devemos ter a humildade de pedir perdão. «Perdoa-me, Senhor! Errei. Sou fraco. A vida colocou-me em dificuldade... Mas Tu perdoa tudo. Quero mudar de vida e Tu ajuda-me». Sabem? Parece-me que antes não ouvi bem... É verdade que perdoa tudo? [respondem: sim!] Muito bem, não vos esqueçais disso.

Agora outro problema: quem é o Espírito Santo? Eh, não é fácil dizê-lo, porque o Espírito Santo é Deus, está dentro de nós. Recebemos o Espírito Santo no Batismo, recebemo-Lo nos Sacramentos. É o Espírito Santo que nos acompanha na vida. Pensemos nisto e digamos juntos: «O Espírito Santo acompanha-nos na vida». Todos juntos: «O Espírito Santo acompanha-nos na vida». É quem nos diz, no coração, as coisas boas que devemos fazer. Outra vez: «O Espírito Santo acompanha-nos na vida». É

quem nos repreende no nosso íntimo, quando fazemos algo de mal. «O Espírito Santo...» (Já esqueceste!? Não ouço...) Outra vez! O Espírito Santo é quem nos dá a força, consola nas dificuldades. Juntos: «O Espírito Santo acompanha-nos na vida».

Assim, queridos irmãos e irmãs, meninos e meninas, somos todos felizes, porque acreditamos. A fé faz-nos felizes. E acreditamos em Deus que é «Pai, Filho e Espírito Santo». Todos juntos: «Pai, Filho e Espírito Santo». O Pai que nos criou, Jesus que nos salvou e o Espírito Santo... que faz Ele? [...].

Muito obrigado a todos vós... Nós os cristãos, para estar seguros, temos também uma mãe. Como se chama a nossa mãe? Como se chama a nossa Mãe do Céu? [respondem: Maria] Vós sabeis rezar a Nossa Senhora? [respondem: sim!] Tendes a certeza? [...] Façamo-lo agora; quero ouvir... [recitam a Ave Maria]. Muito bem, rapazes e raparigas, muito bem meninas e meninos... Vejo que a sabeis. O Pai que nos criou, o Filho que nos salvou e... que fazia o Espírito Santo? [...] Muito bem! Que Deus vos abençoe, rezai por nós, para podermos continuar para diante... todos nós! Rezai pelos pais, rezai pelos avós, rezai pelas crianças doentes. Aqui, atrás de mim, estão muitas crianças doentes. Rezai sempre, e sobretudo rezai pela paz, para que não hajam guerras. Agora vamos continuar a Missa. Mas – para não esquecermos –, que fazia Espírito Santo? (...) Muito bem. Continuai assim.

SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO
SANTA MISSA, PROCISSÃO E BÊNÇÃO EUCARÍSTICA

Basílica de São João de Latrão

Domingo, 2 de junho de 2024

«Tomou o pão e pronunciou a bênção» (Mc 14, 22). Com este gesto tem início, no Evangelho de São Marcos, a narração da instituição da Eucaristia. E poderíamos partir deste gesto de Jesus – abençoar o pão – para refletir sobre as três dimensões do Mistério que estamos a celebrar: o *agradecimento*, a *memória* e a *presença*.

Primeiro: o *agradecimento*. A palavra «Eucaristia» quer precisamente dizer «obrigado»: «agradecer» a Deus pelos seus dons, e neste sentido o sinal do pão é importante. É o alimento de cada dia, com o qual levamos ao Altar quanto somos e temos: vida, obras, sucessos e também fracassos, como simboliza o gracioso costume existente nalgumas culturas de apanhar o pão, quando cai por terra, e beijá-lo: quer lembrar que o mesmo é precioso de mais para ser lançado fora, mesmo depois de ter caído. E assim a Eucaristia ensina-nos a abençoar, recolher e beijar – sempre em ação de graças – os dons de Deus. E isto, tanto na celebração como na vida diária.

Por exemplo, não desperdiçando as coisas e talentos que o Senhor nos deu; mas também perdendo e levantando quem escorrega e cai por fraqueza ou por erro, porque tudo é dom e nada se pode perder. Pois ninguém pode ficar no chão, mas todos devem ter a possibilidade de se levantar e retomar o caminho. E nós, podemos fazer isto na nossa vida quotidiana, realizando o nosso trabalho com amor, perfeição e cuidado, com precisão, como um dom e uma missão. E, ajudando sempre quem caiu. Só uma vez na vida é permitido olhar uma pessoa de cima para baixo: para a ajudar a reerguer-se. E esta é a nossa missão.

Para *dar graças* poder-se-ia certamente ajuntar muitas outras coisas. São comportamentos «eucarísticos» importantes, porque nos ensinam a compreender o valor daquilo que realizamos e oferecemos.

Primeiro, *dar graças*. Segundo: «abençoar o pão», ou seja, *fazer memória*. De quê? Para o antigo Israel, tratava-se de recordar a libertação da escravidão do Egito e o início do êxodo rumo à Terra Prometida. Para nós, é reviver a Páscoa de Cristo, a sua Paixão e Ressurreição, com que nos libertou do pecado e da morte. Fazer memória da nossa vida, fazer memória dos nossos sucessos, fazer memória dos nossos erros, fazer memória daquela mão estendida do Senhor que nos ajuda sempre a levantar de novo, fazer memória da presença do Senhor na nossa vida.

Há quem diga que é livre aquele que pensa apenas em si mesmo, que goza a vida e que, com indiferença e talvez com arrogância, faz tudo o que lhe apetece sem respeitar os outros. Isto não é liberdade: é uma escravidão encoberta, uma escravidão que nos torna ainda mais escravos.

A liberdade não se encontra nos cofres de quem acumula para si, nem nos sofás de quem se acomoda preguiçosamente no desinteresse e individualismo: a liberdade encontra-se no Cenáculo onde uma pessoa, sem outro motivo para além do amor, se ajoelha diante dos irmãos oferecendo-lhes os próprios serviços, a própria vida como «salvados».

Por fim, o Pão eucarístico é presença real. E assim nos fala dum Deus que não está distante nem é ciumento, mas próximo e solidário com o homem; que não nos abandona, antes pelo contrário procura-nos, esperanos e acompanha-nos sempre, até ao ponto de Se colocar, indefeso, nas nossas mãos.

E esta sua presença convida, também a nós, a aproximar-nos dos nossos irmãos nas situações onde o amor nos reclama.

Queridos irmãos e irmãs, como é grande a necessidade, que há no nosso mundo, deste pão, da sua fragrância e do seu aroma, uma fragrância que sabe de gratidão, que sabe de liberdade, sabe de proximidade! Dia a dia vemos cada vez mais estradas, que outrora cheiravam a pão fresco, e hoje estão reduzidas a montões de escombros por causa da guerra, do egoísmo e da indiferença. Urge devolver ao mundo o aroma bom e fresco do pão do amor, para continuar a esperar, sem nunca se cansar, e a reconstruir o que o ódio destrói.

Este é também o significado do gesto que faremos daqui a pouco com a Procissão Eucarística: partindo do Altar, levaremos o Senhor por entre as casas da nossa cidade. Não o fazemos para nos exhibir, nem para alardear a nossa fé, mas para convidar a todos a participarem, no Pão da Eucaristia, na vida nova que Jesus nos deu. Façamos a procissão com este estado de espírito. Obrigado.

SANTA MISSA E BÊNÇÃO DOS PÁLIOS PARA OS NOVOS ARCEBISPOS
METROPOLITANOS
NA SOLENIDADE DOS SANTOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO

Basílica de São Pedro

Sábado, 29 de junho de 2024

Fixemos o nosso olhar nos dois Apóstolos, Pedro e Paulo: o pescador da Galileia que Jesus fez pescador de homens; o fariseu perseguidor da Igreja transformado pela Graça em evangelizador dos gentios. À luz da Palavra de Deus, deixemo-nos inspirar pelas suas histórias e pelo zelo apostólico que marcou o caminho das suas vidas. Ao encontrarem o Senhor, fizeram uma verdadeira experiência pascal: foram libertados e *abriram-se diante deles as portas de uma vida nova*.

Irmãos e irmãs, nas vésperas do ano jubilar, detenhamo-nos precisamente na imagem da porta. Com efeito, o Jubileu será um tempo de graça no qual abriremos a Porta Santa, para que todos possam atravessar o limiar daquele santuário vivo que é Jesus e, n'Ele, experimentar o amor de Deus que revigora a esperança e renova a alegria. Também na história de Pedro e Paulo há portas que se abrem.

A primeira leitura contou-nos o acontecimento da libertação de Pedro da prisão. Esta narrativa tem muitas imagens que nos recordam a experiência da Páscoa: o episódio ocorre durante a festa dos Ázimos; Herodes recorda a figura do Faraó do Egito; a libertação tem lugar de noite, como aconteceu com os israelitas; o anjo dá a Pedro as mesmas instruções que foram dadas a Israel: levanta-te depressa, põe o cinto, calça as sandálias (cf. At 12, 8; Ex 12, 11). Portanto, o que nos é narrado é um novo êxodo: Deus liberta a sua Igreja, o seu povo acorrentado, e mostra-se mais uma vez como o Deus da misericórdia que sustenta o seu caminho.

Naquela noite de libertação, a princípio abrem-se milagrosamente as portas da prisão; depois diz-se, de Pedro e do anjo que o acompanha, que eles estão diante da «porta de ferro que dá para a cidade, a qual se abriu por si mesma» (At 12, 10). Não são eles que abrem a porta, ela abre-se por si mesma. É Deus que abre as portas, é Ele quem liberta e abre caminhos. A

Pedro – como ouvimos no Evangelho – Jesus tinha confiado as chaves do Reino; mas ele experimenta que é o Senhor quem abre primeiro as portas. Ele vai sempre à nossa frente.

Chega a ser curioso: as portas da prisão são abertas pela força do Senhor, mas depois Pedro encontrará dificuldades para entrar na casa da comunidade cristã, aquela que vai à porta pensa que é um fantasma, e não a abre. Quantas vezes as comunidades não aprendem esta sabedoria de “abrir as portas”.

O caminho do apóstolo Paulo é, também e sobretudo, uma experiência pascal. Efetivamente, primeiro ele é transformado pelo Ressuscitado no caminho de Damasco e, depois, na contemplação contínua de Cristo crucificado, descobre a graça da fraqueza: quando somos fracos – afirma – é então que somos realmente fortes, porque já não nos apegamos a nós mesmos, mas a Cristo (cf. *2 Cor 12, 10*). Alcançado pelo Senhor e crucificado com Ele, Paulo escreve: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (*Gl 2, 20*). O objetivo de tudo isto, porém, não é uma religiosidade intimista e consoladora, como hoje nos apresentam alguns movimentos na Igreja, com uma “espiritualidade de salão”; pelo contrário, o encontro com o Senhor acende na vida de Paulo o zelo pela evangelização. Como ouvimos na segunda leitura, no fim da sua vida ele declara: «O Senhor esteve comigo e deu-me forças, a fim de que, por meu intermédio, o anúncio fosse plenamente proclamado e todos os gentios o escutassem» (*2 Tm 4, 17*).

Precisamente para contar como o Senhor lhe deu tantas oportunidades de anunciar o Evangelho, Paulo recorre à imagem das portas abertas. Sobre a sua chegada a Antioquia juntamente com Barnabé, diz-se que «assim que chegaram, reuniram a igreja e contaram tudo o que Deus fizera com eles, e como abrira aos pagãos a porta da fé» (*At 14, 27*). Do mesmo modo, dirigindo-se à comunidade de Corinto, diz: «abriu-se ali uma porta larga e propícia» (*1 Cor 16, 9*); e escrevendo aos Colossenses, exorta-os assim: «orai também por nós, para que Deus abra uma porta à nossa pregação, a fim de que eu anuncie o mistério de Cristo» (*Col 4, 3*).

Irmãos e irmãs, os dois Apóstolos Pedro e Paulo fizeram esta experiência de graça. Tocaram com as mãos a obra de Deus, que lhes abriu

as portas da sua prisão interior e também das prisões reais onde estavam encerrados por causa do Evangelho. E abriu-lhes, igualmente, as portas da evangelização, para que pudessem experimentar a alegria do encontro com os irmãos e irmãs das comunidades nascentes e levar a todos a esperança do Evangelho. E assim, nos preparamos para abrir a Porta Santa, neste ano!

Irmãos e irmãs, hoje os Arcebispos Metropolitanos nomeados durante o último ano recebem o Pálio. Em comunhão com Pedro e seguindo o exemplo de Cristo, porta das ovelhas (cf. *Jo* 10, 7), são chamados a ser pastores zelosos, que abrem as portas do Evangelho e que, com o seu ministério, ajudam a construir uma Igreja e uma sociedade de portas abertas.

Saúdo, com afeto fraterno, a Delegação do Patriarcado Ecuménico: obrigado por terem vindo manifestar o desejo comum da plena comunhão entre as nossas Igrejas. Envio uma sentida saudação cordial ao meu irmão, ao meu caro irmão Bartolomeu.

Que os Santos Pedro e Paulo nos ajudem a abrir a porta da nossa vida ao Senhor Jesus, que eles intercedam por nós, pela cidade de Roma e pelo mundo inteiro. Amém.

VISITA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO
A TRIESTE
POR OCASIÃO DA 50ª SEMANA SOCIAL DOS CATÓLICOS NA ITÁLIA

Piazza Unità d'Italia (Trieste)

Domingo, 7 de julho de 2024

Para despertar a esperança dos corações aflitos e sustentar as dificuldades do caminho, Deus sempre suscitou profetas no meio do seu povo. Mas como diz a primeira Leitura de hoje, narrando-nos a história de Ezequiel, eles encontraram muitas vezes um povo rebelde, «filhos teimosos, de coração empedernido» (*Ez 2, 4*), e foram rejeitados.

Também Jesus faz a mesma experiência dos profetas. Regressa a Nazaré, sua pátria, no meio do povo com quem cresceu, mas não é reconhecido, é até rejeitado: «Veio entre os seus, e os seus não o receberam» (*Jo 1, 11*). O Evangelho diz-nos que Jesus «era motivo de escândalo para eles» (*Mc 6, 3*), mas a palavra “escândalo” não se refere a algo obsceno ou indecente, como a usamos hoje; escândalo significa “pedra de tropeço”, isto é, obstáculo, impedimento, algo que nos bloqueia e impede de ir além. Perguntemo-nos: qual é o obstáculo que nos impede de acreditar em Jesus?

Ouvindo os discursos dos seus conterrâneos, vemos que se limitam apenas à sua história terrena, à sua origem familiar e, por isso, não conseguem explicar como do filho do carpinteiro José, ou seja, de uma pessoa comum, pode sair tanta sabedoria e até a capacidade de realizar prodígios. O escândalo, portanto, é a humanidade de Jesus. O obstáculo que impede aquelas pessoas de reconhecer a presença de Deus em Jesus é a constatação de que ele é humano, é simplesmente o filho do carpinteiro José: como pode Deus, todo-poderoso, revelar-se na fragilidade da carne de um homem? Como pode um Deus, todo-poderoso e forte, que criou a terra e libertou o seu povo da escravatura, tornar-se fraco a ponto de vir na carne e de se abaixar para lavar os pés aos discípulos? Este é o escândalo!

Irmãos e irmãs, uma fé fundada num Deus humano, que se abaixa perante a humanidade, que se preocupa com ela, que se comove com as

nossas feridas, que toma sobre si o nosso cansaço, que se parte como pão por nós. Um Deus forte e poderoso, que está do meu lado e me satisfaz em tudo, é atrativo; um Deus frágil, um Deus que morre na cruz por amor e me pede também para vencer todo o egoísmo e oferecer a minha vida pela salvação do mundo; isto, irmãos e irmãs, é um escândalo!

E, no entanto, colocando-nos diante do Senhor Jesus e lançando o olhar sobre os desafios que nos interpelam, sobre as muitas questões sociais e políticas debatidas também nesta Semana Social, sobre a vida concreta do nosso povo e as suas lutas, podemos dizer que hoje precisamos exatamente disto: escândalo! *Precisamos do escândalo da fé!* Não precisamos de uma religiosidade fechada em si mesma, que levanta os olhos para o céu sem se preocupar com o que acontece na terra e celebra liturgias no templo esquecendo o pó que há nas nossas estradas. Pelo contrário, precisamos do *escândalo da fé* — precisamos do *escândalo da fé* — uma fé enraizada no Deus que se fez homem e, portanto, uma fé humana, uma fé de carne, que entra na história, que acaricia a vida das pessoas, que cura o coração dilacerado, que se torna fermento de esperança e semente de um mundo novo. É uma fé que desperta a consciência do torpor, que põe o dedo nas feridas, nas feridas da sociedade — que são muitas — uma fé que levanta questões sobre o futuro do homem e da história; é uma fé inquieta, e nós devemos levar uma vida inquieta, uma fé que se move de coração para coração, uma fé que receba de fora os problemas da sociedade, uma fé inquieta que nos ajude a superar a mediocridade e a preguiça do coração, que se torne espinho na carne de uma sociedade muitas vezes anestesiada e atordoada pelo consumismo. E sobre isto reflito um pouco... Diz-se que a nossa sociedade está um pouco anestesiada e atordoada pelo consumismo: já pensastes se o consumismo entrou no vosso coração? Essa ânsia de ter, de possuir coisas, de ter mais, essa ânsia de desperdiçar dinheiro. O consumismo é uma chaga, é um tumor: adoece o coração, torna-te egoísta, leva-te a olhar só para ti mesmo. Irmãos e irmãs, acima de tudo, precisamos de uma fé que dissipe os cálculos do egoísmo humano, que denuncie o mal, que aponte o dedo contra as injustiças, que impeça as tramas daqueles que, à sombra do poder, jogam com a pele dos fracos. E quantos, quantos — bem sabemos — usam a fé para explorar as pessoas. Isto não é fé!

Um poeta desta cidade, descrevendo numa lírica o seu habitual regresso a casa no final da tarde, diz que passa por uma rua um pouco escura, um lugar de degradação onde os homens e as mercadorias do porto são “detritos”, isto é, descartes de humanidade; e no entanto, precisamente aqui, escreve assim, cito: «Passando, encontro o infinito na humildade», porque a prostituta e o marinheiro, a mulher turbulenta e o soldado, «são todos criaturas de vida e de dor; neles se agita, como em mim, o Senhor» (U. Saba, «Città vecchia», in *Il canzoniere* (1900-1954) *Edizione definitiva*, Turim, Einaudi, 1961). Não esqueçamos isto: Deus esconde-se nos cantos escuros da vida da nossa cidade, já pensastes nisso? Nos cantos escuros da vida da nossa cidade? A sua presença revela-se precisamente nos rostos escavados pelo sofrimento e onde parece triunfar a degradação. O infinito de Deus esconde-se na miséria humana, o Senhor agita-se, torna-se presente e faz-se presença amiga precisamente na carne ferida dos últimos, dos esquecidos, dos descartados. É aí que o Senhor se manifesta. E nós, que às vezes nos escandalizamos inutilmente com tantas coisas pequenas, faríamos bem a perguntar-nos: por que não nos escandalizamos perante o mal que se alastra, a vida humilhada, os problemas do trabalho, o sofrimento dos migrantes? Por que continuamos apáticos e indiferentes às injustiças do mundo? Por que não nos preocupamos com a situação dos prisioneiros, que inclusive desta cidade de Trieste se eleva como clamor de angústia? Por que não contemplamos a miséria, a dor, o descarte de tantas pessoas na cidade? Temos medo, temos medo de encontrar Cristo ali!

Caríssimos, Jesus viveu na própria carne a profecia da quotidianidade, entrando na vida e nas histórias diárias do povo, demonstrando compaixão nos acontecimentos, e manifestou que é Deus, que é compassivo. E, por isso, alguns escandalizaram-se com Ele, tornou-se um obstáculo, foi rejeitado a ponto de ser julgado e condenado; no entanto, Ele permaneceu fiel à sua missão, não se escondeu por detrás da ambiguidade, não se conformou com a lógica do poder político e religioso. Fez da sua vida uma oferta de amor ao Pai. Assim somos também nós, cristãos: somos chamados a ser profetas e testemunhas do Reino de Deus, em todas as situações que vivemos, em cada lugar que habitamos.

Irmãos e irmãs, a partir desta cidade de Trieste, que se debruça sobre a Europa, encruzilhada de povos e culturas, terra de fronteira, alimentemos o

sonho de uma nova civilização fundada na paz e na fraternidade; por favor, não nos escandalizemos com Jesus, mas, pelo contrário, indignemo-nos com todas as situações em que a vida é brutalizada, ferida e morta; levemos a profecia do Evangelho na nossa carne, com as nossas escolhas antes ainda do que com as palavras. Essa coerência entre escolhas e palavras! E a esta Igreja de Trieste gostaria de dizer: em frente, em frente! Continuai com o compromisso de propagar na linha da frente o Evangelho da esperança, sobretudo a quem chega através da rota balcânica e a quantos, no corpo ou no espírito, têm necessidade de encorajamento e consolação. Trabalhemos juntos: a fim de que, redescobrimo-nos amados pelo Pai, possamos viver todos como irmãos. Todos irmãos, com aquele sorriso da hospitalidade e da paz de espírito. Obrigado!

ORAÇÃO DE VÉSPERAS
POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DA DEDICAÇÃO
DA BASÍLICA PAPAL DE SANTA MARIA MAIOR
E DA SOLENIDADE DE NOSSA SENHORA DAS NEVES

Basílica de Santa Maria Maior

Domingo, Segunda-feira, 5 de agosto de 2024

Dois sinais marcam esta celebração: o primeiro é a tradicional “nevada”, que terá lugar daqui a pouco, durante o *Magnificat*; o segundo é o ícone da *Salus populi romani*. Estes dois sinais, corretamente interpretados, podem ajudar-nos a colher a mensagem da Palavra de Deus, que acabámos de rezar nos Salmos e de ouvir na Leitura.

A “nevada”. Trata-se apenas de folclore ou tem um valor simbólico? Depende de nós, do modo como a compreendemos e do significado que lhe atribuímos. Todos sabemos que evoca o fenómeno prodigioso, pelo qual foi indicado ao Papa Libério o local onde a basílica primitiva se devia construir. No entanto, o facto deste sinal se repetir na solenidade de hoje, no interior da Basílica e durante a liturgia, convida-nos sobretudo a interpretá-lo em sentido simbólico.

Por isso, sugiro que nos deixemos guiar por dois versículos do livro de Ben Sirá, que diz o seguinte acerca da neve por Deus derramada do céu: «os olhos admiram a beleza da sua brancura / e o coração maravilha-se de a ver cair» (*Sir* 43, 18). Neste ponto, o sábio evidencia o duplo sentimento que o fenómeno natural suscita na alma humana: a *admiração* e a *maravilha*. Ao ver cair a neve, “os olhos admiram” e “o coração maravilha-se”. E isto guia-nos na interpretação do sinal da “nevada”: ela pode ser entendida como símbolo da graça, ou seja, de uma realidade que conjuga beleza e gratuidade. É algo que não pode merecer-se nem muito menos comprar-se, só pode receber-se enquanto dom e, como tal, é completamente imprevisível, à semelhança duma queda de neve em pleno verão na cidade de Roma. A graça suscita admiração e maravilha. Não esqueçamos estas duas palavras: capacidade de admirar e capacidade de se maravilhar. Não podemos perder estas duas capacidades, porque elas entram na experiência da nossa fé.

E com esta atitude interior, o nosso olhar pode agora dirigir-se para o segundo sinal, muito mais importante: o antigo *Ícone mariano* que é, por assim dizer, a joia desta Basílica. Nele, a graça adquire plenamente a sua forma cristã na imagem da Virgem Mãe com o Menino. A Santa Mãe de Deus. Aqui a graça aparece concretizada, despojada de qualquer revestimento mitológico ou mágico ou espiritualista, que na religião está sempre à espreita. No Ícone encontra-se apenas o essencial: *Mulher e Filho*, como no texto de São Paulo que escutámos há pouco: «Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher» (*Gl 4, 4*). A Mulher é a cheia de graça, concebida sem pecado, imaculada como a neve acabada de cair. Deus olhou-a com admiração e maravilha – também Deus se maravilha! –, e escolheu-a como Mãe porque é filha do seu Filho: gerada n’Ele antes de todos os tempos, tornou-se a sua Mãe na plenitude do tempo. O Menino segura o Livro Sagrado com o braço esquerdo e com o direito abençoa; e a primeira abençoada é Ela, a Mãe, a Bendita entre todas as mulheres. O seu manto escuro deixa sobressair a veste dourada do Filho: só n’Ele habita toda a plenitude da divindade; Ela, de rosto descoberto, reflete a sua glória. Dispensemos algum tempo para ir ver Nossa Senhora. Olhemos para ela em silêncio, vendo todas estas coisas, olhando para este ícone que tanto nos santifica a todos. Dispensemos algum tempo, depois, para ir vê-la.

Por isso, o povo fiel vem pedir a bênção à Santa Mãe de Deus; porque ela é a medianeira da graça que brota sempre e apenas de Jesus Cristo, por obra do Espírito Santo. Especialmente durante o próximo ano, o Ano Santo do Jubileu, muitos serão os peregrinos que virão a esta Basílica para pedir a bênção à Mãe. Hoje, somos nós que aqui nos encontramos reunidos, como uma espécie de antecipação, invocando a sua intercessão pela cidade de Roma, a nossa cidade, e pelo mundo inteiro, especialmente, pela paz: a paz, que somente é verdadeira e duradoura se brota de corações arrependidos e de corações perdoados – o perdão constrói a paz, porque perdoar é a nobilíssima atitude do Senhor; a paz, que vem da Cruz de Cristo, do Seu Sangue, que Ele tomou de Maria e derramou em remissão dos pecados.

Gostaria de concluir dirigindo-me à Virgem Santíssima com as palavras de São Cirilo de Alexandria, no final do Concílio de Éfeso: «Salve, ó Maria, Mãe de Deus, Vós que trouxestes a luz e sois puríssima. Salve, Virgem Maria, Mãe e serva. Virgem, graças Àquele que de Vós nasceu;

Mãe, graças Àquele que segurais nos braços. [...] Salve, Maria, tesouro de toda a terra; lâmpada inextinguível; de Vós nasceu o sol da justiça». (*Homilia 11: PG 77*). Santa Mãe de Deus, rogai por nós.

E agora convido-vos, todos juntos (vejamos se conseguis fazê-lo!), todos juntos, a repetir três vezes: «Salve, Santa Mãe de Deus». Todos juntos: «Salve, Santa Mãe de Deus». [Todos] «Salve, Santa Mãe de Deus». Outra vez, mais alto: [todos] «Salve, Santa Mãe de Deus».

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE FRANCISCO
à **INDONÉSIA**, PAPUA NOVA GUINÉ,
TIMOR-LESTE E SINGAPURA
(2 - 13 de setembro de 2024)

Estádio “Gelora Bung Karno” (Jacarta, Indonésia)

Quinta-feira, 5 de setembro de 2024

O encontro com Jesus convoca-nos a viver duas atitudes fundamentais, que nos permitem tornarmo-nos seus discípulos. A primeira atitude: *escutar a Palavra*; a segunda: *viver a Palavra*. Primeiro escutar, porque tudo nasce da escuta, da abertura a Ele, do acolhimento do dom precioso da sua amizade. Mas depois é importante viver a Palavra recebida, para não sermos meros ouvintes que se enganam a si mesmos (cf. *Tg* 1, 22) e para não correremos o risco de escutar apenas com os ouvidos, sem que a semente da Palavra desça ao coração e mude o nosso modo de pensar, sentir e agir. Isso não é bom. A Palavra que nos é dada e que escutamos pede para se tornar vida, para transformar a vida e para ser encarnada na nossa vida.

Estas duas atitudes essenciais, *escutar a Palavra e viver a Palavra*, podemos contemplá-las no Evangelho que acabou de ser proclamado.

Primeiramente, *escutar a Palavra*. O evangelista conta que muitas pessoas acorriam a Jesus e que a multidão se comprimia à volta dele «para escutar a palavra de Deus» (*Lc* 5, 1). Procuravam-no, tinham fome e sede da Palavra do Senhor, que ouviam ressoar nas palavras de Jesus. Por isso, este episódio, que se repete tantas vezes no Evangelho, diz-nos que o coração do homem está sempre à procura de uma verdade que possa aplacar e alimentar o seu desejo de felicidade; que não podemos contentar-nos apenas com as palavras humanas, os critérios deste mundo e os juízos terrenos; precisamos sempre de uma luz do alto para iluminar os nossos passos, de uma água viva que possa irrigar os desertos da alma, de uma consolação que não desiluda porque provém do céu e não das coisas passageiras deste mundo. Perante o entontecimento e a vaidade das palavras humanas, faz falta, irmãos e irmãs, a Palavra de Deus, a única que é bússola para o nosso caminho e é capaz de, no meio de tantas feridas e perplexidades, nos reconduzir ao verdadeiro sentido da vida.

Irmãos e irmãs, não esqueçamos isto: a primeira tarefa do discípulo – todos nós somos discípulos! – não é vestir o hábito de uma religiosidade exteriormente perfeita, fazer coisas extraordinárias ou envolver-se em projetos grandiosos. Não! Pelo contrário, a primeira tarefa, o primeiro passo consiste em saber escutar a única Palavra que salva, que é a de Jesus, como podemos ver no episódio evangélico, o Mestre sobe para a barca de Pedro a fim de se afastar um pouco da margem e, assim, pregar melhor ao povo (cf. *Lc 5, 3*). A nossa vida de fé começa quando, acolhendo humildemente Jesus na barca da nossa vida, lhe damos espaço, escutamos a sua Palavra e, por ela, nos deixamos interpelar, estremecer e transformar.

Ao mesmo tempo, irmãos e irmãs, a Palavra do Senhor pede para ser encarnada concretamente em nós: somos, portanto, chamados a *viver a Palavra*. Repetir simplesmente a Palavra, sem a viver, faz-nos ser como papagaios: pronuncio-a, sim, mas não se compreende, não se vive. Na verdade, quando terminou de pregar às multidões a partir da barca, Jesus dirige-se a Pedro, exortando-o a arriscar e a apostar nesta Palavra: «Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca» (v. 4). A Palavra do Senhor não pode permanecer uma linda ideia abstrata ou suscitar apenas a emoção de um momento; ela exige-nos que mudemos o olhar, que deixemos o coração transformar-se à imagem do de Cristo; a Palavra chama-nos a lançar corajosamente as redes do Evangelho no meio do mar do mundo, “correndo o risco”, sim, correndo o risco de levar à prática o amor que Ele nos ensinou e viveu em primeiro lugar. Irmãos e irmãs, também a nós o Senhor, com a força ardente da sua Palavra, pede para nos fazermos ao mar, para sairmos das margens paradas dos maus hábitos, dos medos e da mediocridade, para ousarmos uma vida nova. A mediocridade agrada ao diabo! Porque entra em nós e nos arruína.

Claro que existem sempre obstáculos e desculpas no sentido de dizermos “não”; mas olhemos de novo para a atitude de Pedro: tinha vindo de uma noite difícil, em que não tinha apanhado nada, estava arrasado, cansado, desiludido; e, no entanto, em vez de ficar paralisado naquele vazio e bloqueado pelo seu próprio fracasso, diz: «Mestre, trabalhámos durante toda a noite e nada apanhámos; mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes» (v. 5). *Porque Tu o dizes, lançarei as redes*. E então dá-se o inaudito: o

milagre de uma barca que se enche de peixes a ponto de quase afundar (cf. v. 7).

Irmãos e irmãs, perante as muitas tarefas da nossa vida quotidiana; perante o apelo, que todos sentimos, de construir uma sociedade mais justa, de avançar no caminho da paz e do diálogo – aquele caminho que aqui na Indonésia foi traçado há muito tempo –, podemos por vezes julgar-nos inadequados, sentir o peso de tanto esforço que nem sempre dá os frutos esperados, ou o peso dos nossos erros que parecem impedir o caminho. Mas, com a mesma humildade e fé de Pedro, também nos é pedido para não ficarmos prisioneiros dos nossos fracassos. Trata-se de uma coisa muito má, porque os fracassos apanham-nos e podemos tornar-nos seus prisioneiros. Não! Por favor: não fiquemos prisioneiros dos nossos fracassos! Em vez de permanecermos com os olhos fixos nas nossas redes vazias, olhemos para Jesus e confiemos n’Ele. Não olhes para as tuas redes vazias; olha para Jesus, olha para Jesus! Ele far-te-á caminhar, Ele far-te-á andar bem. Confia n’Ele! Podemos sempre arriscar, fazendo-nos ao mar e lançando de novo as redes, mesmo depois de termos atravessado a noite do fracasso, o tempo da desilusão, em que não pescámos nada. Agora farei um pequeno momento de silêncio e cada um de vós vai pensar nos seus próprios fracassos. [pausa] Olhando para estes fracassos, arrisquemos, avancemos com a coragem da Palavra de Deus.

Santa Teresa de Calcutá, cuja memória celebramos hoje, que se dedicou incansavelmente aos mais pobres e se tornou uma promotora da paz e do diálogo, costumava dizer: “Quando nada tivermos para dar, demos esse nada. E lembra-te: nunca te canse de semear, mesmo se não vieres a colher nada”. Irmão e irmã, nunca te canse de semear, porque isto é vida.

É exatamente isto, irmãos e irmãs, que eu gostaria de dizer também a vós, a esta nação, a este arquipélago maravilhoso e variegado: não vos canseis de partir para o alto-mar nem vos canseis de lançar as redes; não vos canseis de sonhar nem de construir de novo uma civilização de paz! Ousai sempre o sonho da fraternidade, que é um verdadeiro tesouro entre vós. Com a Palavra do Senhor encorajo-vos a semear o amor, a percorrer com confiança o caminho do diálogo, a praticar continuamente a vossa bondade e amabilidade com o sorriso que vos caracteriza. Já vos disseram

que sois um povo sorridente? Não percais o sorriso, por favor, e segui em frente! E sede construtores de paz. Sede construtores de esperança!

É este o desejo recentemente expresso pelos Bispos do vosso País, e é o voto que também eu gostaria de formular a todo o povo indonésio: caminhar juntos para o bem da sociedade e da Igreja! Sede construtores de esperança. Escutai bem: sede construtores de esperança! Daquela esperança do Evangelho que não desilude (cf. Rm 5, 5), nunca desilude, e abre a uma alegria sem fim. Muito obrigado.

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE FRANCISCO
à INDONÉSIA, **PAPUA NOVA GUINÉ**,
TIMOR-LESTE E SINGAPURA (2 - 13 de setembro de 2024)

Estádio “Sir John Guise” (Port Moresby, Papua Nova Guiné)

Domingo, 8 de setembro de 2024

A primeira palavra que o Senhor nos dirige hoje é: «Tomai ânimo, não temais!» (Is 35, 4). O profeta Isaías di-lo a todos os que sentem o coração perturbado. Deste modo, ele encoraja o seu povo e convida-o, mesmo no meio de dificuldades e sofrimentos, a olhar para o alto, para um horizonte de esperança e futuro: Deus vem salvar-nos, Ele virá e, nesse dia, «se abrirão os olhos do cego, os ouvidos do surdo ficarão a ouvir» (Is 35, 5).

Esta profecia cumpre-se em Jesus. Na narração de São Marcos, são sublinhados particularmente dois aspectos: a *distância do surdo-mudo* e a *proximidade de Jesus*. Detenhamo-nos sobre estes dois elementos essenciais.

A *distância do surdo-mudo*. Este homem encontra-se numa zona geográfica que, hoje em dia, chamaríamos “periferia”. O território da Decápole situa-se para lá do Jordão, longe do centro religioso de Jerusalém. Porém, aquele homem surdo-mudo experimenta um outro tipo de distância: está longe de Deus, está longe dos homens porque não tem a possibilidade de comunicar. É surdo e, portanto, não pode ouvir os outros, é mudo e, por conseguinte, não pode falar com os demais. Este homem está separado do mundo e isolado, é prisioneiro da sua surdez e da sua mudez, devido às quais não pode abrir-se aos outros para comunicar.

Porém, podemos interpretar esta condição de surdo-mudo num outro sentido, porque pode acontecer-nos ficar afastados da comunhão e da amizade com Deus e os irmãos quando, mais do que os ouvidos e a língua, for o coração a fechar-se. Há uma surdez interior e uma mudez do coração que dependem de tudo aquilo que nos encerra em nós mesmos, impede a relação com Deus e nos fecha aos outros: egoísmo, indiferença, medo de arriscar e de comprometer-se, ressentimento, ódio, e a lista poderia

continuar. Tudo isto afasta-nos de Deus, dos irmãos e também de nós mesmos; e afasta-nos da alegria de viver.

Face a esta distância, irmãos e irmãs, Deus responde com o oposto, com *a proximidade de Jesus*. No seu Filho, Ele quer mostrar, primeiramente, que é o Deus próximo, compassivo, solícito com a nossa vida, vencedor de todas as distâncias. E, efetivamente, no trecho do Evangelho, vemos Jesus dirigir-se a esses territórios periféricos, saindo da Judeia, para ir ao encontro dos pagãos (cf. *Mc 7, 31*).

Com a sua proximidade, Jesus cura a mudez e a surdez do homem: quando nos sentimos distantes, ou escolhemos manter-nos à distância – de Deus, dos irmãos, daqueles que são diferentes de nós – então fechamo-nos, encerramo-nos em nós mesmos e acabamos por girar apenas em torno do nosso eu, surdos à Palavra de Deus e ao grito do próximo e, por conseguinte, incapazes de falar com Deus e com o próximo.

E vós, irmãos e irmãs que habitais esta terra tão distante, talvez tenhais a ideia de estar separados, separados do Senhor, separados dos outros homens, e isso não é verdade. Vós estais unidos, unidos no Espírito Santo, unidos no Senhor! E o Senhor diz a cada um de vós: «Abre-te!». É isto o mais importante: *abrimo-nos a Deus, abrimo-nos aos irmãos, abrimo-nos ao Evangelho* e fazer dele a bússola da nossa vida.

Também a vós, hoje, o Senhor diz: “Coragem, não temais, povo papuano! Abre-te! Abre-te à alegria do Evangelho, abre-te ao encontro com Deus, abre-te ao amor dos irmãos”. Que nenhum de nós fique surdo e mudo perante este convite. E que o Bem-aventurado João Mazzucconi vos acompanhe neste caminho: ele, no meio de tanto desconforto e hostilidade, trouxe Cristo para o meio de vós, para que ninguém fique surdo diante da alegre Mensagem da salvação, e em todos a língua se possa soltar para cantar o amor de Deus. Que o mesmo aconteça, hoje, também convosco!

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE FRANCISCO
à INDONÉSIA, PAPUA NOVA GUINÉ,
TIMOR-LESTE E SINGAPURA

(2 - 13 de setembro de 2024)

Esplanada de Taci Tolu (Díli, Timor Leste)

Terça-feira, 10 de setembro de 2024

«Um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado» (Is 9, 5).

São estas as palavras com as quais, na Primeira Leitura, o profeta Isaías se dirige aos habitantes de Jerusalém, numa época próspera para a cidade, mas infelizmente caracterizada por uma grande decadência moral.

Há muita riqueza, porém o bem-estar cega os poderosos, iludindo-os com a ideia de serem auto-suficientes, de não precisarem do Senhor, e a sua presunção leva-os a ser egoístas e injustos. É por isso que, apesar de haver tantos bens, os pobres são abandonados e passam fome, a infidelidade alastra e a prática religiosa se reduz, cada vez mais, a mera formalidade. A fachada enganadora de um mundo, à primeira vista perfeito, esconde assim uma realidade mais sombria, muito mais dura e cruel, com necessidade de conversão, misericórdia e cura.

Por isso, o profeta anuncia aos seus concidadãos que Deus abrirá diante deles um novo horizonte: um futuro de esperança e alegria, do qual serão banidas para sempre a opressão e a guerra (cf. Is 9, 1-4). Fará brilhar para eles uma grande luz (cf. v. 1) que os libertará das trevas do pecado que oprime; e não o fará com a força de exércitos, armas ou riquezas, mas com o dom de um filho (cf. vv. 5-6).

Paremos para refletir sobre esta imagem: Deus faz brilhar a sua luz salvadora através do *dom de um filho*.

Em todo o lado, o nascimento de um filho é um momento luminoso de alegria e festa, e por vezes suscita em nós bons desejos, de renovação no bem, de regresso à pureza e à simplicidade. Diante de um recém-nascido,

até o coração mais duro se acalenta e enche de ternura. A fragilidade de uma criança é sempre portadora duma mensagem tão forte que toca até as almas mais endurecidas, trazendo consigo movimentos e propósitos de harmonia e serenidade. É maravilhoso, irmãos e irmãs, o que acontece com o nascimento de uma criança!

A proximidade de Deus acontece através duma criança. Deus faz-se criança, não apenas para nos maravilharmos e comovermos, mas também para nos abrimos ao amor do Pai e nos deixarmos moldar por Ele, para que possa curar as nossas feridas, recompor os nossos desentendimentos, pôr ordem na nossa existência.

Esta realidade é bonita de ver em Timor-Leste, porque há muitas crianças: sois um país jovem onde por todo o lado se sente a vida a pulsar, a desabrochar. E isso é uma dádiva, um grande dom: a presença de tantos jovens e crianças renova constantemente a nossa energia e a nossa vida. Mas, mais ainda, trata-se de um sinal, porque dar espaço às crianças, aos mais pequenos, acolhê-los, cuidar deles, e fazermo-nos pequenos diante de Deus e diante uns dos outros, são precisamente as atitudes que nos abrem à ação do Senhor. Fazendo-nos pequenos, permitimos o agir de Deus em nós.

Hoje, veneramos Nossa Senhora como Rainha, isto é, a mãe de um Rei, Jesus, que quis nascer pequeno, fazer-se nosso irmão, pedindo o “sim” de uma jovem humilde e frágil (cf. *Lc 1, 38*).

Maria entendeu-o bem, a ponto de ter escolhido permanecer pequena durante toda a vida, tornando-se cada vez mais pequena, servindo, rezando, desaparecendo para dar lugar a Jesus, mesmo quando isso lhe custava muito.

Por isso, queridos irmãos e irmãs, não tenhamos medo de nos tornarmos pequenos diante de Deus e uns dos outros, não tenhamos medo de perder a nossa vida, de dar o nosso tempo, de rever os nossos programas e de redimensionar os nossos projetos quando for necessário, não para os diminuir, mas para os tornar ainda mais belos através do dom de nós mesmos e do acolhimento dos outros.

Tudo isto é simbolizado muito bem por dois belíssimos adornos tradicionais desta terra: o *Kaibauk* e o *Belak*. Ambos são feitos de metal precioso. Significa que são importantes!

O primeiro simboliza os cornos do búfalo e a luz do sol, e é colocado no alto, adornando a frente, bem como no topo das casas. Fala de força, energia e calor, e pode representar o poder de Deus que dá vida. Mas não só! Com efeito, colocado ao nível da cabeça e no cimo das casas, recorda-nos que, com a luz da Palavra do Senhor e a força da sua graça, também nós podemos cooperar no grande plano da redenção, através das nossas escolhas e ações.

O segundo, o *Belak*, coloca-se sobre o peito e é complementar do primeiro. Recorda o brilho delicado da lua, que à noite reflete humildemente a luz do sol, envolvendo tudo numa suave fluorescência. Fala de paz, fertilidade, doçura, e simboliza a ternura da mãe que, com os delicados reflexos do seu amor, faz brilhar o que toca com a mesma luz que recebe de Deus.

Kaibauk e *Belak*, força e ternura do Pai e da Mãe: assim o Senhor manifesta a sua realeza, feita caridade e misericórdia.

Por isso, em conjunto, nesta Eucaristia, cada um de nós enquanto mulher e homem, enquanto Igreja, enquanto sociedade, peça a sabedoria de refletir no mundo a luz forte e terna do Deus de amor, daquele Deus que, como rezámos no Salmo responsorial, «levanta do pó o indigente e tira o pobre da miséria, para o fazer sentar entre os grandes» (*Sal* 112, 7-8).

* * *

Queridos irmãos e irmãs,

Tenho pensado muito nisto: qual é a melhor coisa que Timor tem? O sândalo? A pesca? O melhor não é isso. O melhor é o seu povo. Não me posso esquecer das pessoas que me acolhiam nas bermas das estradas, com as crianças. Quantas crianças tendes! O que o povo tem de melhor é o sorriso das suas crianças. E um povo que ensina as crianças a sorrir é um povo com futuro.

Mas atenção! Porque me disseram que os crocodilos aparecem nalgumas praias: eles vêm a nadar e têm uma mordidela tão forte que não podemos enfrentar. Estai atentos! Tende cuidado com os crocodilos que querem mudar a vossa cultura, que querem mudar a vossa história. Permanecei fiéis. E não vos aproximeis desses crocodilos porque eles mordem, e mordem com força.

Desejo-vos a paz. Desejo que continuem a ter muitos filhos: que o sorriso deste povo seja os seus filhos! Cuidai das vossas crianças; mas cuidai também dos vossos idosos, que são a memória desta terra.

Obrigado, muito obrigado pela vossa caridade, pela vossa fé. Continuai em frente com esperança!

Agora peçamos ao Senhor que nos abençoe a todos, e depois cantaremos um cântico à Virgem Maria.

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE FRANCISCO
à INDONÉSIA, PAPUA NOVA GUINÉ,
TIMOR-LESTE E SINGAPURA

(2 - 13 de setembro de 2024)

Estádio Nacional de Singapura,
no “Singapore Sports Hub”

Quinta-feira, 12 de setembro de 2024

“A ciência incha, mas a caridade edifica” (1 Cor 8, 1). São Paulo dirige estas palavras aos irmãos e irmãs da comunidade cristã de Corinto: uma comunidade rica em muitos carismas (cf. 1 Cor 1, 4-5), à qual o Apóstolo, nas suas cartas, recomenda frequentemente que cultive a comunhão na caridade.

Precisamente por isso, gostaria de comentar as mesmas palavras, inspirando-me na beleza desta cidade e nas grandes e arrojadas arquiteturas que contribuem para a tornar tão famosa e fascinante, a começar pelo impressionante complexo do *National Stadium*, no qual nos encontramos. Desejo fazê-lo recordando que, em última análise, também na origem destas imponentes construções, como de qualquer outro empreendimento que marque positivamente este mundo, não está em primeiro lugar, como muitos pensam, o dinheiro, nem a técnica, nem sequer a engenharia – sem dúvida, meios muito úteis - mas está o amor: “a caridade que edifica”, precisamente.

Talvez alguns pensem que esta é uma afirmação ingênua, mas se refletirmos sobre ela, não é bem assim. Com efeito, não há nenhuma obra boa, que não tenha por detrás pessoas talvez geniais, fortes, ricas, criativas, mas ainda assim mulheres e homens frágeis como nós, que sem amor não têm vida, nem impulso, nem razões para agir, nem força para construir.

Queridos irmãos e irmãs, se existe e permanece algo de bom neste mundo, é simplesmente porque, em infinitas e variadas circunstâncias, o amor prevaleceu sobre o ódio, a solidariedade sobre a indiferença, a generosidade sobre o egoísmo. Sem isso, ninguém teria sido capaz de fazer

crescer aqui uma metrópole tão grande: os arquitetos não teriam projetado, os operários não teriam trabalhado e nada teria sido conseguido.

Portanto, tudo o que aqui vemos é um sinal. Por detrás de cada uma das obras que temos diante de nós, há tantas histórias de amor a descobrir: homens e mulheres unidos entre si numa comunidade, cidadãos dedicados ao seu País, mães e pais devotados às suas famílias, profissionais e trabalhadores de todos os tipos e categorias empenhados, de forma honesta, nas suas diferentes funções e tarefas. E é bom que aprendamos a ler estas histórias, escritas nas fachadas das nossas casas e nos traçados das nossas estradas, e as transmitamos, para nos recordarem que nada de duradouro nasce e cresce sem amor.

Por vezes, a grandeza e a imponência dos nossos projetos podem fazer-nos esquecer isto, levando-nos a pensar que conseguimos, sozinhos, ser os autores de nós mesmos, da nossa riqueza, bem-estar e felicidade. Mas a vida conduz-nos sempre, em última análise, a uma verdade: *sem amor, não somos nada*.

Portanto, a fé confirma-nos e ilumina-nos ainda mais sobre esta certeza, porque nos diz que, na raiz da nossa capacidade de amar e de ser amados, está o próprio Deus, que com coração de Pai nos desejou e nos trouxe à existência de uma maneira totalmente gratuita (cf. *1 Cor 8, 6*) e que, de forma igualmente gratuita, nos redimiou e nos libertou do pecado e da morte, com a paixão e a ressurreição do seu Filho Unigénito. É n'Ele, em Jesus, que tudo o que somos e podemos vir a ser tem a sua origem e o seu pleno cumprimento.

Assim, no nosso amor vemos um fiel reflexo do amor de Deus, como disse São João Paulo II no momento da sua visita a esta terra (cf. São João Paulo II, *Homilia da Santa Missa no Estádio Nacional de Singapura*, 20 de novembro de 1986), acrescentando uma frase importante: «Por conseguinte o amor é caracterizado por um profundo respeito por todas as pessoas, independentemente da sua raça, do seu credo religioso ou de qualquer outra coisa que as torne diferentes de nós» (*ibid.*).

Irmãos e irmãs, trata-se duma palavra importante para nós porque nos recorda que, além do deslumbramento diante das obras feitas pelo homem,

há uma maravilha ainda maior, a ser abraçada com muito mais admiração e respeito: os irmãos e irmãs que encontramos todos os dias no nosso caminho, sem preferências nem distinções, como nos mostra a sociedade e a Igreja de Singapura, etnicamente tão diversas e, ao mesmo tempo, tão unidas e solidárias!

Qual é o edifício mais bonito, o tesouro mais precioso, o investimento mais lucrativo aos olhos de Deus? Somos todos nós, filhos prediletos do mesmo Pai (cf. *Lc* 6, 36), chamados por sua vez a difundir o amor. As leituras desta Santa Missa falam-nos disto de várias maneiras; a partir de pontos de vista diferentes, descrevem uma mesma realidade: a caridade, que é delicada ao respeitar a vulnerabilidade de quem é fraco (cf. *1 Cor* 8, 13), que é providente ao conhecer e acompanhar quem está inseguro no caminho da vida (cf. *Sal* 138), que é magnânima e benévola ao perdoar para além de qualquer cálculo e medida (cf. *Lc* 6, 27-38).

O amor que Deus nos manifesta e convida a praticar: “responde generosamente às necessidades dos pobres, é caracterizado pela compaixão por aqueles que sofrem, está pronto a oferecer hospitalidade, é fiel nos tempos de provações, está sempre pronto a perdoar, a esperar”; perdoar e esperar, “a ponto de retribuir uma maldição com uma bênção [...] é o verdadeiro centro do Evangelho” (cf. São João Paulo II, *Homilia da Santa Missa no Estádio Nacional de Singapura*, 20 de novembro de 1986).

Podemos vê-lo em tantas pessoas santas: homens e mulheres conquistados pelo Deus da misericórdia, que se tornam o seu reflexo, eco, imagem viva. Para concluir, gostaria de recordar duas dessas pessoas.

A primeira é Maria, cujo Santíssimo Nome celebramos hoje. A quantas pessoas o seu apoio e presença deram e dão esperança! Em quantos lábios o seu Nome apareceu e aparece nos momentos de alegria e também de dor! Tudo isto porque n’Ela, em Maria, vemos o amor do Pai manifestar-se num dos modos mais belos e totais: o da ternura – não esqueçamos a ternura! – a ternura duma mãe, que tudo compreende e perdoa sem jamais nos abandonar. Por isso nos dirigimos a Ela!

O segundo é um santo muito querido nesta terra, que aqui encontrou hospitalidade por diversas vezes durante as suas viagens missionárias.

Refiro-me a São Francisco Xavier, recebido várias vezes neste território, sendo a última no dia 21 de julho de 1552.

Dele, ficou-nos uma maravilhosa carta dirigida a Santo Inácio e aos primeiros companheiros, na qual manifesta o desejo de ir por todas as universidades do seu tempo, «levantando a voz como homem que perdeu o juízo e falando aos que têm mais letras que vontade para se disporem a frutificar com elas», a fim de que eles se sintam impelidos a ser missionários por amor dos seus irmãos, «dizendo: «Senhor, eis-me aqui; que quereis que eu faça?»» (*Carta de Cochim*, janeiro de 1544).

Também nós, seguindo o seu exemplo e o de Maria, poderíamos fazer nossas estas palavras: “Senhor, eis-me aqui, que queres que eu faça?”, de modo que elas nos acompanhem não só nestes dias, mas sempre, como compromisso constante a escutar e a responder prontamente aos apelos de amor e de justiça que, ainda hoje, continuam a chegar-nos da infinita caridade de Deus

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE FRANCISCO
AO LUXEMBURGO E À BÉLGICA

(26 - 29 de setembro de 2024)

SANTA MISSA E BEATIFICAÇÃO
DA VENERÁVEL SERVA DE DEUS ANA DE JESUS

Estádio Rei Balduino (Bruxelas)

Domingo, 29 de setembro de 2024

«Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, melhor seria para ele atarem-lhe ao pescoço uma dessas mós que são giradas pelos jumentos, e lançarem-no ao mar» (Mc 9, 42). Com estas palavras, dirigidas aos discípulos, Jesus alerta para o perigo de escandalizar, ou seja, de obstruir o caminho e ferir a vida dos “pequeninos”. É uma advertência forte, severa, sobre a qual devemos parar para refletir. Gostaria de o fazer convosco, também à luz de outros textos sagrados, a partir de três palavras-chave: *abertura*, *comunhão* e *testemunho*.

Começamos com a *abertura*. A Primeira Leitura e o Evangelho falam-nos dela, mostrando-nos a ação livre do Espírito Santo que, na narrativa do êxodo, enche com o seu dom de profecia não só os anciãos que tinham ido com Moisés à tenda da reunião, mas também dois homens que tinham ficado no acampamento.

Isto faz-nos pensar, porque se inicialmente era escandaloso que eles estivessem ausentes do grupo dos eleitos, depois do dom do Espírito, é escandaloso proibi-los exercer a missão que, todavia, receberam. Percebe-o bem Moisés, homem humilde e sábio, ao dizer com mente e coração abertos: «Quem dera que todo o povo do SENHOR profetizasse, que o Senhor enviasse o seu espírito sobre ele!» (Nm 11, 29). Um belo desejo!

São palavras sábias, que antecipam o que Jesus diz no Evangelho (cf. Mc 9, 38-43.45.47-48). Aqui, a cena passa-se em Cafarnaum, onde os discípulos gostariam de impedir um homem de expulsar demónios em nome do Mestre, porque – afirmam – “não nos segue” (Mc 9, 38), ou seja, “não faz parte do nosso grupo”. É assim que pensam: “Quem não nos segue,

quem não é ‘dos nossos’ não pode fazer milagres, não tem direito”. Mas como sempre, Jesus surpreende-os – Jesus sempre nos surpreende – e repreende-os, convidando-os a ultrapassar os seus esquemas, a não se “escandalizarem” com a liberdade de Deus. E diz-lhes: «Não o impeçais [...] quem não é contra nós é por nós» (Mc 9, 39-40).

Reparemos bem nestas duas cenas, a de Moisés e a de Jesus, porque elas também nos dizem respeito a nós e à nossa vida cristã. Com efeito, pelo Batismo, todos nós recebemos uma missão na Igreja. Trata-se de um dom, não de um título ostentoso. A Comunidade dos crentes não é um círculo de privilegiados, é uma família de salvos, e nós não é pelos nossos próprios méritos que somos enviados a levar o Evangelho ao mundo, mas pela graça de Deus, pela sua misericórdia e pela confiança que, apesar de todos os nossos limites e pecados, Ele continua a depositar em nós com amor de Pai, vendo em cada um o que nós próprios não conseguimos ver. É por isso que, dia após dia com paciência, Ele nos chama, envia e acompanha.

Assim, se quisermos cooperar, com amor aberto e atencioso, na ação livre do Espírito, sem sermos um escândalo, um obstáculo para ninguém devido à nossa presunção e rigidez, temos de cumprir a nossa missão com humildade, gratidão e alegria. Não devemos ficar ressentidos, mas sim alegrarmo-nos com o facto dos outros poderem também fazer o que nós fazemos, para que o Reino de Deus cresça e para que, um dia, todos unidos nos encontremos entre os braços do nosso Pai.

E isto leva-nos à segunda palavra: *comunhão*. São Tiago fala-nos dela na segunda leitura (cf. Tg 5, 1-6) com duas imagens fortes: as riquezas que se corrompem (cf. v. 3) e os brados dos ceifeiros que chegam aos ouvidos do Senhor (cf. v. 4). Deste modo, recorda-nos que o único caminho da vida é o do dom, do amor que une na partilha. O caminho do egoísmo gera apenas fechamentos, muros e obstáculos – “escândalos”, portanto – que nos acorrentam às coisas e nos afastam de Deus e dos irmãos.

O egoísmo, como tudo o que impede a caridade, é “escandaloso”, porque esmaga os pequenos, humilhando a dignidade das pessoas e abafando o clamor dos pobres (cf. Sal 9, 13). E isto era tão real no tempo de São Paulo como o é para nós hoje. Pensemos, por exemplo, no que acontece quando, na base da vida das pessoas e das comunidades, se colocam apenas

os princípios do interesse próprio e da lógica do mercado (cf. Exortação ap. *Evangelii gaudium*, 54-58): cria-se um mundo onde já não há lugar para quem está em dificuldade, nem misericórdia para quem erra, nem compaixão para quem sofre e não aguenta mais.

Pensemos no que acontece quando os pequenos são vítimas de escândalo, golpeados, abusados por aqueles que deveriam cuidá-los, nas feridas de dor e de impotência, principalmente nas vítimas, mas também nos familiares e em toda a comunidade. Com a mente e com o coração volto à história destes pequenos a quem encontrei anteontem. Eu os escutei, senti o seu sofrimento enquanto abusados, e o repito aqui: na Igreja há lugar para todos, mas todos seremos julgados e não há lugar para o abuso, não há lugar para o encobrimento dos abusos. Peço a todos: não encobri os abusos! Peço aos bispos: não encobri os abusos! Condenai os abusadores e ajudai-lhes a curar-se desta enfermidade que são os abusos. O mal não se esconde, mas deve ser posto ao descoberto: que se saiba! Como o fizeram com coragem alguns dos abusados. Que se saiba! E que se julgue o abusador, seja leigo, leiga, padre ou bispo.

A Palavra de Deus é clara: diz que os “brados dos ceifeiros” e o “clamor dos pobres” não podem ser ignorados, não podem ser eliminados, como se fossem uma nota dissonante no concerto perfeito do mundo da riqueza, nem podem ser silenciados através de uma forma de assistencialismo de fachada. Pelo contrário, são a voz viva do Espírito, que nos lembra quem somos – todos somos pobres pecadores... todos... eu, o primeiro –; e as pessoas abusadas são um lamento que sobe aos céus, que toca a alma, faz-nos envergonhar e nos chama à conversão. Não lhes impeçamos de ser voz profética, silenciando-a com a nossa indiferença. Escutemos o que Jesus diz no Evangelho: longe de nós o olho escandaloso, que vê o indigente e olha para o lado! Longe de nós a *mão* escandalosa, que cerra o punho para esconder os seus tesouros e se esconde avidamente nos bolsos! A minha avó dizia: “o diabo entra pelos bolsos”. Aquela mão que golpeia ao realizar um abuso sexual, um abuso de poder, um abuso de consciência contra quem é mais fraco. E quantos casos de abuso temos em nossa história e em nossa sociedade! Longe de nós o pé escandaloso, que corre depressa, não para se aproximar dos que sofrem, mas para “passar adiante” e ficar à distância! Longe de nós! Deste modo, nada se constrói de bom e de sólido! Gosto de

fazer uma pergunta às pessoas: “- Dás esmolas?” “- Sim, padre!” “- Mas, quando dás a esmola, tocas na mão dá pessoa indigente ou lanças a esmola e olhas para outro lado? Olhas nos olhos das pessoas que sofrem?” Pensemos nisto.

Se quisermos semear com vista ao futuro, também a nível social e económico, far-nos-á bem voltar a colocar o Evangelho da misericórdia na base das nossas escolhas. Jesus é a misericórdia e todos nós somos objeto desta misericórdia. Caso contrário, por mais imponentes que pareçam, os monumentos da nossa opulência serão sempre gigantes com pés de barro (cf. *Dn 2, 31-45*). Não tenhamos ilusões: sem amor não há nada que dure, tudo se desvanece, desmorona e nos deixa prisioneiros de uma vida fugaz, vazia e sem sentido, de um mundo inconsistente que, para além das fachadas, perdeu toda a credibilidade, porque *escandalizou os mais pequenos*.

E assim chegamos à terceira palavra: *testemunho*. Podemos, a este propósito, tomar o exemplo da vida e das obras de Ana de Jesus (Ana de Lobera), no dia da sua beatificação. Na Igreja do seu tempo, esta mulher foi uma das protagonistas de um grande movimento de reforma, seguindo os passos de uma “gigante do espírito” – Teresa de Ávila – cujos ideais difundiu em Espanha, em França e também aqui, em Bruxelas, nos então chamados Países Baixos espanhóis.

Numa época marcada por dolorosos escândalos, tanto dentro como fora da comunidade cristã, ela e as suas companheiras, com uma vida simples e pobre feita de oração, trabalho e caridade, conseguiram trazer de novo tantas pessoas à fé a ponto de alguém descrever a sua fundação nesta cidade como um “ímã espiritual”.

Por opção, não deixou escritos. Em vez disso, empenhou-se em pôr em prática o que tinha aprendido (cf. *1 Cor 15, 3*) e, com o seu estilo de vida, contribuiu para reerguer a Igreja num momento de grande dificuldade.

Acolhamos, pois, com gratidão o modelo, simultaneamente delicado e forte, de “santidade feminina” que ela nos deixou (cf. Exortação ap. *Gaudete et Exsultate*, 12), feito de abertura, de comunhão e de testemunho. Confiemo-nos à sua intercessão, imitemos as suas virtudes e renovemos

com ela o nosso compromisso caminhar juntos seguindo as pegadas do Senhor.

VIGÍLIA PENITENCIAL NO FINAL DO RETIRO SINODAL
REALIZADO ANTES DA ABERTURA DA SEGUNDA SESSÃO DA XVI ASSEMBLEIA
GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS

Basílica de São Pedro, Altar da Confissão

Terça-feira, 1º de outubro 2024

Queridos irmãos e irmãs,

Como nos recorda o Livro do Ben Sirá, «a oração do humilde penetrará as nuvens» (*Sir 35, 17*).

Encontramo-nos aqui como mendigos da misericórdia do Pai, pedindo perdão.

A Igreja é sempre a Igreja dos pobres em espírito e dos pecadores à procura de perdão, não apenas dos justos e dos santos; ou melhor, Igreja dos justos e dos santos que se reconhecem pobres e pecadores.

Quis escrever os pedidos de perdão que foram lidos por alguns cardeais, porque era necessário chamar pelo nome os nossos maiores pecados. Nós escondemo-los ou dizemo-los com palavras demasiado polidas.

O pecado é sempre uma ferida nas relações: na relação com Deus e na relação com os outros. Irmãs e irmãos, ninguém se salva sozinho; e é igualmente verdade que o pecado de um tem efeitos sobre muitos: como tudo está ligado no bem, assim também está ligado no mal.

A Igreja, na sua essência, é uma Igreja de fé e anúncio sempre relacional, e só curando as relações doentes é que nos podemos tornar Igreja sinodal. Como poderemos ser críveis na missão se não reconhecermos os nossos erros e não nos inclinamos para curar as feridas causadas com os nossos pecados?

E a cura da ferida começa com a confissão do pecado que cometemos.

A parábola do Evangelho de Lucas que ouvimos apresenta-nos dois homens, um fariseu e um publicano, e ambos vão ao templo para rezar. Um

fica de pé, com a cabeça erguida, o outro permanece à distância, de olhos baixos.

Com a sua estatura que atrai as atenções, o fariseu enche toda a cena, impondo-se como um modelo. E assim presume rezar, mas na realidade está a celebrar-se a si próprio, mascarando as suas fragilidades com a sua confiança efémera. O que é que espera de Deus? Espera uma recompensa pelos seus méritos e, deste modo, priva-se da surpresa da gratuidade da salvação, fabricando um deus que não poderia fazer mais do que assinar um certificado de perfeição presumida. Um homem fechado à surpresa, a todas as surpresas; inteiramente fechado em si mesmo, fechado à grande surpresa da misericórdia. O seu ego não dá espaço a nada, a ninguém, nem mesmo a Deus.

Quantas vezes, na Igreja, nos comportamos assim? Quantas vezes nós próprios ocupamos o espaço todo, com as nossas palavras, os nossos juízos, os nossos títulos, a nossa convicção de ter apenas méritos? E, assim, perpetuamos o que aconteceu a José e a Maria, com o Filho de Deus no seu seio, quando bateram às portas da hospitalidade. Como nos diz o Evangelho, Jesus nasceu numa manjedoura «por não haver lugar para eles na hospedaria» (*Lc 2, 7*).

Hoje, todos nós somos como o publicano: temos ou desejamos ter os olhos baixos, e sentimos, desejamos sentir vergonha dos nossos pecados. Como ele, mantemo-nos à distância, deixando o espaço ocupado pela presunção, a hipocrisia e o orgulho. E digamo-lo também nós, bispos, sacerdotes, consagrados e consagradas: deixando o espaço ocupado pela presunção, pela hipocrisia e pelo orgulho.

Não poderemos invocar o nome de Deus sem pedir perdão aos nossos irmãos e irmãs, à Terra e a todas as criaturas.

Começamos esta fase do Sínodo. Mas, como podemos ser uma Igreja sinodal sem reconciliação? Como podemos afirmar que queremos caminhar juntos sem receber e dar o perdão que restabelece a comunhão em Cristo?

O perdão, pedido e dado, gera uma nova concórdia na qual as diferenças não se opõem, e o lobo e o cordeiro conseguem viver juntos (cf. *Is 11, 6*). É

corajoso o exemplo apresentado por Isaías!

Diante do mal e do sofrimento inocente, perguntamos: onde estás, Senhor? Mas a pergunta deve ser dirigida a nós, e devemos interrogar-nos sobre a responsabilidade que temos quando não conseguimos parar o mal com o bem. Não podemos pretender resolver os conflitos alimentando uma violência cada vez mais atroz, nem redimir-nos causando dor, nem salvar-nos provocando a morte dos outros. Como é que podemos buscar uma felicidade paga com o preço da infelicidade dos nossos irmãos e irmãs? E isto é válido para todos: leigas, leigos, consagradas, consagrados. Todos!

Na véspera do início da Assembleia Sinodal, a confissão é uma oportunidade para restabelecer a confiança dentro da Igreja e na Igreja, uma confiança destruída pelos nossos erros e pecados, e para começar a sarar as feridas que não param de sangrar, quebrando «as cadeias da maldade» (cf. Is 58, 6).

Dizemo-lo na oração *Adsumus*, com a qual introduziremos amanhã a celebração do Sínodo: “Eis-nos aqui oprimidos pelo enorme peso do nosso pecado”. E não gostaríamos que este fardo atrasasse o caminho do Reino de Deus na história.

Nós fizemos a nossa parte, também com erros, e continuamos na missão até onde podemos. Mas agora dirigimo-nos a vós, jovens, que esperais a nossa passagem de testemunho, pedindo-vos também perdão se não fomos testemunhas credíveis.

E hoje, na memória litúrgica de Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira das missões, peçamos a sua intercessão.

Breve pausa para silêncio. Todos os presentes inclinam a cabeça.

O Santo Padre retomou com a seguinte oração:

Pai, estamos aqui reunidos conscientes da necessidade do Vosso olhar amoroso. As nossas mãos estão vazias: apenas podemos receber o que Vós nos derdes. Perdoai-nos por todos os nossos pecados, ajudai-nos a restaurar o Vosso rosto que desfigurámos com a nossa infidelidade. Sentindo

vergonha, pedimos perdão a quem ficou ferido por causa dos nossos pecados.

Dai-nos a coragem dum arrependimento sincero para a conversão.

Vo-lo pedimos, invocando o Espírito Santo, para que encha os corações que criastes com a Sua Graça, em Cristo Jesus, Senhor Nosso. Todos Vos pedimos perdão; todos somos pecadores mas, Senhor, todos temos esperança no Vosso Amor. Amen.

ABERTURA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

SANTOS ANJOS DA GUARDA - SANTA MISSA

Praça São Pedro

Quarta-feira, 2 de outubro de 2024

Celebramos hoje a memória litúrgica dos Santos Anjos da Guarda e reabrimos a Sessão Plenária do Sínodo dos Bispos. E, ao escutar o que nos sugere a Palavra de Deus, poderíamos tomar como ponto de partida para a nossa reflexão três imagens: a *voz*, o *refúgio* e a *criança*.

Primeiro, a *voz*. No caminho para a Terra Prometida, Deus aconselha o povo a escutar a “voz do anjo” que Ele enviou (cf. *Ex* 23, 20-22). É uma imagem que nos toca de perto, porque o Sínodo é também um caminho, durante o qual o Senhor coloca nas nossas mãos a história, os sonhos e as esperanças de um grande Povo: de irmãos e irmãs nossos espalhados pelo mundo, animados pela mesma fé, movidos pelo mesmo desejo de santidade, no sentido de procurarmos compreender, com eles e para eles, qual a estrada a seguir para chegar onde Ele nos quer levar. Mas como podemos nós escutar a “voz do anjo”?

Um modo possível é certamente o de nos aproximarmos com respeito e atenção, na oração e à luz da Palavra de Deus, a todos os contributos recolhidos ao longo destes três anos de trabalho, partilha, confronto de ideias e paciente esforço de purificação da mente e do coração. Trata-se, com a ajuda do Espírito Santo, de escutar e compreender as vozes, ou seja, as ideias, as expectativas, as propostas, para discernir juntos a voz de Deus que fala à Igreja (cf. Renato Corti, *Quale prete?*, Escritos inéditos). Como repetidamente temos recordado, esta não é uma assembleia parlamentar, mas um lugar de escuta em comunhão, onde, como diz São Gregório Magno, aquilo que alguém tem em si parcialmente, possui-o completamente um outro, e embora alguns tenham dons particulares, tudo pertence aos irmãos na “caridade do Espírito” (cf. *Homilias sobre os Evangelhos*, XXXIV).

Para que isso aconteça, há uma condição: libertarmo-nos de tudo o que, em nós e entre nós, pode impedir à “caridade do Espírito” criar harmonia na diversidade. Todo aquele que, com arrogância, presume e pretende a exclusividade na escuta da voz do Senhor, não consegue ouvi-la (cf. *Mc* 9, 38-39). Cada palavra deve ser acolhida com gratidão e simplicidade, para se tornar eco do que Deus deu em benefício dos irmãos (cf. *Mt* 10, 7-8). Muito concretamente, tenhamos o cuidado de não transformar os nossos contributos em teimosias a defender ou agendas a impor, mas ofereçamo-los como dons a partilhar, dispostos também a sacrificar o que é particular, se isso servir para juntos fazermos nascer algo novo, segundo o projeto de Deus. Caso contrário, acabaremos por nos fechar num diálogo de surdos, onde cada um tenta “puxar água ao seu moinho” sem ouvir os outros e, sobretudo, sem ouvir a voz do Senhor.

A solução para os problemas a enfrentar não a temos nós, mas Ele (cf. *Jo* 14, 6), e recordemos que no deserto não se brinca: se alguém, presumindo-se autossuficiente, não presta atenção ao guia, pode morrer de fome e de sede, arrastando também consigo os outros. Portanto, escutemos a voz de Deus e do seu anjo, se realmente quisermos prosseguir em segurança o nosso caminho para além dos limites e das dificuldades (cf. *Sl* 23, 4).

E isto leva-nos à segunda imagem: o *refúgio*. O símbolo é o das asas protetoras: «debaixo das suas asas encontrarás refúgio» (*Sl* 91, 4). As asas são instrumentos poderosos, com os seus movimentos vigorosos podem levantar um corpo do chão. Mas, mesmo sendo tão fortes, podem também abaixar-se e recolher-se, tornando-se um escudo e um ninho acolhedor para os filhos pequenos, necessitados de calor e proteção.

Isto simboliza o que Deus faz por nós, mas é também um modelo a imitar, especialmente neste tempo de assembleia. Entre nós, queridos irmãos e irmãs, há muitas pessoas fortes, bem preparadas, capazes de se elevarem às alturas com os movimentos vigorosos de reflexões e intuições brilhantes. Tudo isto é uma riqueza, que nos estimula, impulsiona e por vezes obriga a pensar mais abertamente e a avançar com decisão, mas também nos ajuda a permanecer firmes na fé mesmo perante desafios e dificuldades. Com coração aberto, com coração em diálogo. Um coração

fechado nas suas próprias convicções não pertence ao Espírito do Senhor, não é do Senhor. A abertura é um dom que, em tempo oportuno, deve ser unido com a capacidade de descontrair os músculos e de inclinar-se, de modo a que cada um se possa oferecer aos outros como um abraço acolhedor e um lugar de abrigo, para ser, como dizia São Paulo VI, «uma casa [...] de irmãos, uma oficina de intensa atividade, um cenáculo de ardente espiritualidade» (*Discurso ao Conselho da Presidência da C.E.I.*, 9 de maio de 1974).

Aqui, cada um sentir-se-á tanto mais livre de se exprimir espontânea e abertamente, quanto mais sentir à sua volta a presença de amigos que o amam, respeitam, apreciam e desejam ouvir o que tem para dizer.

E isto, para nós, não é apenas uma técnica para “facilitar” o diálogo (é verdade que no Sínodo há “facilitadores”, mas estão para nos ajudarem a prosseguir melhor...) ou uma dinâmica de comunicação de grupo: efetivamente, abraçar, proteger e cuidar faz parte da própria natureza da Igreja. Abraçar, proteger e cuidar. A Igreja, por vocação, é um lugar hospitaleiro de encontro, onde «a caridade colegial exige uma harmonia perfeita, da qual resulta a sua força moral, a sua beleza espiritual e a sua exemplaridade» (ibid.). “Harmonia” é uma palavra muito importante. Não se trata de maioria ou de minoria. Isto pode ser um primeiro passo, mas o que importa, o que é fundamental é a harmonia, a harmonia que só o Espírito Santo pode fazer. Ele é o mestre da harmonia, que com tantas diferenças, com tantas vozes diferentes, é capaz de criar uma só voz. Pensemos como, na manhã de Pentecostes, o Espírito criou harmonia nas diferenças. A Igreja tem necessidade de «lugares de paz e abertura», a serem criados principalmente nos corações, onde cada um se sinta acolhido como uma criança nos braços da mãe (cf. *Is* 49, 15; 66, 13) e como um menino levantado até ao rosto do seu pai (cf. *Os* 11, 4; *Sl* 103, 13).

E assim chegamos à terceira imagem: a *criança*. É o próprio Jesus, no Evangelho, que a “coloca no meio”, que a mostra aos discípulos, convidando-os a converter-se e a tornar-se pequenos como ela. Tinham-lhe perguntado quem era o maior no reino dos céus e ele responde encorajando-os a tornarem-se pequenos como uma criança. E acrescenta que quem acolher uma criança no seu nome, O acolhe a Ele mesmo (cf. *Mt* 18, 1-5).

E para nós este paradoxo é fundamental. O *Sínodo*, dada a sua importância, de certo modo pede-nos para sermos “grandes” – na mente, no coração, nas visões –, porque os temas a tratar são “grandes” e delicados, e os cenários em que se inserem são amplos, universais. Mas, precisamente por isso, não podemos deixar de olhar para a criança que Jesus continua a colocar no centro dos nossos encontros e das nossas mesas de trabalho, para nos recordar que a única maneira de estar “à altura” da tarefa que nos foi confiada é abaixando-nos, fazendo-nos pequenos e acolhendo-nos uns aos outros como tal, com humildade. Na Igreja, o mais alto é aquele que mais se abaixa.

Recordemos que é precisamente fazendo-se pequeno que Deus «demonstra o que é a verdadeira grandeza, aliás, o que quer dizer ser Deus» (Bento XVI, *Homilia na festa do Batismo do Senhor*, 11 de janeiro de 2009). Não é por acaso que Jesus diz que os anjos das crianças «veem constantemente a face de meu Pai que está no Céu» (Mt 18, 10): elas são como que um “telescópio” do amor do Pai.

Irmãos e irmãs, retomemos este caminho eclesial com o olhar voltado para o mundo, porque a comunidade cristã está sempre ao serviço da humanidade, para anunciar a todos a alegria do Evangelho. É necessário fazê-lo, sobretudo nesta hora dramática da nossa história, enquanto os ventos da guerra e os fogos da violência continuam a devastar povos e nações inteiras.

No próximo domingo, para invocar por intercessão de Maria Santíssima o dom da paz, irei à *Basílica de Santa Maria Maior*, onde rezarei o santo Rosário e dirigirei a Nossa Senhora uma sentida súplica; peço-vos também a vós, membros do Sínodo, que se possível vos junteis a mim nessa ocasião.

E, no dia seguinte, 7 de outubro, peço a todos que vivam um dia de oração e jejum pela paz no mundo.

Caminhemos juntos, escutemos o Senhor e deixemo-nos guiar pela brisa do Espírito.

SANTA MISSA PELO CORPO DA GENDARMARIA VATICANA[*]

Basílica Vaticana, Altar da Cátedra

Sábado, 5 de outubro de 2024

A luta é uma realidade quotidiana na vida cristã: no nosso coração, na nossa vida, na nossa família, no nosso povo, na nossa Igreja. Se não lutarmos, seremos derrotados.

O Senhor confiou principalmente aos anjos esta missão: lutar e vencer. O diabo tenta sempre destruir o ser humano, apresenta as coisas como se fossem boas, mas a sua intenção é destruir. Felizmente, temos a certeza de que não estamos sozinhos nesta luta, porque o Senhor confiou aos arcanjos a tarefa de defender o homem. E os anjos defendem-nos. Todos temos ao nosso lado um anjo que nunca nos abandona e nos ajuda a não nos desviarmos do caminho. É precisamente essa a missão dos anjos. E também vós, a exemplo de São Miguel Arcanjo, sois como anjos, que guardam e servem.

O vosso é um trabalho — um trabalho precioso — mas, sobretudo, um serviço inestimável à Igreja, pelo qual vos quero agradecer: obrigado, muito obrigado. Todos os dias acolheis no Vaticano e nas zonas extraterritoriais numerosas pessoas e peregrinos; muitas vezes sois o primeiro e até o único rosto que encontram. Por isso, peço a Deus que vos conceda sempre a graça de serdes o reflexo da ternura de Deus.

À luz da Palavra deste domingo, quero também dirigir-me às vossas famílias. Obrigado pela vossa paciência. O trabalho dos Gendarmes e dos Bombeiros não seria possível sem a paciência e a compreensão das respetivas famílias, às quais quero pedir desculpa por todas as horas em que os vossos maridos, pais, filhos ou irmãos não estão em casa por estarem de serviço. A sério, desculpem-me. Sei que não é fácil, e por isso confio as vossas famílias e todos os vossos entes queridos à proteção da Virgem, Rainha das Famílias, e de São Miguel Arcanjo, para que o homem não separe aquilo que Deus uniu.

A este propósito, vimos que as Leituras de hoje são Leituras de unidade: a primeira Leitura, do Génesis, quando Deus cria o homem e a mulher, fala de unidade; e o Evangelho chama-nos à unidade, não à divisão. Por favor, lembrai-vos de que a unidade é superior ao conflito, sempre. A unidade é superior ao conflito. Obrigado pelo vosso serviço, porque procurais a unidade. E que Deus, o Senhor, vos conceda sabedoria e paciência. E também, por favor, não percais o sentido de humor. Obrigado.

Nota

[*] Traduzido do original italiano por IA

RECITAÇÃO DO SANTO ROSÁRIO
PARA INVOCAR A PAZ

Basílica Papal de Santa Maria Maior

Domingo, 6 de outubro de 2024

Ó Maria, nossa Mãe, eis-nos aqui de novo na vossa presença. Vós conheceis as dores e os cansaços que nesta hora pesam sobre os nossos corações. Para Vós, erguemos os nossos olhos; sob o vosso olhar encontramos refúgio; e ao vosso coração nos confiamos.

Também para Vós, ó Mãe, a vida reservou provações difíceis e receios humanos, mas fostes corajosa e audaz: tudo confiastes a Deus, respondendo-Lhe com amor e oferecendo-Vos a Vós mesma sem reservas. Como intrépida Mulher da Caridade, apressastes-Vos a socorrer Isabel; com prontidão, acolhestes a necessidade dos esposos nas bodas de Caná; e com fortaleza de espírito, iluminastes no Calvário a noite da dor com a esperança pascal. Por fim, com ternura de Mãe, infundistes coragem aos discípulos atemorizados no Cenáculo e, com eles, acolhestes o dom do Espírito.

E agora Vos suplicamos: acolhei o nosso grito! Precisamos do vosso olhar! Do vosso olhar de amor que nos convida a confiar no vosso Filho Jesus. Vós que estais disposta a acolher as nossas mágoas, vinde socorrer-nos nestes tempos subjugados pela injustiça e devastados pelas guerras, enxugai as lágrimas dos rostos sofredores de quem chora a morte dos seus entes queridos, dos próprios filhos, despertai-nos do torpor que obscureceu o nosso caminho e tirai do nosso coração as armas da violência, para que se realize sem demora a profecia de Isaías: «transformarão as suas espadas em relhas de arados, e as suas lanças, em foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, e não se adestrarão mais para a guerra» (*Is 2, 4*).

Ó Mãe, voltai o vosso olhar maternal para a família humana, que perdeu a alegria da paz e o sentido da fraternidade. Ó Mãe, intercedei pelo nosso mundo em perigo, para que preserve a vida e rejeite a guerra, cuide dos que sofrem, dos pobres, dos indefesos, dos doentes e dos aflitos, e proteja a nossa Casa Comum.

Ó Mãe, de Vós imploramos a misericórdia de Deus, Vós que sois a Rainha da Paz. Convertei os que alimentam o ódio, silenciai o ruído das armas que geram a morte, extingui a violência que grassa no coração humano e inspirai projetos de paz nas mãos de quem governa as Nações.

Ó Mãe, Rainha do Santo Rosário, desatai os nós do egoísmo e dissipai as nuvens sombrias do mal. Enchei-nos com a vossa ternura, levantai-nos com a vossa mão carinhosa e dai a estes filhos, a vossa carícia de Mãe, que nos faz esperar o advento de uma nova humanidade onde «o deserto se converterá em pomar, e o pomar será como uma floresta. Na terra, agora deserta, habitará o direito, e a justiça no pomar. A paz será obra da justiça» (Is 32, 15-17).

Ó Mãe, *Salus Populi Romani*, rogai por nós!

SEGUNDA SESSÃO DA 16ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

VIGÍLIA DE ORAÇÃO ECUMÉNICA

Piazza dei Protomartiri Romani

Sexta-feira, 11 de outubro de 2024

«Eu dei-lhes a glória que Tu me deste» (Jo 17, 22). Estas palavras da oração de Jesus antes da Paixão podem aplicar-se eminentemente aos mártires, glorificados pelo testemunho que deram de Cristo. Neste lugar, recordamos os primeiros mártires da Igreja de Roma: sobre o seu sangue foi construída esta basílica, sobre o seu sangue foi edificada a Igreja. Que estes Mártires fortaleçam em nós a certeza de que nos aproximamos uns dos outros ao aproximarmo-nos de Cristo, apoiados pela oração dos santos das nossas Igrejas, já perfeitamente unidos pela sua participação no Mistério Pascal. Como diz o Decreto *Unitatis redintegratio*, cujo 60º aniversário estamos a celebrar, *quanto mais os cristãos estão próximos de Cristo, tanto mais próximos estão uns dos outros* (cf. n. 7).

Neste dia, em que recordamos a abertura do Concílio Vaticano II, que marcou a entrada oficial da Igreja Católica no movimento ecuménico, estamos reunidos com os Delegados fraternos, com os nossos irmãos e irmãs das outras Igrejas. Por isso, faço minhas as palavras que São João XXIII dirigiu aos observadores na abertura do Concílio: «A vossa estimada presença aqui, a emoção que envolve o meu coração de sacerdote, de bispo da Igreja de Deus [...] levam-me a confiar-vos o anseio do meu coração, que arde com o desejo de trabalhar e sofrer a fim de que se aproxime a hora na qual se cumprirá para todos a oração de Cristo na Última Ceia» (13 de outubro de 1962). Entremos nesta oração de Jesus, tornemo-la nossa no Espírito Santo, juntamente com a dos Mártires.

A unidade dos cristãos e a sinodalidade estão ligadas. Com efeito, se «o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio» (*Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015), ele deve ser percorrido com todos os cristãos. «O caminho da sinodalidade [...] é e deve ser ecuménico, assim como o caminho ecuménico é sinodal» (*Discurso a*

Sua Santidade Mar Awa III, 19 de novembro de 2022). Em ambos os processos, não se trata tanto de construir algo, mas sim de acolher e fazer frutificar o dom que já recebemos. E como é que é o dom da unidade? A experiência sinodal ajuda-nos a descobrir alguns aspetos.

A unidade é uma graça, um *dom imprevisível*. O verdadeiro protagonista não somos nós, mas o Espírito Santo que nos guia para uma maior comunhão. Tal como não sabemos de antemão qual será o resultado do Sínodo, também não sabemos exatamente como será a unidade a que somos chamados. O Evangelho diz-nos que Jesus, naquela sua grande oração, “levantou os olhos ao céu”: a unidade não é em primeiro lugar um fruto da terra, mas do céu. É um dom cujos tempos e modos não podemos prever; devemos acolhê-lo sem que «se ponham obstáculos aos caminhos da Providência» nem «se prejudiquem os futuros impulsos do Espírito Santo», como também refere o Decreto conciliar (UR, 24). O Padre Paul Couturier costumava dizer que a unidade dos cristãos deve ser implorada «como Cristo a quer» e «com os meios que Ele quer».

Outro dos ensinamentos do processo sinodal é que *a unidade é um caminho*: amadurece em movimento, durante o percurso. Cresce no serviço recíproco, no diálogo da vida, na colaboração entre todos os cristãos que «apresenta o rosto de Cristo Servo numa luz mais radiante» (UR, 12). Mas temos de *caminhar segundo o Espírito* (cf. Gal 5, 16-25); ou, como diz Santo Ireneu, como *tôn adelphôn synodía*, como “uma caravana de irmãos”. A união entre os cristãos cresce e amadurece na peregrinação comum “ao ritmo de Deus”, como os peregrinos de Emaús acompanhados por Jesus ressuscitado.

Um terceiro ensinamento é que *a unidade é harmonia*. O Sínodo tem-nos ajudado a redescobrir a beleza da Igreja na variedade dos seus rostos. Assim, a unidade não é uniformidade, nem é o resultado de compromissos ou equilíbrios. A unidade cristã é harmonia na diversidade dos carismas suscitados pelo Espírito para a edificação de todos os cristãos (cf. UR, 4). A harmonia é o caminho do Espírito, porque Ele mesmo, como diz São Basílio, é harmonia (cf. *Sobre o Salmo 29*, 1). Em virtude do nosso amor a Cristo e a todas as pessoas que somos chamados a servir, precisamos de percorrer o caminho da unidade. Durante este percurso, não deixemos que

as dificuldades nos detenham! Confiemos no Espírito Santo, que impele à unidade numa harmonia de policroma diversidade.

Por fim, tal como a sinodalidade, a unidade dos cristãos é necessária para o seu testemunho: *a unidade é para a missão*, «para que todos sejam um só [...] e o mundo creia» (Jo 17, 21). Foi esta a convicção dos Padres conciliares quando afirmaram que a nossa divisão «é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a criatura» (UR, 1). O movimento ecuménico nasceu do desejo de testemunhar juntos, na companhia dos outros, não afastados uns dos outros ou, pior ainda, uns contra os outros. Neste lugar, os Protomártires recordam-nos que hoje, em muitas partes do mundo, cristãos de diferentes tradições dão juntos a vida por causa da fé em Jesus Cristo, vivendo *o ecumenismo do sangue*. O seu testemunho é mais forte do que qualquer palavra, porque a unidade vem da Cruz do Senhor

Antes de iniciarmos esta Assembleia, tivemos uma Celebração Penitencial. Hoje exprimimos também a nossa vergonha pelo escândalo da divisão dos cristãos, pelo escândalo de não testemunharmos juntos o Senhor Jesus. Este Sínodo é uma oportunidade para melhorar, para ultrapassar os muros que ainda persistem entre nós. Concentremo-nos no *chão comum* do nosso *mesmo Batismo*, que nos impele a ser discípulos missionários de Cristo, com uma *missão comum*. O mundo precisa de um testemunho comum, o mundo precisa que sejamos fiéis à nossa missão comum.

Queridos irmãos e irmãs, diante do Crucifixo, São Francisco de Assis recebeu o apelo para restaurar a Igreja. Que em cada dia, também nós sejamos guiados pela Cruz de Cristo no caminho para a plena unidade, em harmonia uns com os outros e com toda a criação, «porque foi nele que aprouve a Deus fazer habitar toda a plenitude e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas, pacificando pelo sangue da sua cruz, tanto as que estão na terra como as que estão no céu» (Cl 1, 19-20).

SANTA MISSA E CANONIZAÇÃO DOS BEATOS:
MANUEL RUIZ LÓPEZ E SETE COMPANHEIROS E FRANCESCO, MOOTI E RAFFAELE
MASSABKI,
GIUSEPPE ALLAMANO, MARIE-LÉONIE PARADIS, ELENA GUERRA

Praça São Pedro

XXIX Domingo do Tempo Comum, 20 de outubro de 2024

Jesus pergunta a Tiago e a João: «Que quereis que vos faça?» (*Mc* 10, 36). E logo a seguir, desafia-os: «Podeis beber o cálice que Eu bebo e receber o batismo com que Eu sou batizado?» (*Mc* 10, 38). Jesus faz perguntas e, deste modo, ajuda-nos a discernir, porque as perguntas fazem-nos descobrir o que há dentro de nós, iluminam o que trazemos no coração e, às vezes, não sabemos.

Deixemo-nos interpelar pela Palavra do Senhor. Imaginemos que ele nos pergunta a cada um de nós: «O que queres que faça por ti?»; e a segunda pergunta: «podes beber o meu cálice?».

Com estas perguntas, Jesus traz ao de cima o vínculo e as expectativas que os discípulos nutrem para com ele, com as luzes e sombras próprias de qualquer relação. Com efeito, Tiago e João estão ligados a Jesus, mas têm pretensões. Manifestam o desejo de estar perto dele, mas apenas para ocupar um lugar de honra, para desempenhar um papel importante, para “na sua glória, se sentarem um à sua direita e outro à sua esquerda” (cf. *Mc* 10, 37). Torna-se evidente que pensam em Jesus como Messias, um Messias vitorioso, glorioso, e esperam que Ele partilhe a sua glória com eles. Veem em Jesus o Messias, mas pensam nele segundo a lógica do poder.

Jesus não se detém nas palavras dos discípulos, mas vai mais fundo, escuta e lê o coração de cada um deles e, também, o de cada um de nós. E durante o diálogo, por meio de duas perguntas, procura trazer à tona o desejo que está por dentro daqueles pedidos.

Primeiro, pergunta: «Que quereis que vos faça?»; e esta interrogação revela os pensamentos dos seus corações, traz à luz as expectativas escondidas e os sonhos de glória que os discípulos cultivam secretamente. É

como se Jesus perguntasse: “Quem queres que eu seja para ti?” E, assim, desmascara o que eles realmente desejam: um Messias poderoso e vitorioso que lhes dê um lugar de honra. Às vezes, na Igreja surge este pensamento: a honra, o poder...

Depois, com a segunda pergunta, Jesus desmente esta imagem de Messias e ajuda-os, deste modo, a mudar de olhar, isto é, a converterem-se: «Podeis beber o cálice que Eu bebo e receber o batismo com que Eu sou batizado?». Revela-lhes, desta maneira, que não é o Messias que eles pensam que é; é o Deus de amor, que se abaixa para chegar aos que estão em baixo; que se faz fraco para levantar os fracos; que trabalha pela paz e não pela guerra; que veio para servir e não para ser servido. O cálice que o Senhor vai beber é a oferta da sua vida, é a sua vida dada a cada um de nós por amor, até à morte e morte de cruz.

E, portanto, à sua direita e à sua esquerda estarão dois ladrões, suspensos na cruz como Ele e não instalados confortavelmente em lugares de poder; dois ladrões pregados com Cristo na dor e não sentados na glória. O rei crucificado, o justo condenado torna-se escravo de todos: este é verdadeiramente o Filho de Deus! (cf. *Mc* 15, 39). Vence não quem domina, mas quem serve por amor. Repitamo-lo: Vence não quem domina, mas quem serve por amor. É o que nos recorda também a Carta aos Hebreus: «não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós» (*Heb* 4, 15).

Neste momento, Jesus pode ajudar os discípulos a converterem-se, a mudarem de mentalidade: «Sabeis como aqueles que são considerados governantes das nações fazem sentir a sua autoridade sobre elas, e como os grandes exercem o seu poder» (*Mc* 10, 42). Mas não deve ser assim para aqueles que seguem um Deus que se fez servo a fim de chegar a todos com o seu amor. Quem segue Cristo, se quiser ser grande deve servir, aprendendo d’Ele.

Irmãos e irmãs, Jesus revela os pensamentos, os desejos e as previsões do nosso coração, desmascarando por vezes as nossas expectativas de glória, domínio, poder e vaidade. Ele ajuda-nos a pensar já não segundo os critérios do mundo, mas segundo o estilo de Deus, que se faz último para que os últimos sejam erguidos e se tornem os primeiros. Muitas vezes, estas

perguntas de Jesus, com o seu ensinamento sobre o serviço, são incompreensíveis, são tão incompreensíveis para nós como o eram para os discípulos. Porém, seguindo-O, percorrendo os Seus passos e acolhendo o dom do Seu amor que transforma a nossa maneira de pensar, também nós podemos aprender o estilo de Deus: o serviço. Não esqueçamos as três palavras que levam a identificar o estilo de Deus para o serviço: proximidade, compaixão e ternura. Deus faz-se próximo para servir, faz-se compassivo para servir e faz-se terno para servir. Proximidade, compaixão e ternura...

É a isto que devemos aspirar: não ao poder, mas ao serviço. O serviço é o estilo de vida cristão. Não se trata de uma lista de coisas a fazer, como se, uma vez realizadas, pudéssemos considerar terminado o nosso turno. Quem serve com amor não diz: “agora toca a outro”. Este é um pensamento de empregados, não de testemunhas. O serviço nasce do amor e o amor não conhece fronteiras, não faz cálculos, mas gasta-se e dá-se. O amor não se limita a produzir para ter resultados, nem é uma prestação ocasional; é sim algo que nasce do coração, um coração renovado pelo amor e no amor.

Quando aprendemos a servir, cada gesto de atenção e cuidado, cada expressão de ternura, cada obra de misericórdia torna-se um reflexo do amor de Deus. E assim, todos e cada um de nós, continuamos a obra de Jesus no mundo.

A esta luz, podemos recordar os discípulos do Evangelho, que hoje são canonizados. Ao longo da história conturbada da humanidade, foram servos fiéis, homens e mulheres que serviram no martírio e na alegria, como o Irmão Manuel Ruiz López e seus companheiros. Trata-se de sacerdotes e consagradas com o fervor da paixão missionária, como o Padre José Allamano, a Irmã Marie-Léonie Paradis e a Irmã Elena Guerra. Estes novos santos viveram o estilo de Jesus: o serviço. A fé e o apostolado que realizaram não alimentaram neles desejos mundanos e avidez de poder; pelo contrário, eles fizeram-se servidores dos seus irmãos, criativos em fazer o bem, firmes nas dificuldades, generosos até ao fim.

Supliquemos com confiança a sua intercessão, para que também nós possamos seguir Cristo, segui-lo no serviço, e tornarmo-nos testemunhas de esperança para o mundo.

CONCLUSÃO DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

Basílica de São Pedro

XXX Domingo do Tempo Comum, 27 de outubro de 2024

O Evangelho apresenta-nos Bartimeu, um cego que é obrigado a mendigar à beira do caminho, um rejeitado sem esperança que, no entanto, quando ouve Jesus passar, começa a gritar-Lhe. Só lhe resta isto: gritar a própria dor e levar a Jesus o seu desejo de recuperar a vista. E enquanto todos o repreendem por se sentirem incomodados com a sua voz, Jesus pára. Porque Deus escuta sempre o grito dos pobres e nenhum grito de dor passa despercebido diante d'Ele.

Hoje, no final da Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, trazendo no coração tanta gratidão por aquilo que pudemos partilhar, detenhamo-nos no que acontece a este homem: inicialmente, «estava sentado à beira do caminho» (Mc 10, 46) a pedir esmola, enquanto que no final, depois de ter sido chamado e de ter recuperado a vista, «seguiu Jesus pelo caminho» (v. 52).

A primeira coisa que o Evangelho nos diz sobre Bartimeu é esta: está *sentado a mendigar*. A sua postura é típica de uma pessoa fechada na sua própria dor, sentada à beira do caminho, como se não houvesse mais nada a fazer senão receber alguma coisa dos muitos peregrinos que, na Páscoa, passavam pela cidade de Jericó. Mas, como sabemos, para viver verdadeiramente não se pode permanecer sentado: viver é estar sempre em movimento, meter-se a caminho, sonhar, projetar, abrir-se ao futuro. Por conseguinte, o cego Bartimeu representa também essa cegueira interior que nos bloqueia, nos faz permanecer sentados, nos imobiliza à margem da vida, sem esperança.

E isso pode levar-nos a refletir não só sobre a nossa vida pessoal, mas também sobre o nosso ser Igreja do Senhor. Ao longo do caminho, muitas coisas podem deixar-nos cegos, incapazes de reconhecer a presença do Senhor, impreparados para enfrentar os desafios da realidade, inaptos por vezes para saber responder às muitas perguntas que com brados nos

dirigem, como Bartimeu faz com Jesus. Todavia, perante as interrogações dos homens e mulheres de hoje, os desafios do nosso tempo, as urgências da evangelização e as muitas feridas que afligem a humanidade, irmãos e irmãs, não podemos ficar sentados. Uma Igreja sentada, que quase sem se aperceber se afasta da vida e se confina a si mesma à margem da realidade, é uma Igreja que corre o risco de continuar na cegueira e de se acomodar no seu próprio desconforto. E se permanecemos sentados na nossa cegueira, continuaremos a não ver as nossas urgências pastorais e os muitos problemas do mundo em que vivemos. Por favor, peçamos ao Senhor, que nos dê o Espírito Santo, para que não permaneçamos sentados na nossa cegueira; cegueira que pode ser chamada mundanidade, que pode ser chamada comodidade, que pode ser chamada “coração fechado”. Não permaneçamos sentados nas nossas cegueiras!

Mas, recordemos isto: o Senhor passa, o Senhor passa todos os dias, o Senhor passa sempre e detém-se para cuidar da nossa cegueira. E eu? Sinto-O passar? Tenho a capacidade de sentir os passos do Senhor? Tenho a capacidade de discernir quando o Senhor passa? E é bonito que o Sínodo nos impulse a ser Igreja como Bartimeu: a comunidade dos discípulos que, ouvindo passar o Senhor, sente a emoção da salvação, deixa-se despertar pela força do Evangelho e começa a gritar-Lhe. E fá-lo acolhendo o grito de todas as mulheres e de todos os homens da terra: o grito dos que querem descobrir a alegria do Evangelho e dos que, pelo contrário, se afastaram; o grito silencioso dos indiferentes; o grito dos que sofrem, dos pobres e dos marginalizados, das crianças escravizadas pelo trabalho infantil em tantas partes do mundo; a voz quebrada – ouvir a voz quebrada! – dos que já nem sequer têm força para gritar a Deus, porque não têm voz ou porque se resignaram. Não precisamos duma Igreja sentada e desistente, mas duma Igreja que acolhe o grito do mundo e – quero dizê-lo e talvez alguém se escandalize – uma Igreja que suja as mãos para servir o Senhor.

E assim chegamos ao segundo aspeto: se inicialmente Bartimeu estava sentado, no final, em vez disso, vemos que *O segue pelo caminho*. É uma expressão típica do Evangelho e significa: tornou-se seu discípulo, seguiu-O. Com efeito, depois de Lhe ter gritado, Jesus pára e manda-o chamar. Bartimeu, que estava sentado, levantou-se de um salto e, logo a seguir, recuperou a vista. Agora, pode ver o Senhor, pode reconhecer a ação de

Deus na própria vida e, finalmente, pode caminhar atrás d'Ele. Assim também nós, irmãos e irmãs: quando estivermos sentados e acomodados, quando mesmo como Igreja não encontrarmos a força, a coragem, a audácia e a ousadia necessárias para nos levantarmos e retomarmos o caminho, por favor, lembremo-nos sempre de voltar ao Senhor, de voltar ao seu Evangelho. Retornar ao Senhor e ao Evangelho! Quando Ele passa, devemos escutar, sempre de novo, o seu chamamento, que nos põe de pé e nos faz sair da cegueira. E depois segui-Lo novamente, caminhar com Ele pelo caminho.

Gostaria de repetir: o Evangelho diz de Bartimeu que «seguiu Jesus pelo caminho». Esta é uma imagem da Igreja sinodal: o Senhor chama-nos, levanta-nos quando estamos sentados ou caídos, faz-nos recuperar uma nova visão, para que, à luz do Evangelho, possamos ver as inquietações e os sofrimentos do mundo; e assim, reerguidos pelo Senhor, experimentamos a alegria de O seguir pelo caminho. Segue-se o Senhor pelo caminho, não O seguimos fechados nas nossas comodidades, não O seguimos nos labirintos das nossas ideias: seguimo-Lo pelo caminho. E lembremo-nos sempre disto: não caminhar por conta própria ou segundo os critérios do mundo, mas caminhar juntos, pelo caminho, atrás d'Ele e caminhando com Ele.

Irmãos e irmãs: não uma Igreja sentada, mas uma Igreja em pé. Não uma Igreja muda, mas uma Igreja que acolhe o grito da humanidade. Não uma Igreja cega, mas uma Igreja iluminada por Cristo, que leva aos outros a luz do Evangelho. Não uma Igreja estática, mas uma Igreja missionária, que caminha com o Senhor pelas estradas do mundo.

E hoje, enquanto damos graças ao Senhor pelo caminho percorrido em conjunto, poderemos ver e venerar a relíquia da antiga Cátedra de São Pedro, cuidadosamente restaurada. Contemplando-a com a admiração da fé, recordemos que esta é a Cátedra do amor, é a Cátedra da unidade, é a Cátedra da misericórdia, segundo o preceito que Jesus deu ao Apóstolo Pedro de não exercer domínio sobre os outros, mas de os servir na caridade. E admirando o majestoso baldaquino de Bernini, mais resplandecente do que nunca, redescobrimos que ele enquadra o verdadeiro ponto focal de toda a Basílica, isto é, a glória do Espírito Santo. Esta é a Igreja sinodal:

uma comunidade cujo primado está no dom do Espírito, que nos torna irmãos em Cristo e nos eleva até Ele.

Irmãs e irmãos, sigamos, então, com confiança o nosso caminho em conjunto. Como a Bartimeu, também hoje, a Palavra de Deus nos repete: «Coragem, levanta-te que Ele chama-te». Sinto-me chamado? Esta é a pergunta que devemos fazer-nos? Sinto-me fraco e não consigo levantar-me? Peço ajuda? Por favor, deixemos de lado o manto da resignação e confiemos ao Senhor a nossa cegueira. Coloquemo-nos de pé e levemos a alegria do Evangelho; levemo-la pelos caminhos do mundo.

SANTA MISSA NA CELEBRAÇÃO DOS FIÉIS DEFUNTOS

Cemitério Laurentino de Roma

Sábado, 2 de novembro de 2024

Na visita ao cemitério, lugar de repouso dos nossos irmãos e irmãs defuntos, renovemos a nossa fé em Cristo morto, sepultado e ressuscitado para a nossa salvação. Também os corpos mortais despertarão no último dia, e quem adormeceu no Senhor será associado a Ele no triunfo sobre a morte. Com esta certeza, elevemos ao Pai a nossa unânime oração de sufrágio e de bênção.

Bendito sejas, ó Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na vossa grande misericórdia nos regenerastes mediante a Ressurreição de Jesus dentre os mortos, para uma esperança viva, para uma herança incontaminável e imarcescível (cf. *1 Pd* 1, 3-4). Escutai a oração que vos dirigimos por todos os nossos entes queridos que deixaram este mundo. Abri os braços da vossa misericórdia e recebei-os na assembleia gloriosa da santa Jerusalém!

Consolai quem sofre a dor da separação, com a certeza de que os mortos vivem em Vós e que até os corpos, confiados à terra, um dia participarão da vitória pascal do vosso Filho. Vós, que colocastes no caminho da Igreja, como sinal luminoso, a Bem-Aventurada Virgem Maria, sustentai pela sua intercessão a nossa fé, a fim de que obstáculo algum nos faça desviar do caminho que conduz a Vós, que sois a glória sem fim. Por Cristo Nosso Senhor. Amém!

SANTA MISSA EM SUFRÁGIO DOS CARDEAIS E BISPOS FALECIDOS DURANTE O ANO

Basílica de São Pedro - Altar da Cátedra

Segunda-feira, 4 de novembro de 2024

«Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino» (Lc 23, 42). Estas são as últimas palavras dirigidas ao Senhor por um dos dois crucificados com Ele. Quem as pronuncia não é um discípulo, um daqueles que seguiram Jesus pelos caminhos da Galileia e partilharam o pão com Ele na Última Ceia. O homem que se dirige ao Senhor é, pelo contrário, um malfeitor. Alguém que só O encontra no fim da vida; alguém de quem sequer sabemos o nome.

Mas os últimos suspiros deste desconhecido tornam-se, no Evangelho, um diálogo cheio de verdade. Enquanto Jesus é «contado entre os pecadores» (Is 53, 12), como Isaías tinha profetizado, uma voz inesperada levanta-se e diz: «recebemos o castigo que as nossas ações mereciam; mas Ele nada praticou de condenável» (Lc 23, 41). E realmente é assim. Este condenado representa-nos a todos; podemos dar-lhe o nosso nome. Podemos, sobretudo, fazer nosso o seu apelo: “Jesus, lembra-te de mim”. Mantém-me vivo na tua memória. Não te esqueças de mim.

Meditemos sobre este ato: *recordar*. Recordar significa “trazer de volta ao coração”, *re-cordar*, voltar a pôr no coração. Aquele homem, crucificado com Jesus, transforma uma dor extrema numa oração: “Leva-me no teu coração, Jesus”. E não o pede com a voz agonizante de um derrotado, mas num tom cheio de esperança. Tudo o que deseja o malfeitor que morre como discípulo da última hora é um coração hospitaleiro. E isto é tudo o que lhe importa, agora que está nu diante da morte. E o Senhor, como sempre, ouve a oração do pecador, até ao fim. Trespasado pela dor, o coração de Cristo abre-se para salvar o mundo – é um coração aberto, não fechado –: acolhe, moribundo, a voz dos moribundos. Jesus morre conosco, porque morre por nós.

À súplica do crucificado culpado, responde o Crucificado inocente: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23, 43). A

recordação de Jesus é eficaz, a lembrança de Jesus é eficaz, porque é rica em misericórdia. Enquanto sucumbe a vida do homem, o amor de Deus liberta da morte. Então o condenado é redimido; o desconhecido torna-se companheiro; um breve encontro na cruz prolongar-se-á para sempre na paz. Isto faz-nos refletir um pouco: Como eu encontro Jesus? Ou, ainda melhor, como me deixo encontrar por Jesus? Deixo-me encontrar ou fecho-me no meu egoísmo, na minha dor, na minha autossuficiência? Reconheço-me pecador para deixar-me encontrar pelo Senhor ou penso que sou justo e digo: “Não me serves, passa adiante”?

Jesus recorda-se dos que foram crucificados ao seu lado. Os seus cuidados, até ao último suspiro, fazem-nos refletir: há diferentes modos de recordar pessoas e coisas. Podemos recordar os erros, recordar os assuntos pendentes, recordar os amigos e os adversários. Irmãos e irmãs, perguntemo-nos hoje, diante desta cena do Evangelho: Como estão as pessoas no nosso coração? Como é que nos recordamos daqueles que estão ao nosso lado nas vicissitudes da vida? Julgo-os? Sou fator de divisão? Ou acolho?

Caros irmãos, voltando-se para o coração de Deus, os homens de hoje e de todos os tempos podem ter esperança de Salvação, mesmo se «aos olhos dos insensatos pareceram morrer» (*Sb* 3, 2). Com efeito, a memória do Senhor vela toda a história – a memória é custódia –: Ele é o seu juiz compassivo e rico em misericórdia. O Senhor está próximo de nós como Juiz, está próximo e é compassivo e misericordioso. São as três atitudes do Senhor. Sou próximo às pessoas? Tenho o coração compassivo? Sou misericordioso? Com esta fé, rezemos pelos Cardeais e Bispos falecidos nos últimos doze meses. Hoje a nossa recordação torna-se sufrágio por estes nossos irmãos. Membros eleitos do povo de Deus, foram batizados na morte de Cristo (cf. *Rm* 6, 3), para ressuscitar com Ele. Foram pastores e modelos do rebanho do Senhor (cf. *1 Pd* 5, 3); que agora se sentem à sua mesa, depois de terem partido na terra o Pão da vida. Amaram a Igreja, cada um do seu modo, mas todos amaram a Igreja; rezemos para que possam gozar eternamente da companhia dos santos. E nós, aguardamos, com firme esperança, o momento de alegrar-nos com eles no Paraíso. E convido-vos a dizer por três vezes comigo: “Jesus, lembra-te de nós! Jesus, lembra-te de nós! Jesus, lembra-te de nós!”.

DIA MUNDIAL DOS POBRES

Basílica de São Pedro

XXXIII Domingo do Tempo Comum, 17 de novembro de 2024

As palavras que acabámos de escutar poderiam suscitar em nós sentimentos de angústia. Na realidade, são um grande anúncio de esperança. Concretamente, se por um lado Jesus parece descrever o estado de espírito daqueles que viram a destruição de Jerusalém e pensam que o fim chegou, anuncia, ao mesmo tempo, algo de extraordinário: é na hora da escuridão e da desolação, quando tudo parece desmoronar-se, que Deus vem, que Deus se aproxima, que Deus nos reúne para nos salvar.

Jesus convida-nos a ter um olhar mais aguçado, a ter olhos capazes de “ler por dentro” os acontecimentos da história, para descobrir que, mesmo na angústia dos nossos corações e do nosso tempo, há uma esperança inabalável que resplandece. Por isso, neste Dia Mundial dos Pobres, detenhamo-nos precisamente sobre estas duas realidades: a angústia e a esperança, que sempre duelam entre si na arena do nosso coração.

Primeiramente, *a angústia*. É um sentimento generalizado na nossa época, em que a comunicação social amplifica os problemas e as feridas, tornando o mundo mais inseguro e o futuro mais incerto. Também o Evangelho de hoje inicia com um quadro que projeta no cosmos a tribulação do povo, e fá-lo com uma linguagem apocalíptica: «o Sol vai se escurecer, e a Lua não brilhará mais, as estrelas começarão a cair» (Mc 13, 24-25), e assim por diante.

Se o nosso olhar se detém apenas na crónica dos acontecimentos, dentro de nós a angústia ganha terreno. Verdadeiramente, também hoje vemos o Sol escurecer e a Lua apagar-se, vemos a fome e a carestia que oprimem tantos irmãos e irmãs, vemos os horrores da guerra e a morte de inocentes; e, perante este cenário, corremos o risco de afundarmos no desânimo e de não nos apercebermos da presença de Deus no drama da história. Assim, condenamo-nos à impotência: vemos crescer à nossa volta a injustiça que causa a dor dos pobres, mas juntamo-nos à corrente resignada daqueles que,

por comodismo ou por preguiça, pensam que “o mundo é assim mesmo” e que “não há nada que eu possa fazer”. Desse modo, até a própria fé cristã é reduzida a uma devoção inócua, que não incomoda os poderes deste mundo e não gera um compromisso concreto de caridade. E enquanto uma parte do mundo é condenada a viver à margem da história, enquanto crescem as desigualdades e a economia penaliza os mais fracos, enquanto a sociedade se consagra à idolatria do dinheiro e do consumo, acontece então que os pobres e os excluídos não podem fazer outra coisa senão continuar a esperar (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 54).

Mas eis que Jesus, no meio desse quadro apocalíptico, *acende a esperança*. Ele abre o horizonte, alarga o nosso olhar para que aprendamos a perceber, mesmo na precariedade e na dor do mundo, a presença do amor de Deus que se faz próximo, que não nos abandona, que atua para a nossa salvação. Com efeito, exatamente quando o Sol escurece, quando a Lua deixa de brilhar e as estrelas caem do céu, é que o Evangelho nos diz que «vereis o Filho do Homem vindo nas nuvens com grande poder e glória»; e que Ele «reunirá os eleitos de Deus, de uma extremidade à outra da terra» (vv. 26-27).

Com estas palavras, Jesus aponta, inicialmente, para a sua morte, que terá lugar pouco depois. No Calvário, realmente, o Sol escurecerá e as trevas descerão sobre o mundo; mas, nesse preciso momento, o Filho do Homem virá sobre as nuvens, pois o poder da sua ressurreição destruirá as cadeias da morte, a vida eterna de Deus surgirá da escuridão e um mundo novo nascerá das ruínas de uma história ferida pelo mal.

Irmãos e irmãs, esta é a esperança que Jesus nos quer transmitir. E fá-lo também através de uma bela imagem: olhai para a figueira, diz Ele, porque «quando seus ramos ficam verdes e as folhas começam a brotar, sabeis que o verão está perto» (v. 28). Do mesmo modo, também nós somos chamados a ler as situações da nossa história terrena: onde parece haver apenas injustiça, dor e pobreza, precisamente naquele momento dramático, o Senhor aproxima-se para nos libertar da escravidão e fazer brilhar a vida (cf. v. 29). Aproxima-se com a nossa proximidade cristã, com a nossa fraternidade cristã. Não se trata somente de jogar uma moeda nas mãos daquele que passa necessidade. A quem dá esmola eu pergunto duas coisas:

Tocas as mãos das pessoas, ou jogas a moeda sem tocar (em quem a recebe)? Olhas nos olhos da pessoa a quem ajudas, ou viras o olhar para outro lado?

E somos nós, seus discípulos, que graças ao Espírito Santo podemos semear esta esperança no mundo. Somos nós que podemos e devemos acender luzes de justiça e de solidariedade, enquanto se adensam as sombras de um mundo fechado (cf. Carta enc. *Fratelli tutti*, 9-55). Somos nós que a sua Graça faz brilhar, é a nossa vida impregnada de compaixão e de caridade que se torna sinal da presença do Senhor, sempre próximo do sofrimento dos pobres, para aliviar as suas feridas e mudar a sua sorte.

Irmãos e irmãs, não nos esqueçamos: a esperança cristã, que se realizou em Jesus e se concretiza no seu Reino, precisa de nós e do nosso empenho, de uma fé operosa na caridade, de cristãos que não passam para o outro lado do caminho. Eu observava uma fotografia feita por um fotógrafo romano: um casal adulto, quase ancião, saía de um restaurante no inverno; a senhora ia bem coberta com um casaco de pele e o homem também ia bem abrigado; na porta estava uma senhora pobre, deitada sobre o pavimento, pedindo esmolas; e o casal olhava para o outro lado. Isto acontece todos os dias. Perguntemo-nos: quando vejo a pobreza, a necessidade dos demais, olho para o outro lado? Um teólogo do século XX dizia que a fé cristã deve gerar em nós uma “mística de olhos abertos”: não uma espiritualidade que foge do mundo, mas, pelo contrário, uma fé que abre os olhos aos sofrimentos do mundo e às aflições dos pobres, para exercer a mesma compaixão de Cristo (cf. J. B. Metz, *Mística de olhos abertos*, Paulus 2013). Diante dos pobres, diante daqueles que não tem trabalho, que não tem o que comer, que são marginalizados pela sociedade, tenho a mesma compaixão de Cristo?

E não devemos olhar apenas para os grandes problemas da pobreza mundial, mas para o pouco que todos nós podemos fazer todos os dias: com o nosso estilo de vida, com o cuidado e a atenção pelo ambiente em que vivemos, com a busca tenaz da justiça, com a partilha dos nossos bens com os mais pobres, com o engajamento social e político para melhorar a realidade que nos rodeia. Pode parecer-nos pouco, mas o nosso pouco será

como as primeiras folhas que brotam na figueira: o nosso pouco será uma antecipação do verão que está próximo.

Caríssimos, neste Dia Mundial dos Pobres, gostaria de recordar uma advertência do Cardeal Martini. Ele dizia que devemos ter cuidado ao pensar que existe primeiro a Igreja, já sólida em si mesma, e depois os pobres dos quais escolhemos cuidar. Na realidade, tornamo-nos a Igreja de Jesus na medida em que servimos os pobres, pois somente assim «a Igreja “torna-se” ela mesma, isto é, a Igreja torna-se uma casa aberta a todos, um lugar da compaixão de Deus pela vida de cada homem» (C. M. Martini, *Città senza mura. Lettere e discorsi alla diocesi* 1984, Bolonha 1985, 350).

Digo-o à Igreja, digo-o aos governos dos Estados e às organizações internacionais, digo-o a todos e a cada um: por favor, não nos esqueçamos dos pobres.

XXXIX DIA MUNDIAL DA JUVENTUDE

Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo

Basílica de São Pedro

Domingo, 24 de novembro de 2024

No final do ano litúrgico, a Igreja celebra a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo. Ela convida-nos a olhar para Ele, olhar para o Senhor, origem e realização de todas as coisas (cf. *Col* 1, 16-17), cujo “reino jamais será destruído” (*Dn* 7, 14).

É uma contemplação que eleva e entusiasma. Mas quando olhamos à nossa volta, o que vemos apresenta-se de forma diferente, e podem surgir em nós interrogações inquietantes. Que dizer das guerras, da violência, dos desastres ecológicos? E que pensar dos problemas que também vós, queridos jovens, tendes de enfrentar ao olhar para o amanhã: a precariedade do trabalho, a incerteza económica, além das divisões e desigualdades que polarizam a sociedade? Por que acontece tudo isto? E o que podemos fazer para não sermos esmagados por isso? É verdade que estas são questões difíceis, mas são questões importantes.

É por isso que hoje, ao celebrarmos em todas as Igrejas a *Jornada Mundial da Juventude*, gostaria de vos propor especialmente a vós, jovens, à luz da Palavra de Deus, uma reflexão sobre três aspectos que nos podem ajudar a avançar com coragem no nosso caminho através dos desafios que encontramos. E estes aspectos são: *as acusações, os consensos e a verdade*.

Primeiro: *as acusações*. O Evangelho de hoje apresenta-nos Jesus na pele do acusado (cf. *Jo* 18, 33-37). Ele está – como se diz – “no banco dos réus”, no tribunal. Quem o interroga é Pilatos, representante do Império Romano, no qual se veem representados todos os poderes que, ao longo da história, oprimem os povos pela força das armas. Pilatos não está interessado em Jesus. Mas sabe que as pessoas o seguem, acreditando que ele é um guia, um mestre, o Messias. E o Procurador não pode permitir que alguém crie confusão e perturbação na “paz militarizada” do seu distrito. Por isso, agrada aos poderosos inimigos deste profeta indefeso: leva-o a

juízo e ameaça condená-lo à morte. E ele – que só pregou a justiça, a misericórdia e o perdão – não tem medo, não se deixa intimidar, nem se revolta: Jesus permanece fiel à verdade que proclamou, fiel até ao sacrifício da própria vida.

Queridos jovens, talvez por vezes também vos possa acontecer que sejais "acusados" de seguir Jesus. Na escola, entre os amigos, nos círculos que frequentais, pode haver quem queira fazer-vos sentir mal por serdes fiéis ao Evangelho e aos seus valores, por não vos conformardes, por não vos dobrardes a fazer como os outros. Vós, no entanto, não tenhais medo das “condenações”, não vos preocupeis: mais cedo ou mais tarde, as críticas e as falsas acusações caem por terra e os valores superficiais que as sustentam são revelados pelo que são, ilusões. Queridas jovens e queridos jovens, estai atentos para não vos deixar embriagar pelas ilusões. Por favor, sede concretos. A realidade é concreta. Estai atentos às ilusões!

O que fica, como nos ensina Cristo, é outra coisa: são as obras de amor. É isso que fica e que torna a vida bela! O resto não conta. Conta o amor concreto nas obras. Por isso, repito: não tenhais medo das “condenações” do mundo. Continuai a amar! Mas a amar à luz do Senhor, a dar a vida para ajudar os outros.

E chegamos ao segundo ponto: os *consensos*. Jesus diz: “O meu reino não é deste mundo” (Jo 18, 36). O que quer dizer Jesus com isso: “o meu reino não é deste mundo”? Por que ele não faz nada para garantir o seu sucesso, para se aproximar dos poderosos, para obter apoio para o seu programa? Porque não o faz? Como é que ele pode pensar que pode mudar as coisas quando está “derrotado”? Na realidade, Jesus comporta-se assim porque rejeita toda a lógica do poder (cf. Mc 10, 42-45). Jesus está livre em relação a tudo isso!

E também vós, queridos jovens, fareis bem em seguir o seu exemplo, não vos deixando contagiar pela ânsia – tão generalizada hoje em dia – a ânsia de serdes vistos, aprovados e elogiados. Quem se deixa apanhar por estas fixações acaba por viver numa rotina. Reduz-se a “correr”, a competir, a fingir, a comprometer-se, a vender os seus ideais para obter um pouco de aprovação e visibilidade. Por favor, estai atentos a isto: a vossa dignidade não está à venda! Não se vende! Estai atentos!

Mas Deus ama-vos tal como sois, e não segundo as aparências: perante Ele, os vossos sonhos puros valem mais do que o sucesso e a fama; e a sinceridade das vossas intenções vale mais do que a aprovação. Não vos deixeis enganar por aqueles que, seduzindo-vos com promessas fúteis, na realidade só querem instrumentalizar-vos, condicionar-vos e utilizar-vos para os seus próprios interesses. Estai atentos às instrumentalizações. Estai atentos a não serdes condicionados. Sede livres, mas livres em harmonia com a vossa dignidade. Não vos contenteis em ser “estrelas por um dia”, “estrelas” nas redes sociais ou em qualquer outro contexto! Recordo-me de uma jovem, da minha terra, que queriam que a vissem, pois era muito bela. E, para ir a uma festa, maquilou-se toda. Eu pensei: “Depois da maquilagem, o que sobra?” Não maquileis a alma, não maquileis o coração; sede como sois: sinceros, transparentes. Não sejais “estrelas por um dia” nas redes sociais ou em qualquer outro contexto. O céu em que sois chamados a brilhar é maior: é o céu do Amor, é o céu de Deus, o amor infinito do Pai que se reflete em tantas pequenas luzes: no afeto fiel dos esposos, na alegria inocente das crianças, no entusiasmo dos jovens, no cuidado dos idosos, na generosidade dos consagrados, na caridade para com os pobres, na honestidade do trabalho. Pensai nestas coisas que vos tornarão fortes a todos vós, jovens. Estas pequenas luzes: o afeto fiel dos esposos – que bela coisa –, a alegria inocente das crianças – é uma bela alegria esta! –, o entusiasmo dos jovens – sois entusiastas, todos vós! –, o cuidado dos idosos. Faço-vos uma pergunta: Cuidais dos idosos? Visitais os avós? Sede generosos em vossas vidas e caridosos com os pobres, na honestidade do trabalho. Este é o verdadeiro firmamento, no qual brilhar como estrelas no mundo (cf. *Fil 2, 15*): e, por favor, não escuteis quem, mentindo, vos diz o contrário! Não são os consensos que salvam o mundo, nem tornam as pessoas felizes; o que salva o mundo é a gratuidade do amor. E o amor não se compra, não se vende: é gratuito, é o dom de si mesmo.

Chegamos assim ao terceiro ponto: *a verdade*. Cristo veio ao mundo “para dar testemunho da verdade” (*Jo 18, 37*), e fê-lo ensinando-nos a amar a Deus e aos irmãos (cf. *Mt 22, 34-40*; *1 Jo 4, 6-7*). Só aí, no amor, é que a nossa existência encontra luz e sentido (cf. *1 Jo 2, 9-11*). Caso contrário, permanecemos prisioneiros de uma grande mentira. E qual é esta grande mentira? A mentira do “eu” que se basta a si mesmo (cf. *Gn 3, 4-5*), raiz de toda a injustiça e infelicidade. O “eu” que volta-se sobre si mesmo – eu,

para mim, comigo, sempre “eu” – e não tem a capacidade de olhar para os outros, de dialogar com os outros. Estai atentos a esta doença do “eu” voltado sobre si mesmo.

Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida (cf. *Jo* 14, 6), despojando-se de tudo e morrendo nu na cruz pela nossa salvação, ensina-nos que só no amor podemos também nós viver, crescer e florescer em toda a nossa dignidade (cf. *Ef* 4, 15-16). Caso contrário, como escreveu o Beato Pier Giorgio Frassati - um jovem como vós - a um amigo, não vivemos mais, mas “vamos vivendo” (cf. *Carta a Isidoro Bonini*, 27 de fevereiro de 1925). Queremos viver, não apenas ir vivendo, e por isso esforçamo-nos por dar testemunho da verdade na caridade, amando-nos uns aos outros como Jesus nos ensinou (cf. *Jo* 15, 12).

Irmãs e irmãos, não é verdade, como alguns pensam, que os acontecimentos mundiais tenham "escapado" das mãos de Deus. Não é verdade que a história é feita pelos violentos, pelos prepotentes e orgulhosos. Muitos males que nos afligem são obra do homem, enganado pelo Maligno, mas tudo está sujeito, em última análise, ao julgamento de Deus. Aqueles que destroem as pessoas, que fazem a guerra, com qual rosto apresentar-se-ão diante do Senhor? “Porque fizeste a guerra? Porque mataste?” E eles, o que responderão? Pensemos nisto também nós. Nós não fazemos a guerra, nós não matamos, mas... “fiz isto, isto e isto”... O Senhor nos dirá: “Mas porque fizeste isso? Porque foste injusto naquele assunto? Porque gastaste tanto dinheiro com a tua vaidade?” Também a nós o Senhor perguntará estas coisas. O Senhor nos deixa livres, mas não nos deixa sozinhos: ao mesmo tempo que nos corrige quando caímos, não deixa de nos amar e, se quisermos, de nos levantar para podermos retomar alegremente o nosso caminho.

No final desta Eucaristia, os jovens portugueses entregarão aos jovens coreanos os símbolos da Jornada Mundial da Juventude: a Cruz e o Ícone de Maria *Salus Popoli Romani*. Também isto é um sinal: um convite, para todos nós, a viver e a levar o Evangelho a todas as partes da terra, sem parar e sem desanimar, levantando-nos depois de cada queda e nunca deixando de esperar, como diz a Mensagem para esta Jornada: “Aqueles que esperam no Senhor caminham sem se cansar” (cf. *Is* 40, 31). Vós, jovens coreanos,

recebereis a Cruz do Senhor, Cruz de vida, sinal de vitória, mas não recebereis somente a Cruz: a recebereis com a Mãe. É Maria quem sempre nos acompanha até Jesus; é Maria que, nos momentos difíceis, está ao lado da nossa cruz, para ajudar-nos, porque ela é Mãe, ela é a nossa Mãe. Pensai em Maria!

Mantenhamos os olhos fixos em Jesus, na sua Cruz, e em Maria, nossa Mãe: assim, mesmo nas dificuldades, encontraremos a força para avançar, sem medo das acusações, sem necessidade de consensos, com a própria dignidade, com a própria segurança de sermos salvos e de estarmos acompanhados por nossa Mãe, Maria, sem fazer concessões, sem maquilagem espiritual. A vossa dignidade não precisa ser “maquilada”. Avancemos, contentes por sermos para todos, de estarmos no amor, de sermos testemunhas da verdade. E, por favor, não percais a alegria! Obrigado!

Basílica de São Pedro

Sábado, 7 de dezembro de 2024

Pensemos um pouco nessa narração: Jesus está subindo em direção a Jerusalém. Esta não é uma subida para a glória deste mundo, mas para a glória de Deus, que implica a descida às profundezas da morte. Na Cidade Santa, com efeito, Ele morrerá na cruz para restaurar a vida para nós. No entanto, Tiago e João, que imaginam um destino diferente para seu Mestre, fazem a súplica e pedem a Ele dois lugares de honra: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda» (*Mc 10, 37*).

O Evangelho destaca esse contraste dramático: enquanto Jesus está em um caminho árduo e em subida, que o levará ao Calvário, os discípulos estão pensando no caminho, sem obstáculos e em descida, do Messias vitorioso. E não devemos nos escandalizar com isso, mas humildemente tomar consciência de que – para citar Manzoni – «assim é feita a miscelânea do coração humano» (*Os noivos*, cap. 10). Assim ele é feito.

Isso também pode acontecer conosco: que nosso coração se perca pelo caminho, deixando-se deslumbrar pelo fascínio do prestígio, pela sedução do poder, por um entusiasmo demasiado humano pelo Senhor. Por isso é importante olhar para o nosso interior, colocar-nos humildemente diante de Deus e honestamente diante de nós mesmos, e nos perguntar: para onde está indo o meu coração? Para onde está indo o meu coração hoje? Em que direção ele está se movendo? Talvez esteja indo na direção errada? Assim nos exorta Santo Agostinho: «Por que andais por caminhos desertos? Vagando a esmo, perdeis o caminho: Voltai! Para onde? Para o Senhor. Mas ainda é cedo: primeiro, volte para o teu coração [...]. Volte, volte ao coração, [...] porque aí se encontra a imagem de Deus. Na interioridade do homem habita Cristo, na interioridade do homem és renovado segundo a imagem de Deus» (*Comentário ao Evangelho de João*, 18, 10).

Retornar ao coração para voltar ao mesmo caminho de Jesus, é disso que precisamos. E hoje, especialmente para vós, caros irmãos, que recebeis o cardinalato, eu gostaria de dizer: tende o cuidado de *caminhar na estrada de Jesus*. E o que isso significa?

Caminhar na estrada de Jesus significa, antes de tudo, *voltar para Ele e recolocá-Lo no centro de tudo*. Na vida espiritual, assim como na vida pastoral, às vezes corremos o risco de nos concentrarmos naquilo que é acessório, esquecendo-nos do essencial. Com muita frequência, coisas secundárias tomam o lugar do que é indispensável, as superficialidades prevalecem sobre o que realmente importa, mergulhamos em atividades que consideramos urgentes, sem conseguir chegar ao coração. Em vez disso, temos sempre a necessidade de voltar ao centro, de recuperar o fundamento, de despojar-nos do que é supérfluo para nos revestirmos de Cristo (cf. *Rm* 13, 14). A própria palavra “cardeal” nos faz lembrar disso, já que indica o pivô no qual é inserida a dobradiça de uma porta: é um ponto firme de apoio, de sustentação. Assim sendo, caros irmãos, Jesus é o ponto de apoio fundamental, o centro de gravidade de nosso serviço, o “ponto cardeal” que orienta toda a nossa vida.

Caminhar na estrada de Jesus também significa *cultivar a paixão do encontro*. Jesus nunca percorre o caminho sozinho; seu vínculo com o Pai não o isola dos acontecimentos e da dor do mundo. Pelo contrário, Ele veio justamente para curar as feridas do homem e aliviar os fardos do seu coração, para remover os pedregulhos do pecado e quebrar as correntes da escravidão. E assim, ao longo do caminho, o Senhor encontra os rostos das pessoas marcadas pelo sofrimento, aproxima-se daqueles que perderam a esperança, levanta os que caíram, cura os que estão doentes. Os caminhos de Jesus estão repletos de rostos e histórias e, ao passar, Ele enxuga as lágrimas dos que choram, «cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas» (*Sl* 147, 3).

A aventura do caminhar, a alegria de encontrar os outros, o cuidado com os mais frágeis: isso deve animar o vosso serviço como cardeais. A aventura do caminhar, a alegria de encontrar os outros e o cuidado com os mais frágeis. Dizia um grande clérigo italiano, o Pe. Primo Mazzolari: «Ao longo da estrada, a Igreja começou; ao longo das estradas do mundo, a

Igreja continua. Para entrar nela, não há necessidade de bater à porta ou de aguardar na antessala. Caminhei e a encontrareis; caminhei e ela estará ao vosso lado; caminhei e estareis na Igreja» (*Tempo di credere*, Bolonha 2010, 80-81). Não podemos nos esquecer que o cansaço estraga o coração. E a água parada é a primeira a se corromper.

Caminhar na estrada de Jesus significa, finalmente, *ser construtor de comunhão e unidade*. Enquanto no grupo de discípulos a *traça* da competição destrói a unidade, o caminho que Jesus percorre O leva ao Calvário. E na cruz, Ele cumpre a missão que Lhe foi confiada: que ninguém se perca (cf. *Jo* 6, 39), que o muro da inimizade seja finalmente derrubado (cf. *Ef* 2, 14) e que todos descubramos que somos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós. Portanto, lançando seu olhar sobre vocês, que vêm de diferentes histórias e culturas e representam a catolicidade da Igreja, o Senhor os chama a serem testemunhas de fraternidade, artesãos de comunhão e construtores de unidade. É essa a vossa missão!

Precisamente ao falar a um grupo de novos cardeais, o grande São Paulo VI disse que nós, como os discípulos, às vezes sucumbimos à tentação de nos dividir; em vez disso, «é no ardor aplicado à busca da unidade que se reconhecem os verdadeiros discípulos de Cristo». E acrescentava o santo Papa: «Desejamos que todos se sintam à vontade na família eclesial, sem exclusivismos ou isolamentos nocivos que prejudicam a unidade na caridade, e desejamos que não se procure favorecer alguns à custa de outros. [...] devemos nós trabalhar, orar, sofrer e lutar para dar testemunho a Cristo ressuscitado» (*Alocução no Consistório para a criação de novos cardeais*, 27 de junho de 1977).

Animados por esse espírito, caros irmãos, fareis a diferença, de acordo com as palavras de Jesus que, falando da competição corrosiva deste mundo, diz aos discípulos: «Não deve ser assim entre vós» (*Mc* 10, 43). E é como se Ele estivesse dizendo: vinde atrás de mim, no meu caminho, e sereis diferentes; vinde atrás de mim e sereis um sinal luminoso em uma sociedade obcecada pela aparência e pela busca dos primeiros lugares. “Não deve ser assim entre vós”, repete Jesus: amai-vos uns aos outros com amor fraterno e sede servos uns dos outros, servos do Evangelho.

Caros irmãos, na estrada de Jesus, caminhemos juntos. E caminhemos com humildade, caminhemos com admiração, caminhemos com alegria.

SANTA MISSA COM OS NOVOS CARDEAIS E O COLÉGIO CARDINALÍCIO

Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria

Basílica de São Pedro

Domingo, 8 de dezembro de 2024

«Salve, ó cheia de graça» (*Lc* 1, 28). Com essa saudação, na humilde casa de Nazaré, o Anjo revela a Maria o mistério do seu Coração imaculado, que desde a concepção é «imune de toda mancha do pecado original» (B. Pio IX, Const. Após. *Ineffabilis Deus*, 8 de dezembro de 1854). De muitas maneiras, ao longo dos séculos, os cristãos procuraram, com imagens e palavras, representar esse dom, enfatizando a graça e a doçura nas feições da «Bendita entre todas as mulheres» (cf. *Lc* 1,42), através dos traços somáticos e das características das mais diversas etnias e culturas.

E, realmente, a Mãe de Deus – como observou São Paulo VI – nos mostra «o que todos nós temos no fundo do coração: a autêntica imagem da humanidade [...] inocente, santa, [...] porque o seu ser é todo harmonia, candura, simplicidade – assim é Maria: toda harmonia, candura, simplicidade –; é todo transparência, bondade, perfeição; é todo beleza» (*Homilia na Solenidade da Imaculada Conceição*, 8 de dezembro de 1963).

Por isso, detenhamo-nos por um momento a contemplar essa beleza à luz da Palavra de Deus, em três aspectos da vida de Maria que a tornam tão próxima e familiar a todos nós. E quais são estes três aspectos? Maria *filha*, Maria *esposa* e Maria *mãe*.

Antes de mais nada, vejamos a Imaculada como *filha*. As Sagradas Escrituras não falam de sua infância. O Evangelho, ao contrário, apresenta-a, ao entrar no cenário da história, como uma jovem rica de fé, humilde e simples. Ela é a “virgem” (cf. *Lc* 1, 27), em cujo olhar se reflete o amor do Pai e em cujo Coração puro a gratidão e o reconhecimento são a cor e o perfume da santidade. Dessa forma, Nossa Senhora mostra-se tão bela quanto uma flor que cresceu sem ser notada e que finalmente está pronta

para desabrochar no dom de si. Porque a vida de Maria é uma doação contínua de si mesma.

E isto nos leva à segunda dimensão de sua beleza: a de *esposa*, ou seja, daquela que Deus escolheu como cooperadora do seu plano de salvação (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Cost. dogm. Lumen gentium, 61). É isto o que o Concílio diz: Deus escolheu Maria, escolheu uma mulher como cooperadora em seu plano de salvação. Não há salvação sem a mulher, porque a Igreja também é mulher. E Ela responde “sim”, dizendo: «Eis a serva do Senhor» (Lc 1, 38). “Serva” não no sentido de “subjugada” e “humilhada”, mas de uma pessoa “confiável”, “estimada”, a quem o Senhor confia os tesouros mais preciosos e as missões mais importantes. Assim, a sua beleza, tão poliédrica quanto a de um diamante, revela uma nova face: a da fidelidade, da lealdade e do esmero que caracterizam o amor mútuo dos cônjuges. Exatamente como entendia São João Paulo II, quando escreveu que a Imaculada «aceitou a eleição para ser mãe do Filho de Deus, guiada pelo amor sponsal, o amor que “consagra” totalmente a Deus uma pessoa humana» (Carta enc. Redemptoris Mater, 39).

E assim chegamos à terceira dimensão da beleza. Qual é essa terceira dimensão da beleza de Maria? Aquela de *mãe*. Essa é a forma mais comum com a qual a representamos: com o Menino Jesus em seus braços, ou no presépio, inclinada sobre o Filho de Deus deitado na manjedoura (cf. Lc 2, 7). Ela está sempre presente ao lado de seu Filho, em todas as circunstâncias da vida: próxima nos cuidados e escondida em sua humildade; como em Caná, onde intercede pelos noivos (cf. Jo 2, 3-5); ou em Cafarnaum, onde é exaltada por sua escuta da Palavra de Deus (cf. Lc 11, 27-28); ou, finalmente, aos pés da cruz – a mãe de um condenado –, onde o próprio Jesus a entrega a nós como mãe (cf. Jo 19, 25-27). Neste caso, a Imaculada é bela em sua fecundidade, ou seja, em seu saber morrer para dar a vida, em seu esquecer-se de si mesma para cuidar daqueles que, pequenos e indefesos, a Ela se agarram.

Tudo isso está guardado no Coração puro de Maria, livre do pecado, dócil à ação do Espírito Santo (cf. São João Paulo II, Carta enc. Redemptoris Mater, 13), pronto a emprestar a Deus, por amor, «o obséquio

pleno da inteligência e da vontade» (Conc. Ecum. Vat. II, Cost. dogm. Dei Verbum, 5; cf. Conc. Vat. I, Cost. dogm. Dei Filius, 3).

O risco, entretanto, seria pensar que se trata de uma beleza distante, uma beleza muito alta e inatingível. Não é assim. Na verdade, nós também a recebemos como um dom quando, no Batismo, somos libertados do pecado e nos tornamos filhos de Deus. E com ela nos é confiado o chamado a cultivá-la, como a Virgem, com amor filial, esposal e materno, gratos no receber e generosos no dar, homens e mulheres do “obrigado” e do “sim”, ditos com palavras, mas, sobretudo, com a vida – é bonito encontrar homens e mulheres que com a vida dizem “obrigado” e dizem “sim” –; prontos a dar espaço ao Senhor em nossos projetos e a acolher com ternura materna todos os irmãos e irmãs que encontramos em nosso caminho. A Imaculada, portanto, não é um mito, uma doutrina abstrata ou um ideal impossível: é a proposta de um belo e concreto projeto, o modelo plenamente realizado de nossa humanidade, por meio do qual, pela graça de Deus, todos nós podemos contribuir para mudar o nosso mundo para melhor.

Infelizmente, vemos ao nosso redor como a pretensão do primeiro pecado, aquele de querer ser “como Deus” (cf. *Gn* 3, 1-6), continua a ferir a humanidade, e como essa presunção de autossuficiência não gera nem amor, nem felicidade. Quem exalta como uma conquista a rejeição de qualquer vínculo estável e duradouro, concretamente não fomenta liberdade. Aqueles que não respeitam o pai e a mãe, que não querem ter filhos, que consideram os outros como um objeto ou um incômodo, que avaliam a partilha como uma perda e a solidariedade como um empobrecimento, não espalham alegria nem futuro. De que serve o dinheiro no banco, o conforto nos apartamentos, as falsas “amizades” do mundo virtual, se os corações permanecem frios, vazios, fechados? De que adiantam os altos níveis de crescimento econômico dos países privilegiados, se metade do mundo morre de fome e de guerra, e outros ainda observam com indiferença? De que adianta viajar pelo mundo inteiro, se cada encontro é reduzido à emoção de um momento, a uma fotografia que, em alguns dias ou meses, ninguém se lembrará mais?

Irmãos e irmãs, hoje olhamos para Maria Imaculada e lhe pedimos que o seu Coração cheio de amor nos conquiste, que nos converta e faça de nós uma comunidade na qual a filiação, a *esponsalidade* e a maternidade sejam a regra e o critério de vida: na qual as famílias se reúnem, os cônjuges compartilham tudo, os pais e as mães estão presentes em carne e osso junto dos filhos e os filhos cuidam de seus pais. Essa é a beleza da qual a Imaculada nos fala, essa é a “beleza que salva o mundo” e em relação à qual também nós queremos responder a Deus, como Maria: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc 1, 38*).

Celebramos esta Eucaristia junto com os novos Cardeais. Eles são irmãos a quem pedi que me ajudassem no serviço pastoral da Igreja universal. Eles vêm de muitas partes do mundo, portadores de uma única Sabedoria com muitas faces, para contribuir com o crescimento e a propagação do Reino de Deus. Confiemo-los, de modo especial, à intercessão da Mãe do Salvador.

NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Basílica de São Pedro

Quinta-feira, 12 de dezembro de 2024

Olhando para a imagem de Maria, Maria de Guadalupe, grávida, que anuncia o nascimento do Salvador, grávida como mãe.

Com que ternura diz ao Índio: «Não temas, não estou porventura eu aqui, que sou tua Mãe?» (*Nican Mapohua*, 118-119). Revela-se a maternidade de Maria. E sobre este mistério de Guadalupe, que infelizmente tantas ideologias quiseram desviar para obter uma vantagem ideológica, vêm-me à mente três coisas, coisas simples, mas que fazem a mensagem: a *tilma* (manto), a *Mãe* e a *rosa*. Coisas muito simples.

A *maternidade* de Maria permanece impressa nesta *tilma*, neste simples manto. A maternidade de Maria manifesta-se com a beleza das *rosas* que o índio encontra e traz; e a *maternidade* de Maria faz o milagre de levar a fé aos corações um pouco incrédulos dos prelados.

A *tilma*, a *rosa*, o Índio. Tudo o que se pode dizer para além disto do mistério guadalupeano é mentira, é querer usá-lo para ideologias. O mistério guadalupeano é para venerá-la, e escutar nos nossos ouvidos: “Não temas, não estou porventura eu aqui, que sou tua Mãe?”. E este escutar nos momentos da vida: nos diferentes momentos difíceis da vida, nos momentos felizes da vida, nos momentos quotidianos da vida. “Não temas, não estou porventura eu aqui, que sou tua Mãe?” Esta é toda a mensagem guadalupeana. O resto são ideologias.

Partimos com a imagem da Senhora impressa na *tilma* do Índio, e ouvindo, como numa cantilena, que com voz repetitiva nos diz: “Não temas, não estou porventura eu aqui, que sou tua Mãe?”

Assim seja

Praça de Austerlitz (“U Casone”)

Domingo, 15 de dezembro de 2024

As pessoas perguntam a João Batista: «Que devemos, então, fazer?» (*Lc* 3, 10). É uma pergunta que deve ser escutada com atenção, porque exprime o desejo de renovar a vida, de a mudar para melhor. João está a anunciar a chegada do Messias há muito esperado: quem ouve a pregação do Batista quer preparar-se para esse encontro, para o encontro com o Messias, para o encontro com Jesus.

O Evangelho segundo Lucas testemunha que são precisamente os mais distantes que exprimem este desejo de conversão: não aqueles que socialmente pareciam ser mais próximos, não os fariseus e os doutores da lei, mas os distantes, os publicanos, que eram considerados pecadores, e os soldados que perguntam: «Mestre, que havemos de fazer?» (*Lc* 3, 12). Esta é uma boa pergunta, que talvez hoje, antes de ir dormir, cada um de nós pode pronunciar como oração: “Senhor, que hei de fazer para preparar o coração em vista do Natal?”. Quem se considera justo não se renova. Mas, aqueles que eram considerados pecadores públicos querem passar de uma conduta desonesta e violenta para uma vida nova. E quem está longe torna-se próximo quando Cristo se faz próximo de nós. Com efeito, João responde aos publicanos e aos soldados deste modo: praticai a justiça, sede retos e honestos (cf. *Lc* 3, 13-14). Implicando especialmente os últimos e os excluídos, o anúncio do Senhor desperta as consciências, porque Ele vem para salvar e não para condenar quem está perdido (cf. *Lc* 15, 4-32). E o melhor que podemos fazer para sermos salvos e procurados por Jesus é dizer a verdade sobre nós próprios: “Senhor, sou pecador”. Todos nós que aqui estamos o somos. “Senhor, sou um pecador”. E, assim, nos aproximamos de Jesus com a verdade, não com a *maquillage* de uma justiça falsa. Porque ele vem precisamente salvar os pecadores.

E por isso, também hoje fazemos nossa a pergunta que as multidões colocaram a João Batista. Neste tempo de Advento, tenhamos a coragem de perguntar, sem medo: “que devo fazer?” “que devemos fazer?”.

Perguntemo-nos com sinceridade, para preparar um coração humilde e confiante ao Senhor que vem.

As Escrituras que escutámos apresentam-nos dois modos de esperar o Messias: a espera *suspeitosa* e a espera *alegre*. Pode esperar-se a salvação com estas duas atitudes: a espera suspeitosa e a espera alegre. Reflitamos sobre estas atitudes espirituais.

O primeiro modo de esperar, o suspeito, está cheio de *desconfiança* e *ansiedade*. Aquele que tem a mente ocupada com pensamentos egocêntricos perde a alegria da alma: em vez de vigiar com esperança, duvida do futuro. Totalmente envolvido em projetos mundanos, não espera a obra da Providência. Não sabe esperar com a esperança que nos dá o Espírito Santo. Surge então a palavra salutar de São Paulo, que sacode deste torpor: «Por nada vos deixeis inquietar» (*Fl* 4, 6). Quando a angústia se apodera de nós, arruína-nos sempre. Uma coisa é a dor, a dor física, a dor moral por alguma calamidade na família...; outra coisa é a angústia. O cristão não deve viver com a angústia. Não andeis angustiados, desiludidos, tristes. Como estão difundidos estes males espirituais hoje em dia, sobretudo onde se difunde o consumismo! Nestes dias, via nas ruas de Roma muita gente a ir às compras, com a ansiedade do consumismo, que depois desaparece e não deixa nada. Uma sociedade assim, que vive do consumismo, envelhece insatisfeita, porque não sabe dar: quem vive para si nunca será feliz. Quem vive assim [mão fechada] e não faz isto [mão aberta] não é feliz. Quem tem as mãos assim [mão fechada], para mim, e não tem mãos para dar, para ajudar, para partilhar, nunca será feliz. E este é um mal que todos nós podemos ter, todos os cristãos, mesmo nós, padres, bispos, cardeais, toda a gente, até o Papa.

No entanto, o Apóstolo oferece-nos um remédio eficaz quando escreve: «em tudo, pela oração e pela prece, apresentai os vossos pedidos a Deus em ações de graças» (*Fl* 4, 6). A fé em Deus dá esperança! Precisamente nestes dias, no Congresso que aqui teve lugar em Ajácio, foi sublinhada a importância de cultivar a fé, valorizando o papel da piedade popular. Pensemos na oração do Rosário: se for redescoberta e bem praticada, ensina-nos a manter o coração centrado em Jesus Cristo, com o olhar contemplativo de Maria. E pensemos nas confrarias, que nos podem educar

para o serviço gratuito ao próximo, tanto espiritual como corporal. Estas associações de fiéis, tão ricas de história, participam ativamente na liturgia e na oração da Igreja, que embelezam com os cânticos e as devoções do povo. Aos membros das confrarias, recomendo que, sempre e com disponibilidade, se aproximem, sobretudo das pessoas mais frágeis, tornando a fé operosa na caridade. Aquela confraria que tem uma devoção especial torne-se próxima de todos, esteja ao lado do próximo para o ajudar.

E daqui chegamos à segunda atitude: a *espera alegre*. A primeira atitude era a *espera suspeitosa*, que é “para mim”, com as mãos que se fecham. A segunda atitude é a *espera alegre*. E não é fácil ter alegria. A alegria cristã não é de modo algum irrefletida, superficial, uma alegria de carnaval. Nada disso. Pelo contrário, é uma alegria do coração, assente num fundamento sólido, que o profeta Sofonias, dirigindo-se ao povo, exprime assim: alegra-te, porque «o Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador» (Sf 3, 17). Confiar no Senhor que está no meio de nós, que está connosco. Muitas vezes não nos lembramos disto: ele está no meio de nós quando fazemos uma boa ação, quando educamos os filhos, quando cuidamos dos idosos. Mas não está no meio de nós quando nos dedicamos a bisbilhotar, falando sempre mal dos outros. Aí não está o Senhor, estamos somente nós. A vinda do Senhor traz-nos a salvação: é, por isso, motivo de alegria. Deus é “poderoso”, diz a Escritura: pode redimir a nossa vida porque é capaz de realizar o que diz! Portanto, a nossa alegria não é uma consolação ilusória para esquecer as tristezas da vida. Não, não é uma consolação ilusória. A nossa alegria é fruto do Espírito Santo por meio da fé em Cristo Salvador, que bate ao nosso coração, libertando-o da tristeza e do tédio. Por conseguinte, o advento do Senhor torna-se uma celebração cheia de futuro para todos os povos: na companhia de Jesus, descobrimos a verdadeira alegria de viver e de dar os sinais de esperança que o mundo espera.

E o primeiro destes sinais de esperança é a *paz*. Aquele que vem é o Emanuel, o Deus connosco, que dá a paz aos homens por Ele amados (cf. Lc 2, 14). Neste tempo de Advento, enquanto nos preparamos para O acolher, que as nossas comunidades cresçam na capacidade de acompanhar todos, especialmente os jovens, no caminho rumo ao Batismo e aos Sacramentos; e também de uma forma especial os velhinhos, os idosos. Os idosos são a sabedoria de um povo. Não o esqueçamos! E cada um de nós

pode pensar: como é que eu me comporto perante os idosos? Vou à procura deles? Perco tempo com eles? Ouço-os? “Oh não, eles são aborrecidos, com as suas histórias!”. Abandono-os? Quantos filhos abandonam os pais nos lares de terceira idade. Lembro-me que uma vez, na minha outra diocese, fui a um lar de idosos para visitar as pessoas. E estava lá uma senhora que tinha três ou quatro filhos. Perguntei-lhe: “E como estão os seus filhos?” – “Estão ótimos! Tenho muitos netos” – ‘E eles vêm visitá-la?’ – “Sim, vêm sempre”. Quando saí, a enfermeira disse-me: “Vêm uma vez por ano”. Todavia, a mãe encobria os defeitos dos filhos. Muitos deixam os velhinhos sós. Mandam votos de Natal ou de Páscoa pelo telefone! Cuidem dos idosos, que são a sabedoria de um povo!

E pensemos nos jovens que se preparam para o Batismo e os Sacramentos. Graças a Deus, na Córsega, são muitos! Parabéns! Nunca vi tantas crianças como aqui! É uma graça de Deus! E só vi dois cachorrinhos. Queridos irmãos, tende filhos, que serão a vossa alegria, a vossa consolação no futuro. Esta é a verdade: nunca vi tantas crianças. Só em Timor-Leste é que havia assim tantas, mas nas outras cidades não foi assim. Esta é a vossa alegria e a vossa glória.

Irmãos e irmãs, infelizmente sabemos bem que não faltam grandes motivos de tristeza entre as nações: miséria, guerras, corrupção, violência. Vou dizer-vos uma coisa: por vezes aparecem nas audiências crianças ucranianas, que foram trazidas por causa da guerra. E sabem que mais? Essas crianças não sorriem! Esqueceram o sorriso. Por favor, pensemos nas crianças dos países em guerra, na dor de tantas crianças.

A Palavra de Deus, porém, encoraja-nos sempre. E perante as devastações que oprimem os povos, a Igreja proclama uma esperança certa, que não desilude, porque o Senhor vem habitar no meio de nós. Assim, o nosso compromisso em favor da paz e da justiça encontra na sua vinda uma força inesgotável.

Irmãs e Irmãos, em cada tempo e em qualquer tribulação. Cristo está presente, Cristo é a fonte da nossa alegria. Ele está connosco na tribulação para nos levar em frente e nos dar alegria. Conservemos sempre esta alegria no coração, esta certeza de que Cristo está connosco e caminha ao nosso lado. Não o esqueçamos! E assim, com esta alegria, com esta segurança de

que Jesus está connosco, seremos felizes e faremos os outros felizes. Deve ser este o nosso testemunho.

ABERTURA DA PORTA SANTA E SANTA MISSA NA NOITE DE NATAL INÍCIO DO
JUBILEU ORDINÁRIO

NATAL DO SENHOR

Basílica Vaticana

Terça-feira, 24 de dezembro de 2024

Um anjo do Senhor, envolto em luz, ilumina a noite e traz aos pastores a boa nova: «Anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor» (*Lc 2, 10-11*). Entre o espanto dos pobres e o canto dos anjos, o céu abre-se sobre a terra: Deus fez-se um de nós para que fossemos como Ele, desceu para o meio de nós a fim de nos reerguer e nos reconduzir ao abraço do Pai.

É esta, irmãs e irmãos, a nossa esperança. Deus é o Emanuel, é Deus conosco. O infinitamente grande se fez pequeno, a luz divina brilhou nas trevas do mundo, a glória do céu apareceu na terra. Como? Na pequenez de uma Criança. E se Deus vem, mesmo quando o nosso coração parece uma pobre manjedoura, então podemos dizer: a esperança não está morta, a esperança está viva e envolve a nossa vida para sempre! A esperança não desilude.

Irmãs e irmãos, com a abertura da Porta Santa iniciámos um novo Jubileu: cada um de nós pode entrar no mistério desse anúncio de graça. Esta é a noite em que a porta da esperança foi escancarada para o mundo; esta é a noite em que Deus diz a cada um: há esperança também para ti! Há esperança para cada um de nós. Mas não esqueçais, irmãs e irmãos, que Deus perdoa tudo, Deus perdoa sempre. Não esqueçais isto, que é uma maneira de compreender a esperança no Senhor.

Para acolher este dom, somos chamados a pôr-nos a caminho com o espanto dos pastores de Belém. O Evangelho diz que eles, tendo recebido o anúncio do anjo, «foram apressadamente» (*Lc 2, 16*). Esta é a indicação para reencontrar a esperança perdida, para a renovar em nós, para a semear nas desolações do nosso tempo e do nosso mundo: apressadamente. E

existem tantas desolações neste tempo! Pensemos nas guerras, nas crianças metralhadas, nas bombas nas escolas e nos hospitais. Sem demorar, sem abrandar o passo, mas deixando-se atrair pela boa nova.

Apressadamente, vamos ver o Senhor que nasceu para nós, com o coração leve e desperto, pronto para o encontro, para podermos então traduzir a esperança nas situações da nossa vida. E esta é a nossa tarefa: traduzir a esperança nas diferentes situações da vida. Porque a esperança cristã não é um final feliz que deve ser aguardado passivamente, não é um *happy end* de um filme: é a promessa do Senhor a ser acolhida aqui e agora, nesta terra que sofre e geme. Ela pede-nos, portanto, que não nos demoremos, que não nos arrastemos nos hábitos, que não nos detenhamos na mediocridade e na preguiça; pede-nos – como diria Santo Agostinho – que nos indignemos com as coisas que não estão bem e tenhamos a coragem de as mudar; pede-nos que nos façamos peregrinos em busca da verdade, sonhadores que nunca se cansam, mulheres e homens que se deixam inquietar pelo sonho de Deus, que é o sonho de um mundo novo, onde reinem a paz e a justiça.

Aprendamos com o exemplo dos pastores: a esperança que nasce nesta noite não tolera a indolência dos sedentários e a preguiça dos que se acomodaram no seu próprio conforto – e muitos de nós corremos o risco de nos acomodar no próprio conforto –; a esperança não admite a falsa prudência dos que não se arriscam por medo de se comprometerem e o calculismo dos que só pensam em si próprios; a esperança é incompatível com a vida tranquila dos que não levantam a voz contra o mal e contra as injustiças cometidas diretamente sobre os mais pobres. Pelo contrário, a esperança cristã, ao mesmo tempo que nos convida a esperar pacientemente que o Reino germine e cresça, exige de nós a audácia de antecipar hoje essa promessa, através da nossa responsabilidade, mas não só, através também da nossa compaixão. E aqui talvez nos faça bem questionar a nossa compaixão: será que tenho compaixão? Sei *sofrer com*? Pensemos nisso.

Olhando para a forma como muitas vezes nos acomodamos neste mundo, adaptando-nos à sua mentalidade, um grande padre escritor rezava assim no Santo Natal: «Senhor, peço-vos um pouco de tormento, inquietação e remorso. No Natal, gostaria de me encontrar insatisfeito.

Contente, mas também insatisfeito. Contente por causa do que fazeis, insatisfeito por causa da minha falta de respostas. Tirai, por favor, a nossa falsa paz e colocai um punhado de espinhos na nossa “manjedoura” que está sempre muito cheia. Ponde nas nossas almas o desejo de algo mais» (A. Pronzato, *La novena di Natale*). O desejo de algo mais. Não fiques parado. Não esqueçamos que a água parada é a primeira a se corromper.

A esperança cristã é precisamente o “algo mais” que nos pede para avançarmos “apressadamente”. Realmente, nós, discípulos do Senhor, somos convidados a encontrar n’Ele a nossa maior esperança e a levá-la sem demora, como peregrinos de luz nas trevas do mundo.

Irmãs, irmãos, este é o Jubileu, este é o tempo da esperança! E ele convida-nos a redescobrir a alegria do encontro com o Senhor, chama-nos a uma renovação espiritual e compromete-nos na transformação do mundo, para que este se torne verdadeiramente um tempo jubilar: que seja assim para a nossa mãe Terra, desfigurada pela lógica do lucro; que seja assim para os países mais pobres, sobrecarregados de dívidas injustas; que seja assim para todos aqueles que são prisioneiros de antigas e novas escravidões

A nós, a todos nós, o dom e o compromisso de levar a esperança onde ela se perdeu: onde a vida está ferida, nas expectativas traídas, nos sonhos desfeitos, nos fracassos que despedaçam o coração; no cansaço de quem já não aguenta mais, na solidão amarga de quem se sente derrotado, no sofrimento que consome a alma; nos dias longos e vazios dos encarcerados, nos aposentos estreitos e frios dos pobres, nos lugares profanados pela guerra e pela violência. Levar esperança nestes lugares, semear esperança nesses locais.

O Jubileu abre-se para que a todos seja dada a esperança, a esperança do Evangelho, a esperança do amor, a esperança do perdão.

Votemos ao presépio, olhemos para o presépio, observemos a ternura de Deus manifestada no rosto do Menino Jesus, perguntemo-nos: «Há no nosso coração esta expectativa? Há no nosso coração esta esperança? [...] Ao contemplar a bondade de Deus que vence a nossa desconfiança e os nossos medos, contemplemos também a grandeza da esperança que nos

aguarda. [...] Que esta visão da esperança ilumine o nosso caminho cotidiano» (C. M. Martini, *Homilia de Natal*, 1980).

Nesta noite, irmã, irmão, é para ti que se abre a “porta santa” do coração de Deus. Jesus, Deus-connosco, nasce para ti, para mim, para nós, para cada homem e mulher. E, sabes, com Ele a alegria floresce, com Ele a vida muda, com Ele a esperança não desilude.

Prisão de Rebibbia, em Roma

quinta-feira, 26 de dezembro de 2024

Amadas irmãs e irmãos, bom dia e feliz Natal!

Hoje eu quis abrir de par em par a Porta aqui. Abri a primeira em São Pedro, a segunda é a vossa. É um gesto muito bonito, abrir de par em par: abrir as portas! Mas o mais importante é o que significa: abrir o coração. Corações abertos! E é isto que a fraternidade faz. Os corações fechados, duros, não ajudam a viver. Por isso, a graça de um Jubileu é abrir, abrir de par em par e sobretudo abrir o coração à esperança. A esperança não desilude (cf. *Rm 5, 5*), nunca! Pensai bem nisto! Eu também penso assim, pois nos momentos negativos pensa-se que tudo acabou, que nada se resolve. Mas a esperança nunca desilude!

Gosto de pensar na esperança como na âncora que está na margem e nós estamos ali com a corda, seguros, porque a nossa esperança é como a âncora em terra firme (cf. *Hb 6, 17-20*). Não percais a esperança! Esta é a mensagem que vos quero transmitir; a todos, a todos nós. Primeiro a mim. A todos. Não percais a esperança! A esperança nunca desilude, nunca! Às vezes a corda é dura e fere as nossas mãos... mas com a corda, sempre com a corda na mão, olhando para a margem, a âncora leva-nos em frente. Há sempre algo bom, há sempre algo que nos faz ir em frente!

A corda na mão e, segundo, as janelas bem abertas, as portas escancaradas. Sobretudo a porta do coração. Quando o coração está fechado, torna-se duro como uma pedra; esquece-se a ternura. Até nas situações mais difíceis - cada um de nós tem a sua, mais fácil, mais difícil, penso em vós – com o coração sempre aberto; é o coração que nos faz irmãos. Abri de par em par as portas do coração! Cada um sabe como o fazer. Cada um sabe onde a porta está fechada ou meio fechada. Todos sabem!

Digo-vos duas coisas. Primeiro: *a corda na mão*, com a âncora da esperança! Segundo: *escancarai as portas do coração!* Abrimos esta, mas é

um símbolo da porta do nosso coração.

Desejo-vos um grande Jubileu! Desejo-vos muita paz, muita paz! E todos os dias rezo por vós, realmente! Não é um modo de dizer. Penso em vós e rezo por vós. E vós rezai por mim. Obrigado!

Palavras improviadas após a Bênção conclusiva.

Agora não esqueçamos as duas coisas que devemos fazer com as mãos. Primeiro: *agarrar-nos à corda da esperança*, agarrar-nos à âncora, à corda. Nunca a larguemos. Segundo: *abrir o coração*. Corações abertos. Que o Senhor nos ajude nisto. Obrigado!

Palavras improvidadas no final da Santa Missa.

Antes de terminar, desejo feliz ano novo a todos! Que o próximo ano seja melhor do que este. Cada ano deve ser melhor. Além disso, daqui, quero saudar os presos que ficaram nas celas, que não puderam vir. Uma saudação a todos e a cada um de vós!

E não vos esqueçais: agarrar-se à âncora. De mãos dadas, não vos esqueçais. Feliz ano novo a todos. Obrigado!

PRIMEIRAS VÉSPERAS DA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS E TE
DEUM DE AÇÃO DE GRAÇAS PELO ANO QUE PASSOU

Basílica de São Pedro

Terça-feira, 31 de dezembro de 2024

Esta é a hora da ação de graças, e temos a alegria de a viver celebrando Santa Mãe de Deus. Ela, que guarda no seu coração o mistério de Jesus, ensina também cada um de nós a ler os sinais dos tempos à luz desse mistério.

O ano que está a chegar ao fim foi muito atarefado para a cidade de Roma. Os cidadãos, peregrinos, turistas e todos os que se encontravam de passagem experimentaram a típica fase que precede um Jubileu, com a multiplicação de grandes e pequenos estaleiros de obras. Esta tarde é o momento para uma reflexão sapiencial, para considerar que todo este trabalho, para além do valor que tem em si mesmo, teve um significado que corresponde à própria vocação de Roma, a sua vocação universal. À luz da Palavra de Deus que acabámos de ouvir, esta vocação poderia exprimir-se assim: Roma é chamada a acolher todos para que todos se reconheçam filhos de Deus e irmãos uns dos outros.

Por isso, neste momento, queremos elevar a nossa ação de graças ao Senhor porque nos permitiu trabalhar, e trabalhar muito, mas sobretudo porque nos deu a possibilidade de o fazer com este grande sentido, com este amplo horizonte que é a esperança da fraternidade.

O lema do Jubileu, “Peregrinos de esperança”, é rico de significados, consoante as diversas perspectivas possíveis, que constituem outros tantos “caminhos” de peregrinação. E um destes grandes caminhos de esperança por onde caminhar é a fraternidade: é a estrada que propus na Encíclica *Fratelli tutti*. Sim, a esperança do mundo está na fraternidade! E é bom pensar que, nestes últimos meses, a nossa Cidade se tornou um estaleiro de obras com este propósito, com este amplo sentido: preparar-se para acolher homens e mulheres de todo o mundo, católicos e cristãos de outras confissões, crentes de todas as religiões, buscadores da verdade, da liberdade, da justiça e da paz, todos peregrinos de esperança e fraternidade.

Mas é preciso perguntarmo-nos: esta perspectiva tem algum fundamento? A esperança de uma humanidade fraterna é apenas um slogan retórico ou tem uma base “rochosa” sobre a qual se pode construir algo estável e duradouro?

Esta resposta é dada pela Santa Mãe de Deus, ao mostrar-nos Jesus. A esperança de um mundo fraterno não é uma ideologia, nem um sistema económico, nem o progresso tecnológico. A esperança de um mundo fraterno é Ele, o Filho encarnado, enviado pelo Pai para que todos nos tornemos o que somos, isto é, filhos do Pai que está nos céus e, portanto, irmãos e irmãs entre nós.

E assim, enquanto admiramos com gratidão os resultados das obras realizadas na cidade – agradecemos o trabalho de tantos e tantos homens e mulheres que o fizeram, agradecemos ao senhor Presidente da Câmara por este trabalho de levar em frente a cidade –, tomamos consciência de qual é o estaleiro de obras mais decisivo, o que implica cada um de nós: esse estaleiro de obras é aquele em que, todos os dias, permitirei a Deus que mude em mim o que não é digno de um filho, o que não é humano, e é aquele em que me comprometerei, cada dia, a viver como irmão e irmã do meu próximo.

Que a nossa Santa Mãe nos ajude a caminhar juntos, como peregrinos de esperança, na estrada da fraternidade. Que o Senhor nos abençoe a todos, perdoe os nossos pecados e nos dê força para prosseguir a nossa peregrinação no próximo ano. Obrigado!